

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23207

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEGUNDA-FEIRA 26 MARÇO 90 60\$00

EDITORIAL

Fez-se luz

Honra à Conferência do Comité Episcopal Europeu para os Media! Andávamos nós entretidos na lusa discussão do canal de televisão para a Igreja, quando de Fátima veio a luz: não é uma bizzarria portuguesa, é a Igreja europeia, toda ela, que se lança ao assalto dos Céus, via satélite. E para quê? para criar um canal católico que "em termos estritamente religiosos, não deverá ultrapassar os 15 por cento", sendo os restantes 85 de informação e entretenimento, onde se faça ouvir "qualitativamente a voz do cristianismo". Fez-se luz. Ficamos assim um pouco mais elucidados sobre o que pensam os bispos que seja uma "televisão da Igreja" - coisa que até aqui ninguém se tinha dado ao trabalho de explicar.

Colocada assim a questão, pouco se terá falado do problema português - que, segundo D. António Marcelino, bispo de Aveiro e presidente da Comissão, "não tem a dimensão necessária" para ali ser tratado.

Mas deste encontro saem novas dúvidas, a requerer resposta. Se houver um canal europeu da Igreja, justifica-se um canal português? Há mais que uma Igreja sob o céu de Roma? Para ter 15 por cento de "programação religiosa", justifica-se um canal? Se a Igreja reclama um canal em nome da maioria católica, como é que essa maioria não se reflecte nas televisões públicas e privadas, e é preciso criar uma, única, verdadeira, episcopal?

A Televisão é um enorme poder. Antes de o conceder seja a quem for, urge definir as formas e os limites do seu uso. Excluir dessa delimitação a Igreja é uma inadmissível fuga aos princípios democráticos - que, noutros países e noutras religiões, acusariam de fundamentalista. Com tanto menos defesa quanto se sabe no que se transformaram, noutros países, as emissões religiosas - ou se conhece o pendor comercial da Rádio Renascença.

Diana Andringa

Bispos querem satélite para TV

A Igreja marca um lugar no céu

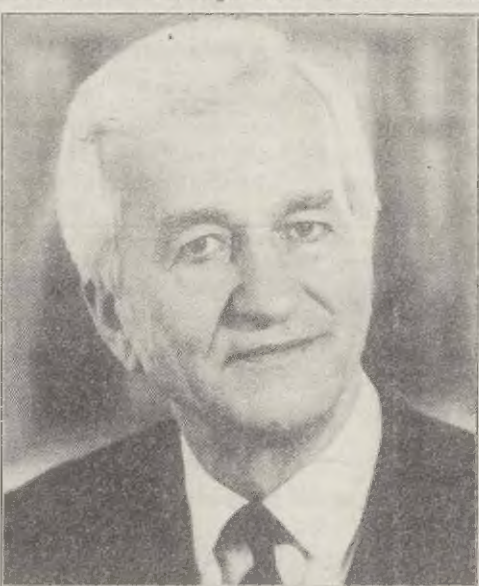


Fátima foi o lugar escolhido para o anúncio: a Igreja Católica vai estudar a criação de uma TV europeia, com recurso a um satélite artificial. Será um bispo português, D. António Marcelino, presidente do CEEM - o organismo das Conferências Episcopais Europeias, especializado em informação - o responsável pelo acompanhamento do assunto. Tudo isto quando o fenómeno das televisões privadas «conquista» a opinião pública. É esse o tema da Grande Angular - que inclui uma sondagem - e da mesa redonda que inserimos nesta edição.

Págs. 2, 3, 4, 20, 21 e 22

Eleições no fim-de-semana

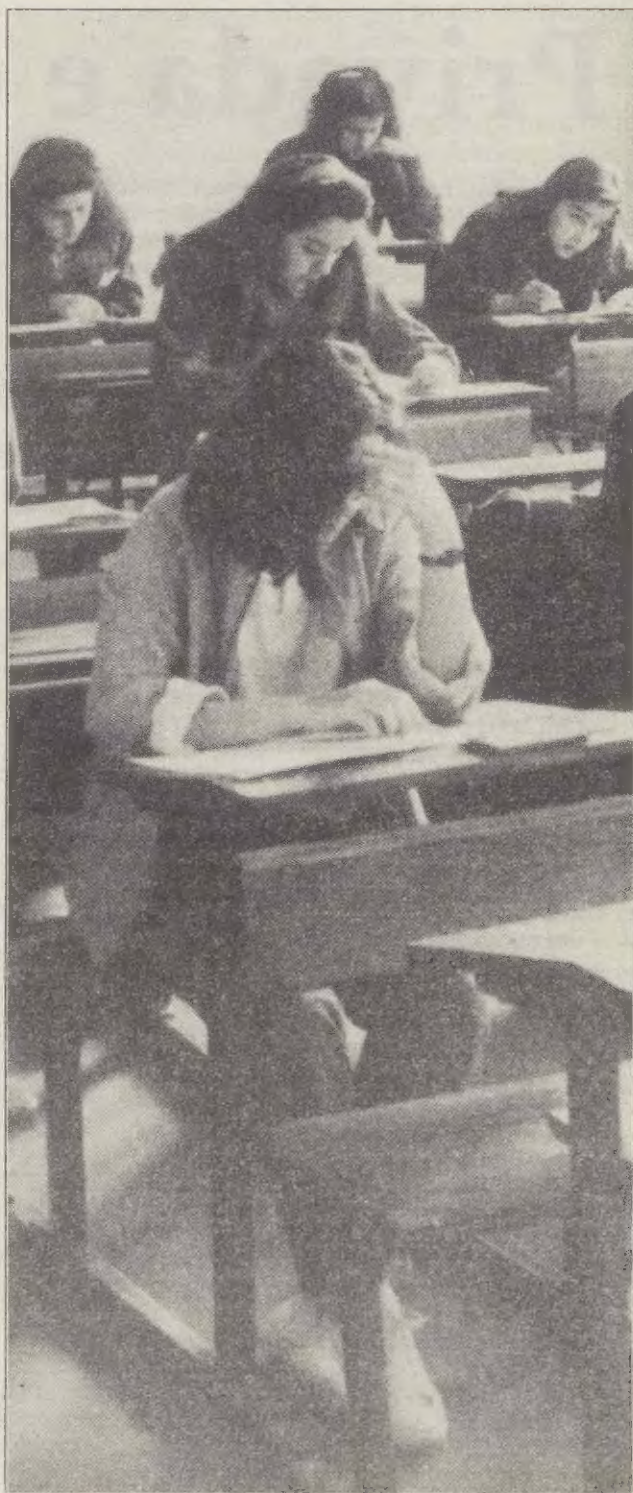
Hungria: o centro ao poder Austrália: olhos em Kennedy



Weizsaeker em Lisboa

O presidente da RFA iniciou hoje uma visita oficial a Portugal que ele próprio classifica como «visita de amigos, dada a ausência de contencioso entre os dois países». A unificação alemã será, no entanto, sombra e tema dos encontros, embora Weizsaeker tenha já dito que a Europa do Sul não será prejudicada pelo que se passa a Leste. Págs. 10, 18 e 19

O Forum Democrático, um partido democrata cristão, de centro-direita, figura à cabeça dos resultados parciais das primeiras eleições livres, em mais de 40 anos, ontem realizadas na Hungria. Com 24,88 por cento, o Forum era seguido pela Aliança (social-liberal) dos Democratas Livres, com 19,37, prevendo-se a sua coligação para formar Governo. Na Austrália, país onde sábado também houve legislativas, estando o escrutínio atrasado, as previsões apontam para um empate entre trabalhistas e conservadores. A esperança de vitória para ambos reside na escolha de três mil eleitores da localidade de Kennedy, que só hoje votam. Págs. 15, 16 e 17



Três horas para julgar 12 anos

Os estudantes que querem ingressar no ensino superior foram esta manhã submetidos à Prova Geral de Acesso. Nas três horas regulamentares (incluindo trinta minutos de tolerância), os candidatos foram interrogados sobre um texto de José Régio, «O Grito» e, à escolha, sobre um poema de Pessoa, o papel da comunicação audiovisual e o previsível aparecimento de um novo tipo de analfabetismo. Pág. 23



Ecologistas apelam a Mário Soares contra leis do Governo

Pág. 12

Morais e Silva no Instituto de Defesa Nacional Pág. 10

Sargentos têm novo caderno reivindicativo Pág. 10

Filme da Lituânia ganha Festival do Estoril Pág. 26

Totobola: o bolo subiu para 50 mil contos Pág. 33

GRANDE
ANGULAR

Os portugueses querem mais e melhor televisão. Um inequívoco desejo comprovado por mais uma sondagem Euroteste/«DL», a qual, no entanto, não é tão clara sobre a maior ou menor legitimidade da atribuição, sem concurso, de um canal de TV à Igreja

Privada e desenlatada

Os resultados da primeira pergunta desta sondagem mostram claramente que a maioria dos inquiridos é a favor da abertura da Televisão à iniciativa privada. Com efeito, 84,1 por cento das pessoas entrevistadas justificam totalmente o fim do monopólio da RTP e 9,4 por cento também o fazem, mas só em parte. Contra tal abertura, manifestaram-se apenas 5,2 por cento dos inquiridos.

Entre os adeptos incondicionais da TV privada vê-se que os homens (87,8 por cento) sobressaem em relação às mulheres (80,8 por cento), tal como a classe alta (88,4 por cento por contraponto com a classe baixa (78,9 por cento). Por escalões etários, nota-se uma adesão máxima à TV privada por parte das pessoas entre os 25 e os 34 anos (93,4 por cento) e um mínimo no escalão 35 aos 54 anos (77,6 por cento).

Diversificar a escolha

Em seguida, perguntou-se, mas apenas aos adeptos da TV privada, como é que eles justificavam a sua posição. Aí, 33,2 por cento responderam que o fazem por uma «diversificação da escolha», 25,5 por cento por que obterão uma «melhoria da qualidade da programação» e 19,6 por cento por que «deve haver concorrência».

Todas as outras hipóteses de justificação dadas aos inquiridos, tais como uma

«maior liberdade de expressão» ou um «enriquecimento cultural», recolheram percentagens pouco significativas no conjunto destas respostas, à excepção da justificação de que «a televisão actual não satisfaz», que registou 8,9 por cento do total.

Em relação aos que defendem o monopólio da televisão pública, apenas 5,2 por cento do total dos inquiridos, nota-se que este «radicalismo» tem uma expressão máxima no escalão etário dos 35 aos 54 anos (7,1 por cento) e na classe baixa (10,2 por cento).

Interpelados sobre as razões da sua antipatia para com a TV privada, 7,3 por cento destes inquiridos responderam que «a RTP satisfaz», 8,8 por cento disseram que «não se justifica uma canal para a Igreja» e 7,2 por cento alegaram que a iniciativa privada na TV é sinónimo de «lucros fáceis». De salientar, a propósito, que 64,7 por cento destes «furiosos» da RTP justificaram a sua posição com frases do tipo: «a TV privada vai causar problemas e não é solução para os portugueses», «não vale a pena ter mais televisão» ou «é uma porta aberta só para determinadas pessoas».

Estatuto de excepção

Face à polémica da atribuição de um canal de televisão à igreja católica portuguesa, perguntou-se

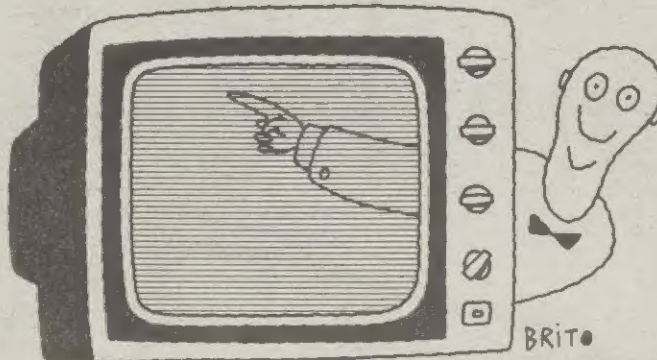
em seguida às pessoas se concordavam ou não com a posição da Igreja em não querer entrar em concurso público com outros candidatos.

Uma pergunta com resultados bem dispersos, dado que 36,4 por cento dos inquiridos manifestaram a sua total concordância com a posição da hierarquia católica, 17,5 por cento disseram concordar parcialmente com essa escusa e 42,8 por cento pronunciaram-se contra.

Entre os adeptos incondicionais do estatuto de excepção da Igreja, vê-se que esta posição é mais forte nas mulheres (39,8 por cento) do que nos homens (32,3 por cento), atingindo uma expressão máxima nas pessoas com 55 anos ou mais (54,1 por cento) e na classe baixa (54,1 por cento), e registando um mínimo no escalão etário dos 25 aos 34 (23 por cento) e na classe média (27,3 por cento).

No grupo dos que não aceitam esse estatuto de excepção da Igreja, nota-se que os homens (45,4 por cento) se destacam em relação às mulheres (40,6 por cento), tal como os mais novos (63,1 por cento) em comparação com os mais velhos (25,3 por cento), ou a classe alta (49,5 por cento) em confronto com a classe baixa (31,5 por cento).

Instados a pronunciar-se sobre as razões pelas quais não concordam com a



posição de excepção da Igreja, os inquiridos seleccionaram, cumulativamente, os seguintes argumentos: «Vai contra a livre concorrência», 55 por cento; «É um privilégio que não se pode admitir», 40,6 por cento; «É antidemocrático», 38,2 por cento; «É um abuso de poder», 25,7 por cento; «É anticonstitucional», 23,7 por cento.

É arriscado favorecer

Partindo do princípio de que o Governo parece querer favorecer a Igreja, perguntou-se depois às pessoas se se justifica, ou não, essa atitude do Executivo.

De novo, o conjunto de respostas dispersou-se, com 31,8 por cento dos inquiridos a ratificarem incondicionalmente a atitude do

Governo, 27,4 por cento a justificarem em parte esse comportamento e 35,7 por cento a não concordarem com esse favorecimento.

Resultados parecidos recolheu a pergunta seguinte, sobre se os deputados do PSD na Assembleia da República actuaram bem, ou mal, quando «obrigaram» o Governo a favorecer mais abertamente a Igreja.

Assim, 38,5 por cento dos inquiridos classificaram a actuação dos deputados do PSD como «boa» ou «muito boa», enquanto 34,3 por cento a considerou «má» e «muito má». Curiosamente, 24,4 por cento dos entrevistados disseram que os deputados não actuaram «nem bem nem mal» e apenas 2,8 por cento alegaram não saber responder à pergunta.

Note-se que os defensores da actuação dos deputados são mais numerosos entre a classe baixa, no escalão dos 25 aos 34 anos e entre as mulheres. Por seu turno, os críticos desta atitude dos deputados são mais expressivos entre os homens, os mais novos e na classe alta.

Melhora a qualidade

Por último, esta sondagem Euroteste/«DL» tentou apurar algumas das consequências, positivas ou negativas, da abertura da Televisão à iniciativa privada.

Neste quadro, e instados a pronunciar-se sobre se a TV privada irá melhorar, ou não, a qualidade da programação, 77,9 por cento dos inquiridos responderam afirmativamente, contra 4,5 por cento de respostas negativas e 14,6 por cento que optaram por um «talvez».

Já sobre a redução eventual do espaço de publicidade televisiva, 45,6 por cento dos inquiridos disseram que a TV privada não o vai reduzir, contra 23,6 por cento de respostas afirmativas e 21,1 por cento que concedem o benefício da dúvida.

Em relação a um possível aumento da variedade dos

programas a apresentar p...
televisão privada, 73,2 p...
cento dos entrevistados d...
por seguro, contra 4,6 p...
cento de cépticos e 18,4 p...
cento de hesitantes.

Sobre o previsív...
aumento da produção...
programas portugueses...
56,5 por cento dos inquir...
acredita que ele vai ser u...
realidade, contra apenas...
por cento de incrédulos e...
por cento que adiantam u...
cauteloso «talvez».

Resultados parecidos co...
os da pergunta sobre r...

	SEXO		IDADE				CLASSE			
	Mascu	Femi	18 a	25 a	35 a	55	A/B	C1	C2/D	
TOTAL	lino	nino	24	34	54	mais				

A Igreja Católica pretende o 2.º Canal da Televisão sem ter que concorrer em concurso público com outros candidatos.
CONCORDA OU NÃO COM A POSIÇÃO DA IGREJA?

Conc. totalmente	36.4	32.3	39.8	24.3	23.0	36.7	54.1	29.9	27.3	54.1
Conc. em parte	17.5	19.7	15.6	12.6	26.3	15.4	16.0	16.9	22.2	12.1
Não concorda	42.8	45.4	40.6	63.1	49.0	43.2	25.3	49.5	46.6	31.5
Não sabem	3.1	2.6	3.5	—	1.7	4.1	4.6	3.7	3.2	2.3
NR	.3	—	.5	—	—	.7	—	—	.7	—

O Governo parece querer favorecer a Igreja.
Essa atitude do Governo justifica-se...

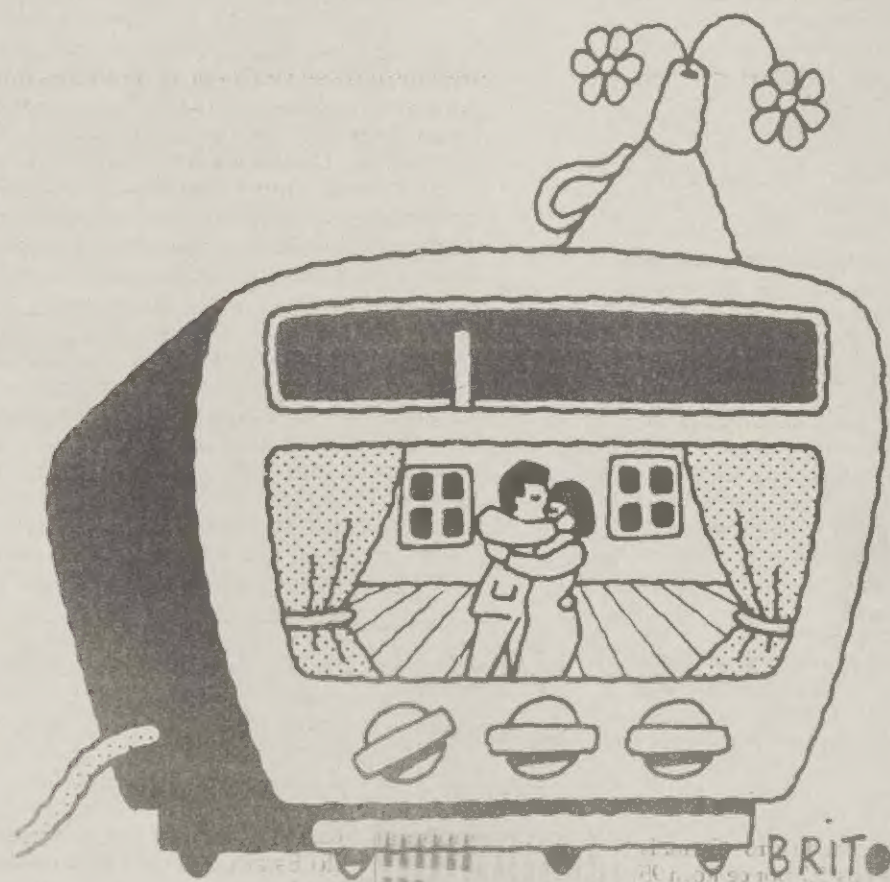
Totalmente	31.8	28.4	34.7	18.7	16.6	37.3	44.6	21.3	29.0	45.6
Em parte	27.4	30.3	24.9	22.6	33.4	26.3	26.5	31.2	32.1	17.6
N/se justifica	35.7	38.2	33.5	58.7	43.0	33.0	19.9	42.3	33.2	32.4
Não sabem	5.1	3.1	6.8	—	7.0	3.4	9.0	5.2	5.7	4.3
NR	.4	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Os deputados do PSD na AR obrigaram o Governo a favorecer mais abertamente a Igreja Católica.
Eles agiram...

Muito bem	8.0	6.1	9.6	3.6	3.1	9.3	12.8	2.7	4.0	18.2
Bem	30.5	29.5	31.4	21.6	30.3	29.6	37.2	37.1	23.3	33.2
Nem bem nem mal	24.4	25.1	23.8	30.5	33.0	21.0	18.5	19.1	30.4	22.1
Mal	26.2	27.0	25.5	35.1	32.4	21.4	22.5	28.1	30.6	18.8
Muito mal	8.1	9.6	6.8	9.1	1.2	15.0	3.6	11.9	8.0	4.5
Não sabe	2.8	2.5	3.0	—	—	3.8	5.4	1.2	3.8	3.2
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

A abertura da Televisão à iniciativa privada justifica-se...

Totalmente	84.1	87.8	80.8	85.3	93.4	77.6	84.6	88.4	84.8	78.9
Em parte	9.4	6.6	11.9	7.1	4.9	14.5	7.5	7.6	11.9	8.1
N/se justifica	5.2	5.0	5.3	4.6	1.7	7.1	5.7	4.0	2.1	10.2
Não sabem	1.3	.6	1.9	3.0	—	.9	2.1	—	1.2	2.8



Im inequívoco gem ão clara buição, reja

Note-se que os defensores da actuação dos deputados são mais numerosos entre a classe baixa, no escalão dos 25 aos 34 anos e entre as mulheres. Por seu turno, os críticos desta atitude dos deputados são mais expressivos entre os homens, os mais novos e na classe alta.

Melhora a qualidade

Por último, esta sondagem Euroteste/«DL» tentou apurar algumas das consequências, positivas ou negativas, da abertura da Televisão à iniciativa privada.

Neste quadro, e instados a pronunciar-se sobre se a TV privada irá melhorar, ou não, a qualidade da programação, 77,9 por cento dos inquiridos responderam afirmativamente, contra 4,5 por cento de respostas negativas e 14,6 por cento que optaram por um «talvez».

Já sobre a redução eventual do espaço de publicidade televisiva, 45,6 por cento dos inquiridos disseram que a TV privada não o vai reduzir, contra 23,6 por cento de respostas afirmativas e 21,1 por cento que concedem o benefício da dúvida.

Em relação a um possível aumento da variedade dos



programas a apresentar pela televisão privada, 73,2 por cento dos entrevistados dá-o por seguro, contra 4,6 por cento de cépticos e 18,4 por cento de hesitantes.

Sobre o previsível aumento da produção de programas portugueses, 56,5 por cento dos inquiridos acredita que ele vai ser uma realidade, contra apenas 9,8 por cento de incrédulos e 29 por cento que adiantam um cauteloso «talvez».

Resultados parecidos com os da pergunta sobre um

hipotético aumento da produção de programas culturais, em que acreditam 68,5 por cento dos entrevistados, contra 5 por cento de cépticos e 19,9 por cento de cautelosos.

Surpreendente, o número dos que consideram que a TV privada vai interferir negativamente na vida democrática: 68,2 por cento. Uma asserção negada por apenas 9,4 por cento dos inquiridos e condicionalmente admitida por 14,2 por cento.

Em relação aos privilégios, 36,6 por cento dos inquiridos acreditam que a TV privada vai privilegiar certos sectores da sociedade, contra 29,7 por cento que recusam esse comportamento e 27 por cento que admitem que ele ocorra.

Por último, de salientar que 50,8 por cento dos entrevistados não acreditam que a TV privada vá tornar a informação menos isenta. Essa melhoria é apenas dada como segura por 22,8 por cento dos inquiridos e condi-

cionalmente admitida por 19,8 por cento.

Norte apoia mais a Igreja

Comparando as opiniões recolhidas na Grande Lisboa e no Grande Porto, vê-se que há apenas 4,5 pontos de diferença entre os que justificam a abertura da televisão à iniciativa privada.

Porém, já no que respeita à posição da Igreja em não querer entrar no concurso público, em pé de igualdade com os outros concorrentes, a diferença é considerável: 59,8 por cento dos residentes no Grande Porto concordam, total ou parcialmente com essa posição da Igreja, enquanto na Grande Lisboa essa concordância regista apenas 41 por cento. Por isso, não admira que a actuação dos deputados do PSD, ao obrigarem o Governo a favorecer mais abertamente a Igreja, colha 69,6 por cento de aplausos no Grande Porto e apenas 57,3 por cento na Grande Lisboa.

Ficha técnica:

Amostra - Constituída por 301 entrevistas telefónicas a maiores de 18 anos residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, recolhidas por sete entrevistadores entre os dias 19 e 21.

Margem de erro - De mais ou menos 5,7 por cento, a 95 por cento de probabilidade.

CLASSE

35 a 55
54 mais A/B C1 C2/D

er que concorrer em concurso pú-

36,7	54,1	29,9	27,3	54,1
15,4	16,0	16,9	22,2	12,1
43,2	25,3	49,5	46,6	31,5
4,1	4,6	3,7	3,2	2,3
,7	—	—	,7	—

37,3	44,6	21,3	29,0	45,6
26,3	26,5	31,2	32,1	17,6
33,0	19,9	42,3	33,2	32,4
3,4	9,0	5,2	5,7	4,3
—	—	—	—	—

orecer mais abertamente a Igreja

9,3	12,8	2,7	4,0	18,2
29,6	37,2	37,1	23,3	33,2
21,0	18,5	19,1	30,4	22,1
21,4	22,5	28,1	30,6	18,8
15,0	3,6	11,9	8,0	4,5
3,8	5,4	1,2	3,8	3,2
—	—	—	—	—

77,6	84,6	88,4	84,8	78,9
14,5	7,5	7,6	11,9	8,1
7,1	5,7	4,0	2,1	10,2
,9	2,1	—	1,2	2,8



COMENTÁRIO

As capelas da Televisão

A Igreja Católica sempre teve duas faces: a da comunidade, considerada «povo de Deus», e a da hierarquia tutelar que nunca desistiu das tentações do poder. Se a hierarquia da Igreja há muito deixou de ser poder de governo, a verdade é que não deixou de influenciar os poderes do Estado. A pretexto da difusão da fé, a pretexto da representatividade social, as instituições católicas têm conseguido alargar significativamente o seu espaço público de intervenção.

Em Portugal, além das tribunas litúrgicas, a Igreja detém a maioria dos títulos da Imprensa regional e uma das mais potentes rádios de expansão nacional: a Rádio Renascença. É a única estação privada no Mundo dotada de onda curta o que lhe dá o privilégio de se fazer ouvir a uma escala internacional pouco comum. Tem um carácter comercial, pouco diferindo na sua programação das suas concorrentes.

Consciente do seu grande poder de influência social, Sá Carneiro prometeu à Igreja um espaço televisivo, promessa que Cavaco Silva veio a herdar. Aberta a possibilidade constitucional de privatização da Televisão, a hierarquia católica cedo reivindicou «os seus direitos» ao mesmo tempo que se multiplicava o número dos candidatos a operadores.

Cavaco pensou. Pensou que, mais do que nunca, se impunha fortalecer a televisão do Governo, ou melhor, do Estado. Afinal, agora que se perdia o monopólio, mais se justificava precaver os interesses do poder. E se assim o pensou, assim o fez. A RTP foi reestruturada no pressuposto do redimensionamento dos seus dois canais. E a sua proposta de liberalização televisiva remeteu o cumprimento da promessa eleitoral social democrata para a metade de um dos novos canais.

Instalou-se então o reboliço, agitaram-se as hierarquias. A Renascença e alguns bispos manifestaram o seu descontentamento, o FSD assumiu-se como o melhor intérprete dos interesses em jogo e contrariou as intenções do seu Executivo. Os outros candidatos a proprietários televisivos sentiram que a presença da Igreja num canal privado diminui o espaço que lhes resta e protestam também.

O que a hierarquia católica pretende é um tratamento de excepção, gozar do tecto protector da televisão pública e poder disputar em pé de igualdade o mercado publicitário. É assim que se tem comportado na Rádio. É assim que encaixa a Televisão.

O Governo, perante a intensa pressão da Igreja, não quer perder as suas boas graças nem prescindir da sua influência. Simultaneamente, não abdica do seu império RTP que, após a liberalização, poderá ter ainda um impacto público preponderante. Esta é a contradição que assola Cavaco Silva e que o tem levado a admitir as mais incríveis soluções: entregar à Igreja um canal privado por inteiro, ou então, se necessário, nacionalizá-lo para o colocar nas suas mãos.

Mais do que ser veículo de expansão da fé, o Patriarcado pretende rivalizar no mercado com condições vantajosas de partida, o que desde logo desvirtua as leis da concorrência. A importância da sua representatividade social não deve implicar favores do Estado para a sua implantação comercial, tanto mais que o seu objectivo é religioso. Pode sim originar um alargamento da intervenção que detém na RTP.

É conhecido o fascínio do cardeal-patriarca pelo poder (da televisão). Há muito que se habituou a enfiar as câmaras. Agora, pretende a todo o custo que lhe concedam de mão beijada o privilégio de fabricar e difundir as suas próprias imagens. Depois da Rádio, tudo indica que o mesmo vai acontecer na Televisão. Dois impérios mediáticos tendem a perpetuar-se: o do Estado e o do Patriarcado. Por aqui parecem ficar as «virtudes» do liberalismo governamental.



António José Teixeira

**GRANDE
ANGULAR**

A televisão da Igreja Católica foi a questão que monopolizou o debate em torno da abertura do ecrã à iniciativa privada. A Igreja deve ocupar um canal público ou privado? Em que condições? Com publicidade? Sem publicidade? Concessão? Concurso público? Estas algumas das questões que o «DL» colocou aos principais candidatos a operadores

Pinto Balsemão

Grupo SIC - Sociedade
Independente de Comunicação

«Acho que a Igreja pode, se quiser, concorrer a um canal privado»

DL - Acha que a Igreja deve ter um canal público ou privado?

PB - Acho que a Igreja pode, se quiser, concorrer a um canal privado.

DL - Em que condições? Regime de tempo de antena? Com publicidade? Sem publicidade?

PB - Em igualdade de circunstâncias com todos os outros interessados, e através de concurso público, como o impõe o artº 38 da Constituição, se desejar fazer televisão comercial.

Usufruindo de tempo de antena num canal público, se desejar fazer apostolado, ao abrigo do artº 41 da Constituição. Neste caso não terá direito a publicidade.

DL - Concorde que o Governo deva privilegiar a Igreja Católica oferecendo-lhe um canal ou dando-lhe condições de preferência?

PB - A Igreja Católica, como confissão religiosa, detém uma indiscutível posição prioritária em Portugal. Por isso, repito, como confissão religiosa, deverá ser privilegiada, em tempo de antena, relativamente às outras confissões religiosas.

A Igreja Católica, como empresa concorrente a um canal privado de televisão, não goza de qualquer privilégio, pelo que, como já disse, deverá apresentar-se, em condições de igualdade, a concurso público.

DL - Depois de toda esta polémica, face à posição do Governo, como poderá ser resolvido o problema?

PB - O problema é do Governo e da Igreja. Como candidato à exploração de um dos canais de televisão privado, o Grupo SIC deseja apenas que a concorrência seja aberta, universal e transparente.

Nesse sentido, entendemos que inclusão de horas para as confissões religiosas (leia-se Igreja Católica) nos canais privados não faz sentido.

Trata-se, antes do mais, da transferência para o sector privado de uma responsabilidade assumida pelo Governo e só por ele.

Por outro lado, esta disposição não só vem consagrar a possibilidade da televisão a retalho (mais de um operador partilhando o mesmo canal), à qual o Grupo SIC sempre se opôs, como vem agravar a incoerência de programação, e a divisão das despesas, resultante da introdução de várias horas de programação de uma estação comercial.

Finalmente, é óbvio que os operadores privados que se associem à Igreja Católica terão, à partida, garantido o licenciamento o que, de novo, falseará a intenção governamental de um concurso público universal e transparente.

A solução alternativa - de atribuir, sem concurso, um canal de televisão comercial à Igreja - não é apenas inconstitucional, visto que o artº 38 impõe concurso público, é também imoral, porque todos os outros interessados são prejudicados.

DL - Acha que a polémica gerada poderá redundar num adiamento da televisão privada em Portugal?

PB - Não vejo razão para isso. Já houve demasiados e desnecessários adiamentos.



Moreira da Silva

Grupo SONAE

«Não é aceitável que a Igreja Católica venha a ter a exploração da totalidade de um canal público»

DL - Acha que a Igreja Católica deve ter um canal público ou privado?

MS - A Igreja Católica poderá vir a ter um canal privado de televisão se o ganhar em concurso público sujeito a regras de concorrência leal entre todos os candidatos.

Não é aceitável que venha a ter a exploração da totalidade de um canal público, já que, por esse facto, passaria a ser mais um canal privado e como tal só poderia ser atribuído de acordo com as regras de concurso público.

Pode, no entanto, ocupar períodos de emissão num canal público se, no espírito da Constituição, os utilizar para a prossecução das suas actividades próprias.

DL - Em que condições? Regime de tempo de antena? Com publicidade? Sem publicidade?

MS - As condições em que venha a ter acesso a períodos de emissão em canal público devem ser negociadas entre este e a Igreja Católica, sem que se introduzam distorções que colidam com a necessidade de concorrenciaisidade entre todos os operadores.

DL - Concorde que o Governo deva privilegiar a Igreja Católica oferecendo-lhe um canal ou dando-lhe condições de preferência?

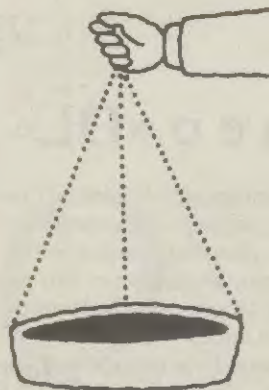
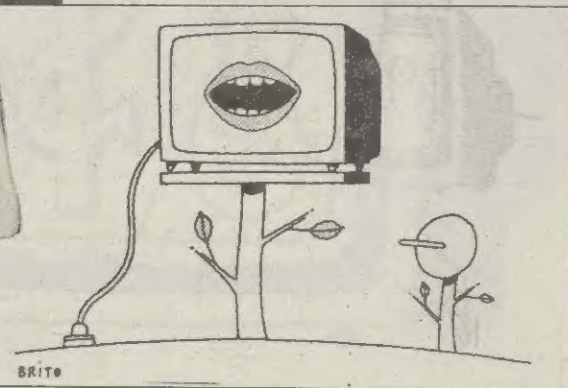
MS - As condições de preferência que o Governo venha a oferecer à Igreja Católica devem resultar da sua representatividade em relação às outras confissões religiosas, na distribuição de tempos que efectue em canal público, no cumprimento do artº 41 da Constituição.

DL - Depois de toda esta polémica, face à posição do Governo, como poderá ser resolvido o problema?

MS - Em nossa opinião, o problema poderá ser resolvido se seguidas as propostas acima enunciadas, abordadas pela via do diálogo e no estrito cumprimento da Lei, sem sofismar os objectivos da abertura da televisão ao sector privado que estiveram subjacentes à última revisão da Constituição.

DL - Acha que a polémica gerada poderá redundar num adiamento da televisão privada em Portugal?

MS - Esta polémica está já a traduzir-se num adiamento do processo que poderá vir a sofrer atrasos adicionais, se não houver o interesse político de caminhar rapidamente para a pluralidade de oferta de televisão e para o desenvolvimento da indústria audiovisual em Portugal.



Proença de Carvalho

Grupo Semanário

«A solução de... da Igreja para... privados é pert...

DL - Está de acordo com a Igreja Católica?

PC - Estou. Não o defeito. Entendo que dois canais...

E dado que existem correntes no Governo na concessão de... os deverão ser respeitados... que o Estado se reservou.

Além de que solução d... para um dos novos canais...

DL - Que tipo de perturbação...

PC - Se fosse adoptada a... Igreja partilharia com a ini... perturbador, para a Igreja associassem.

Se fosse a Igreja a conc... factor de perturbação, po... peso do que os outros... transparência e clareza, er... passe no concurso.

DL - Nesta eventualidade...

PC - Com a atribuição d... porque ao longo da noss... tólica têm partilhado a... nidade.

Por exemplo, através d...



monopolizou
va privada.
do? Em que
Concessão?
o «DL» colocou
ES

oreira
Silva
SONAE

Não é aceitável que a Igreja
Católica venha a ter
exploração da totalidade de
n canal público»

Acha que a Igreja Católica deve ter um
canal público ou privado?

A Igreja Católica poderá vir a ter um
canal privado de televisão se o ganhar em
um concurso público sujeito a regras de con-
dições leais entre todos os candidatos.

É aceitável que venha a ter a explo-
ração da totalidade de um canal público, já
por esse facto, passaria a ser mais um
canal privado e como tal só poderia ser
criado de acordo com as regras de con-
dições públicas.

no entanto, ocupar períodos de
um canal público se, no espírito da
lei, os utilizar para a prossecução
das actividades próprias.

Em que condições? Regime de tempo de
transmissão? Sem publicidade?

As condições em que venha a ter
a transmissão de emissão em canal
deve ser negociadas entre este e a
Igreja Católica, sem que se introduzam dis-
tâncias colidam com a necessidade de
paridade entre todos os opera-

Concorda que o Governo deva privilegiar
a Igreja Católica oferecendo-lhe um canal ou
em condições de preferência?

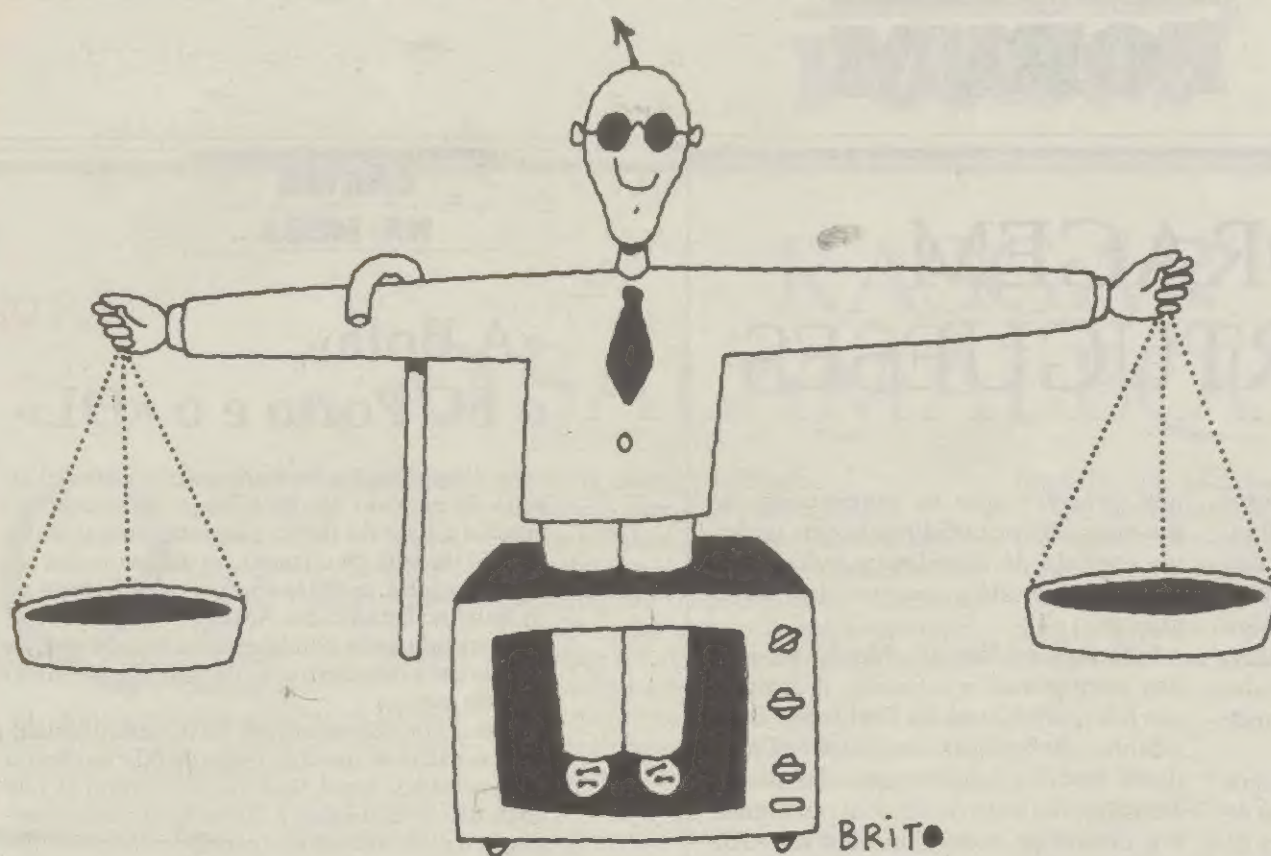
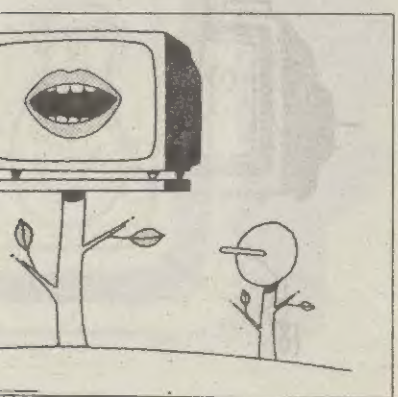
As condições de preferência que o
Governo venha a oferecer à Igreja Católica
resultar da sua representatividade em
relação às outras confissões religiosas, na
atribuição de tempos que efectue em canal
público, no cumprimento do artº 41 da Con-
stituição.

Depois de toda esta polémica, face à
posição do Governo, como poderá ser resolvido o
problema?

Em nossa opinião, o problema poderá
ser resolvido se seguidas as propostas acima
apresentadas, abordadas pela via do diálogo e
no cumprimento da Lei, sem sofismas
políticos da abertura da televisão ao sec-
tor privado que estiveram subjacentes à
revisão da Constituição.

Acha que a polémica gerada poderá redun-
tar no adiamento da televisão privada em Por-
tugal?

Esta polémica está já a traduzir-se
no adiamento do processo que poderá vir a
criar atrasos adicionais, se não houver o
compromisso político de caminhar rapidamente
para a pluralidade de oferta de televisão e
desenvolvimento da indústria audio-
visual em Portugal.



BRITO

Proença de Carvalho

Grupo Semanário

«A solução de encaminhar a televisão
da Igreja para um dos novos canais
privados é perturbadora»

DL - Está de acordo com a concessão de um canal de televisão à
Igreja Católica?

PC - Estou. Não o defendo por qualquer razão religiosa.
Entendo que dois canais públicos são um exagero.

E dado que existem compromissos da actual maioria e do
Governo na concessão de um canal à Igreja, esses compromis-
sos deverão ser respeitados pela atribuição de um dos canais
que o Estado se reservou.

Além de que solução de encaminhar a televisão da Igreja
para um dos novos canais privados é perturbadora.

DL - Que tipo de perturbação poderia ser essa?

PC - Se fosse adoptada a solução proposta pelo Governo, a
Igreja partilharia com a iniciativa privada um canal e isso seria
perturbador, para a Igreja e para os privados que com ela se
associassem.

Se fosse a Igreja a concorrer sozinha, isso era também um
factor de perturbação, porque à partida ela teria um maior
peso do que os outros candidatos. Por uma questão de
transparência e clareza, era preferível que a Igreja não partici-
passe no concurso.

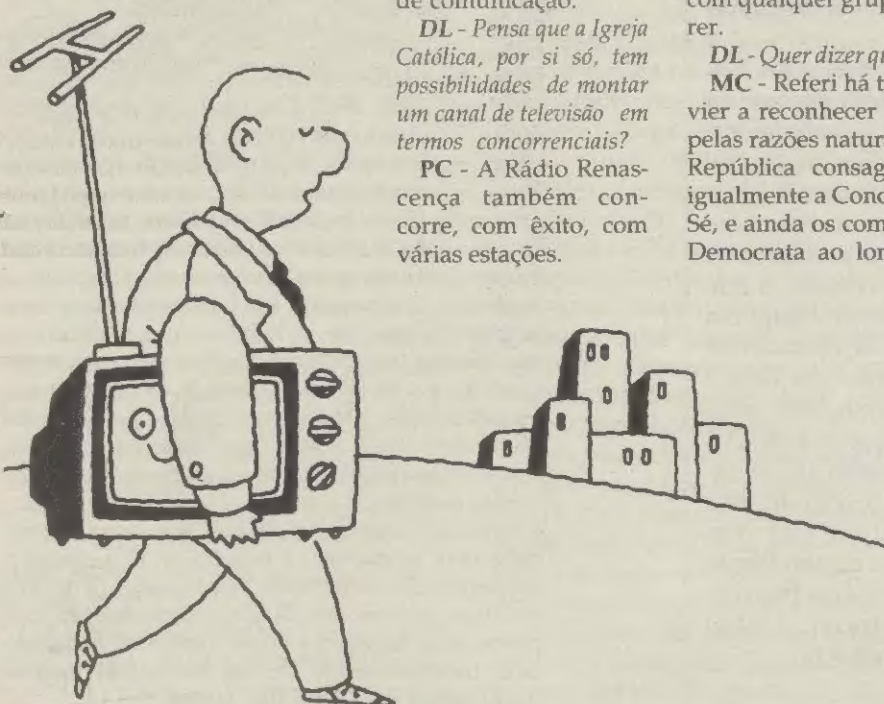
DL - Nesta eventualidade como seria então contemplada?

PC - Com a atribuição do segundo canal ou parte dele. Até
porque ao longo da nossa História, o Estado e a Igreja Cató-
lica têm partilhado a prestação de serviços à comuni-
dade.

Por exemplo, através de escolas, hospitais e mesmo meios
de comunicação.

DL - Pensa que a Igreja
Católica, por si só, tem
possibilidades de montar
um canal de televisão em
termos concorrenciais?

PC - A Rádio Renas-
cença também con-
corre, com êxito, com
várias estações.



BRITO

Magalhães Crespo

Coordenador do Projecto de Televisão da Igreja

«Para mim só existe privilégio quando,
em igualdade de circunstâncias, se
distingue uma entidade»

DL - Acha que a Igreja Católica deve ter um canal de
televisão público ou privado?

MC - É indiferente desde que seja um canal inteiro. Se for
partilhado, preferimos um canal público pela garantia de
idoneidade do parceiro que iremos ter à partida - o Estado -
que, no caso do canal privado, seria uma entidade desconhe-
cida e que provavelmente irá prosseguir objectivos essen-
cialmente comerciais que iriam entrar em conflito com a
programação do canal da Igreja.

DL - Entre a atribuição de um canal ou parte de um canal público
e a participação em concurso o que prefere?

MC - A Igreja, quer pelo papel que ao longo dos séculos
desempenhou na História de Portugal e continua actual-
mente a desenvolver, nos campos espiritual, cultural e
moral, tem o direito e a capacidade para utilizar um canal de
televisão.

É um bem escasso (e que pertence a todos os portugueses)
e a Igreja pode fazê-lo melhor do que qualquer grupo
económico que prossiga naturalmente os seus próprios inte-
resses.

DL - Há quem pense que, no caso da Igreja participar em concurso
público, estará à partida privilegiada. Qual é sua opinião?

MC - Para mim existe privilégio quando, em igualdade de
circunstâncias, se distingue uma entidade. Ora, exacta-
mente a Igreja, por todo o seu papel histórico na socie-
dade portuguesa, não pode colocar-se em pé de igualdade
com qualquer grupo económico agora que apareça a concor-
rer.

DL - Quer dizer que a Igreja rejeita associar-se a qualquer grupo?

MC - Referi há tempos, e confirmo, que se o Governo não
vier a reconhecer os direitos específicos da Igreja Católica,
pelas razões naturais aliás apontadas, que a Constituição da
República consagra no seu artº 41º, parágrafo 5º, e
igualmente a Concordata entre o Estado Português e a Santa
Sé, e ainda os compromissos assumidos pelo Partido Social
Democrata ao longo dos últimos dez anos, então, nessa
situação, a Igreja saberá dar isso a
conhecer ao povo português em
geral. A Rádio Renascença entrará
em concurso público, não lhe fal-
tando parceiros que espontane-
amente se lhe dirigiram para a
apoiam nesse sentido.

DL - A Igreja concorda com um
canal atribuído a todas as confis-
sões?

MC - A Igreja Católica nunca le-
vantou qualquer obstáculo a que o
Governo atribuisse igualmente às
outras confissões religiosas os
espaços que a sua representa-
tividade na sociedade portuguesa
justifica.

À MARGEM

Os pecados dos anjos

Embora as coisas estejam ainda consideravel-
mente confusas pelos Paços de S. Bento, tudo
parece encaminhar-se para que o Paço do
Campo de Santana acabe por receber de mão
beijada o desejado canal de televisão. Mais
ainda: que o vai explorar comercialmente, colo-
cando a divulgação do anúncio em lugar ci-
meiro, muito antes da divulgação evangélica.

Vamos pôr de lado esta questão, que já deu
muito que falar pelas assembleias, já fez correr
muita tinta e ainda tem pano para mangas e os
indispensáveis remendos, para levantar uma
outra que nos vem intrigando sobremaneira.

Que publicidade se vai emitir ali a partir do
ornamental Cristo-Rei? Como a estátua, estará
o Patriarcado de braços abertos a todos os
anúncios que ávidos comerciantes queiram
«enviar para o éter» através das suas antenas?

É que, como todos bem sabemos pela longa
experiência de forçados espectadores da RTP, a
maioria dos anúncios atenta exemplarmente
contra uma boa fatia do divino Decálogo,
outras listas de pecados menores e pecadilhos
apenas veniais.

Como não desejar a mulher do próximo, se ela se
oferece, como a de Putifar, de dois em dois
minutos, nua ou em exíguos trajes íntimos, na
luxúria de um banho perfumado ou a exhibir um
novo creme rejuvenescedor? E que de dizer da
gula? Como resistir aos sucessivos convites
opáparos de manjares aparentemente con-
feccionados nos céus? Que pensará o Campo de
Santana do apegado «pecado dos anjos»?
Entre a tesoura censória ou a rubicunda tonsura
clerical que enche e se refastela nos mais afama-
dos restaurantes de província, quem vencerá?

Por via dessa gula, quem poderá respeitar pai
e mãe se até os avozinhos são apresentados a
roubar bolos a inocentes e distraídas criancin-
has?

E a gravíssima soberba, implícita no convite a
experimentar um luxuoso automóvel, um
magnífico andar no loteamento Xis?

Acaso iremos ficar a saber pela televisão da
Igreja que aquela apetitosa menina «ha fatto
amore con ...», ou que a pílula Zê é a mais
eficiente para evitar uma incómoda gravidez?

E os constantes convites à embriaguez pela
exibição de bebidas, cada uma mais apetecível
que a anterior, mas da mesma maneira a vis-
arem minar o nosso fígado, ou o tabaco a
encher-nos os alvéolos pulmonares de alcatrão
e a circulação sanguínea de nicotina?

E como amar o próximo como a nós mesmos se as
meninas e os meninos televisivos não deixarão
de constantemente aviar os mais gravosos sol-
ecismos*, sem mesmo saberem o que é um
solecismo?

Que fará a «TV Cristo-Rei»? É que não se vê
lá muito bem a existência de outro tipo de
publicidade em concordância com o que se
espera venham a ser os seus inflexíveis
princípios. «Vá a Fátima nas camionetas da
Sagrada Azinheira», o busto do Padre Cruz,
d'après Bordallo Pinheiro, no restaurante «Os
Três Pastorinhos» serve-se o melhor agnus dei
pascal, etc., etc. É pouco e não promete gran-
des rendimentos...

Mas, por que não? — se os conventos de
oitocentos inventaram os «papos de anjo», as
«barrigas de freira», os «toucinhos do céu» sem
levantarem incómodos pruridos à sociedade da
época (nem mesmo à nossa, pois ainda contin-
uam a vender-se em todas as pastelarias)?

A questão fica em aberto. Mas estou em que o
Patriarcado não desdenhará os «pecados dos
anjos» como aceitáveis pecadilhos que em troca
servem para encher os cofres, como as já
desusadas bulas que encolerizaram Martinho
Lutero.

*Solecismo — A pronúncia dos habitantes de Solos era
motivo de chacota para os atenienses, que, por extensão,
criaram a palavra solecismo a definir qualquer incorrecção
de linguagem.

Roby Amorim

FORUM

Diário
de LisboaFundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.
Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana AndringaExerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui CamachoRedactor-principal
João Paulo de OliveiraCoordenadores da Secção:
António José Teixeira, Eurico
Vasconcelos, João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Guiomar Lima, Neves
de Sousa e Vítor LeitãoRepórter-coordenador:
Adelino CardosoRedactor-paginador
António Ribeiro FerreiraRedacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves
Henriques, Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Camponez, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares, Duarte
Calvão, Elsa Andrade, Emília
Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Faria, Maria
Antónia Martinho, Maria João
Martins, Maria João Rocha, Maria
José Belo Marques, Marina Tadeu,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui PachecoColaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraiso,
Isabel Joyce, Jorge Fallorca
e Roby Amorim.Cartoonistas: António Alfredo
e José BandeiraGratistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís TenreiroPaginadores:
Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo
e Ricardo MagalhãesSecretária de Direcção
Maria Eduarda SoutelloSecretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena MatosChefe de Publicidade
Luisa ValadasGestor de Informática
Luis CanteiroRedacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Depósito legal nº 1426/82. Preço do
jornal: no Continente, 60\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.PORTE
PAGOA CORAGEM
DOS PORTUGUESES

Relancado por Mário Soares aquando da sua candidatura a «presidente de todos os portugueses», o professor Agostinho da Silva depois de ter feito uma grande travessia no deserto, é hoje em dia, sem dúvida, o grande «pregador» do culto da nação.

Convidado pelos mais diferentes grupos e associações com audiências onde se reconhece sempre uma forte presença de jovens e de profissionais da política, Agostinho da Silva tem sido o mais repetido conferencista nacional para falar disto e daquilo, mas, sobretudo, para versar o tema esquecido das glórias e brio nacionais.

Não foi a televisão que o descobriu. Todavia, com a oportunidade que lhe compete, a RTP ofereceu-lhe o púlpito exacto para fazer aos portugueses, em «conversas vadias», o grande discurso da fé em Portugal e nos portugueses.

Camões, Vieira, Pessoa, são os grandes autores citados por Agostinho da Silva no reforço da fundamentação desse discurso.

Num estilo que reúne semioticamente a figura de um respeitável português, um português trajando à boa maneira aldeã, sábio em sabedoria popular, com o peso da idade indiscutível, personagem televisiva porque de tão antitelevisa, o professor Agostinho da Silva, que não tem cartão de contribuinte por causa de não ter de indagar ao Governo o que faz com o dinheiro que recebe dos impostos dos portugueses e garante que Portugal não deve nada ao Mundo, antes pelo contrário são o Mundo e a Europa, em particular, que devem a Portugal, acredita e procura fazer acreditar que a nossa hora, a hora de Portugal, ainda está para chegar.

De facto é preciso fazer alguma coisa pela descrença nacional e se por meu lado, sinceramente, não consigo alimentar a minha fé nacional à base deste discurso, não deixo de ficar curioso em quanto ele possa resultar em valor fático junto dos portugueses que sempre entenderam que o papel de Portugal é dar novos mundos ao Mundo e fazer crer a este Mundo que sonhar é a realidade suprema da vida.

Sonhar - a capacidade de sonhar - a realidade de que sonhar é possível é quanto os portugueses têm de melhor para transmitir ao Mundo, dizia o professor Agostinho da Silva a Joaquim Letria na última «conversa vadia», quando este, talvez como eu, mais ferido pelas realidades da vida do dia-a-dia, lhe perguntava, «mas o que é que Portugal tem para dar ao Mundo?»

Assim, na quotidianidade das minhas rotinas, e lendo

nos jornais o que os portugueses do massmediático quotidiano fazem, tenho-me enchido de dúvidas quando ao estado em que está a coragem dos portugueses.

Refiro-me aos Rosas, (a Mota, a Rosinha dos portugueses e o Santos, o árbitro), aos Joões, (o Manuel, do Portimonense, e o Santos, do Benfica), aos Pintos (o Costa, do FC Porto, o Adriano, que dizem ser o actual patrão forte do futebol português, e o Lourenço, o do Conselho de Arbitragem). Refiro-me aos actores da polémica sobre a televisão privada/pública e principalmente do tal canal para a Igreja Católica.

O exemplo da falta de coragem prevaletente na luta verbal que se vem desenvolvendo por defesa de suas damas é pronunciador de um certo estado de hipocrisia que justifica a estratégia dos discursos mas encobre os objectivos dos interesses em vista.

No primeiro caso - e nem por estarmos na esfera do campo desportivo a sua repercussão e importância sociais são menores - multiplicam-se as acusações mútuas, (entre a Rosa Mota e a Federação, entre os presidentes dos clubes e da arbitragem e os seus agentes), mas escondem-se os factos e as provas. Ninguém tem coragem de dizer que não obstante a Rosa ser «a maior», e evidentemente ganhar mais dinheiro, indispensável à sua preparação para as vitórias que fazem o nosso deleite e orgulho nacional, a correr nas maratonas de Boston ou de Tóquio, para envergar a camisola nacional é elementar ser atleta federada.

Em relação aos dirigentes desportivos e à polémica a que se tem assistido pelas arbitragens e os árbitros, a questão, no mínimo, merecia um rigoroso inquérito nacional, a significar a coragem de quem tem de responder por este assunto. Mas tudo parece enleiar-se num mundo obscuro que nada favorece a exemplificação que fenómenos de tão grande impacto social, como o desporto, deveriam oferecer ao grande público.

No segundo caso - a dádiva da Televisão à Igreja Católica - ou seja o caso da religião, refém de luta política e religiosa, a transcendência da falta de coragem que este debate revela, é preocupante. A Igreja Católica portuguesa quer uma televisão. A sociedade civil discute o problema. A classe política, que a representa, o que tem medo é de perder votos. Ninguém tem a coragem de dizer, as verdadeiras

razões que estão por detrás do seu discurso, dos seus argumentos. A sociedade civil não tem coragem de se assumir. Teme o voto do povo religioso. A Igreja joga com isso. Pela «fé», e pela audiência que uma televisão à imagem da RR pode trazer. Ambas fazem o seu negócio.

José Manuel
Paquete de OliveiraCARTAS
NA MESA«A Bola»,
o FC Porto e o «DL»

Na última página do número do «Diário de Lisboa» do passado dia 12, *pateia-se* a Direcção do Futebol Clube do Porto, por mais uma demonstração de falta de civismo, ao deliberar, em assembleia geral, proibir a entrada de redactores de «A Bola» no Estádio das Antas.

A pateada seria admissível; os termos usados («mais uma demonstração de falta de civismo») já o são menos.

Mas o que sobretudo me leva a escrever esta carta é o dizer-se que a direcção do FCP deliberou em assembleia geral. Será que no «Diário de Lisboa» não se distingue a Direcção de uma associação da sua assembleia geral? São órgãos diferentes, como geralmente se sabe. De maneira que uma afirmação daquele teor se torna incompreensível.

No programa da RTP intitulado Domingo Desportivo, do dia 11, o sr. Jorge Nuno Pinto da Costa teve ocasião de esclarecer que a deliberação de proibir a entrada no Estádio das Antas a redactores de «A Bola» fora tomada, não pela Direcção mas pela assembleia geral do clube.

E aí está como o autor da *pateada*, querendo atingir a direcção do FCP, acabou (sem querer?) por afrontar toda a sua massa associativa (da qual - devo esclarecer - não faço parte). Lamentável, a mais do que um título.

Joaquim Figueiredo, leitor do Porto

Nações russificadas
pela força das armas

Muita tinta e imensa verborreia já correram a propósito do «terramoto político» dos acontecimentos do Leste europeu. Afirmou-se que Gorbachev é formidável, que o comunismo morreu na Polónia, Checoslováquia, Hungria, Roménia e Bulgária e que as duas Alemanhas se vão reunir irreversivelmente. O mundo brada de alegria, mas mantém-se silencioso a respeito da sorte das 14 repúblicas não-russas da URSS, as quais clamam por independência! Por que motivo esse silêncio hipócrita? Ignorância da realidade supranacional que é a URSS, fruto do antigo Império Russo? Ou, antes, receio dos políticos ocidentais exacerbadamente «europeístas» de que o fracasso do supranacionalismo soviético se repercuta no supranacionalismo político que pretendem construir a Ocidente? Todo o indivíduo minimamente culto sabe que a URSS não é uma nação, mas sim uma confederação de 15 nações milenárias com línguas, culturas, histórias e, por vezes, até alfabetos diferentes. Após a Revolução Bolchevique de 1917, a Rússia (essa, sim, a maior nação do mundo com o seu vastíssimo território siberiano) passou a ser a República Federativa da Rússia e, através do século XX, foi transformando as suas colónias periféricas noutras repúblicas, constituindo com elas a URSS. A Constituição Soviética afirma que a Bielorrússia, a Ucrânia, a Estónia, a Letónia, etc., são nações que aderiram «espontaneamente» à URSS e que podem, em qualquer altura, pedir a autodeterminação. Até a Ucrânia e a Bielorrússia têm, há muitos anos, representações próprias na ONU! Mas os factos vieram revelar o «bluff» que tudo isto encerra, quando observamos os acontecimentos no Azerbaijão, na Arménia, na Geórgia, na Lituânia, etc., e ouvimos Gorbachev afirmar que nunca negociará com as outras 14 repúblicas não-russas a sua separação da República da Rússia... Senhores políticos defensores da autodeterminação dos povos, mostrai agora a vossa coerência, clamando pela independência dessas autênticas nações russificadas pela força das armas!

António Vitória, leitor de Lisboa

Quem os
teria m
Estav
alojado
ens do
rial.
Eram
whuista

Ao princípio, sempre q
Whu os visitava, cantava
hinos em louvor de Whu

Fazendo um deles, o
mais maduro, diante de
maleques.

Após o que Whu e
mindinho.

Sinal para que esse jovem
mais grave e o mais maduro
Ala dos Homens Maduros
Palácio Imperial, onde fi

Ordenando Whu imes
pois que buscassem, em
mais um jovem, para q
Jovens do Palácio Imperial
era de tradição, sempre
Começaram, no entan

Entamos no
fronteiras
finições ideol
da participa
Gorbachev
década, apr
tralismo de

desarticular o sistema. C
seria assim na URSS...

No entanto, o protagon
do século, vai por inteiro
lações. Com armas na m
reforçaram o interesse p
destino, corrigiram excess
regimes. Os nacionalism
fim da supremacia dos pa
tas nos países de Leste
sandinismo ou do *aparthe*
Sul, são exemplos nobres
colectiva. Mesmo nos paí
cia estatizada, não há tan
distracção como as abst
dem demonstrar. Sigr
alheamento, em relação
partidárias e à não-ratifi
has pré-determinadas. N
mediática, a população e
as sondagens semanais em
que o interesse vai para
reunificação da Alemanha
Congresso francês do Pa
para a África do Sul e nã
da Direita. A classe polí
beu que perdeu o protagon
como faz política, virada
actores sem público. A c
evoluiu, enquanto os p
naram uma casta. Os co
pensam no que isso cust
O balanço do século, e
umas dezenas de dirigent
tas, por si próprios, de gr
mações sociais. Uns o

FORUM

RASGAR
O SALAMALEQUISMO

Quem os contasse contaria mil. Estavam todos alojados na Ala de Jovens do Palácio Imperial.

Ao princípio, sempre que o mandarim Whu os visitava, cantavam, em coro, hinos em louvor de Whu.

Fazendo um deles, o mais grave e o mais maduro, diante de Whu, mil salamaleques.

Após o que Whu erguia o dedo mindinho.

Sinal para que esse jovem, porque era o mais grave e o mais maduro, o seguisse à Ala dos Homens Maduros e Graves do Palácio Imperial, onde ficaria.

Ordenando Whu imediatamente depois que buscassem, em toda a China, mais um jovem, para que, na Ala dos Jovens do Palácio Imperial, ficassem, como era de tradição, sempre mil.

Começaram, no entanto, a impacien-

tar-se os jovens whuistas.

Que era sempre a mesma coisa.

Que o Palácio Imperial estava chato.

Decidiram escolher, de entre eles, um que, chegado Whu, lhe dissesse, na cara, que havia que rasgar o salamalequismo.

Porque o Palácio Imperial tinha de se abrir ao exterior.

Porque o que contava, não era, como dizia o Palácio Imperial, uma teoria de índices económicos, mas o bem-estar de cada um dos chineses.

Porque o Palácio Imperial tinha de dizer, preto no branco, se era, sim ou não, a favor da regionalização.

Porque o Palácio Imperial tinha de devolver, a cada um dos chineses, um bago que fosse de poder, face à força do Estado.

Havia, de facto, repetiram os mil, que rasgar o salamalequismo.

Pelo que escolheram, de entre eles, um que, chegado Whu, lhe dissesse, na cara, o que havia a dizer.

Chegou Whu.

Fez-se, na Ala dos Jovens do Palácio

Imperial, um silêncio de pedra.

Deu, em frente, na direcção de Whu, um passo, o jovem escolhido.

Para perguntar:

- Diz-nos, ó Whu, quem é que dá ordem para que as portas do Palácio Imperial estejam sempre fechadas ao exterior?!

E Whu:

- Eu!

E o jovem:

- Diz-nos, ó Whu, quem é que é o responsável por que o Palácio Imperial tenha adormecido, a olhar para si próprio?!

E Whu:

- Eu!

E o jovem:

- Diz-nos, ó Whu, quem é que, no Palácio Imperial, sempre que lhe falam da necessidade do bem-estar de cada um dos chineses, responde com uma teoria de índices económicos?!

E Whu:

- Eu!

E o jovem:

- Diz-nos, ó Whu, quem é que, no Palácio Imperial é responsável por que, na questão da regionalização, não se ate nem desate?!

E Whu:

- Eu!

E o jovem:

- Diz-nos, ó Whu, quem é que, no Palácio Imperial é responsável por que o povo não tenha, face ao Estado, sequer um bago de poder?!

E Whu:

- Eu!

Fez-se, outra vez, na Ala dos Jovens do Palácio Imperial, um silêncio de pedra.

Estando esta história em que o jovem escolhido, de entre os mil, para dizer a Whu que há que rasgar o salamalequismo, fará ou não fará. Mil salamaleques.

Após o que Whu erguerá ou não erguerá.

O dedo mindinho.



Artur Portela

PROTAGONISMOS

Entramos no ano 2000 com fronteiras incertas, definições ideológicas e reforço da participação colectiva. Gorbachev, o homem da década, aproveitou o centralismo democrático para desarticular o sistema. Quem diria que seria assim na URSS...

No entanto, o protagonismo, no final do século, vai por inteiro para as populações. Com armas na mão, ou pelo voto, reforçaram o interesse pelo seu próprio destino, corrigiram excessos, demoliram regimes. Os nacionalismos na URSS, o fim da supremacia dos partidos comunistas nos países de Leste, a derrota do sandinismo ou do *apartheid* na África do Sul, são exemplos nobres da participação colectiva. Mesmo nos países de democracia estatizada, não há tanta diferença ou distração como as abstenções pretendem demonstrar. Significa, apenas, alheamento, em relação às discussões partidárias e à não-ratificação de escolhas pré-determinadas. Numa sociedade mediática, a população está informada e as sondagens semanais em França provam que o interesse vai para temas como a reunificação da Alemanha e não para o Congresso francês do Partido Socialista, para a África do Sul e não para a União da Direita. A classe política não percebeu que perdeu o protagonismo, da forma como faz política, virada para si própria, actores sem público. A opinião pública evoluiu, enquanto os políticos se tornaram uma casta. Os contribuintes só pensam no que isso custa...

O balanço do século, em política, dará umas dezenas de dirigentes, protagonistas, por si próprios, de grandes transformações sociais. Uns odiados, outros

venerados. Dará, também, o protagonismo dos temas: liberdade, democracia, paz, igualdade, ambiente. Dizem uns que isso só é possível com dinheiro, respondem outros que é necessário com justiça. É a fronteira por onde circulam as opiniões, em debate infundável, com passaporte assegurado para 1 de Janeiro de 2000.

«Prima-donnas» ou figurões

Claro que, no meio disto tudo, tinha de haver umas *prima-donnas* ou mesmo uns figurões. Faz parte do espectáculo. Uma vez serve de divertimento, outras vezes incomoda. Provoca, uma gargalhada quando só falam e não dão ordens, irritam quando se arrogam o direito de decidir sobre a vida dos outros. Julgam-se importantes nos cargos que ocupam, não se apercebem da transitoriedade dos lugares. Lembro-me sempre com um sorriso daquele colega da Faculdade que trabalha numa instituição bancária que, perante o desespero do chefe, não queria ser promovido.

Chegava-lhe o que tinha, a vida dele começava depois das 5. Era um homem tranquilo. Desprogramava por completo o computador mental daquele chefe. Olhavam para ele com um misto de desprezo e de inveja. Aqui está outra forma de protagonismo.

Uma *prima-donna* olha a sociedade com desdém, julgando-se superior ao comum dos mortais (quando é não se torna petulante), um *figurão* não tem esta pretensão, não joga na inteligência mas na esperteza. Aposta na ultrapassagem das normas, joga no pudor do carácter dos outros. Conseguem passar, porque os outros, por falta de paciência, não fazem frente. Quando isso acontece, terminou

uma fulgurante carreira.

Entrevistada recentemente, a ex-ministra da Saúde de Chirac, Michele Barzac, afastada da direcção do partido por ele mesmo, ao ter ousado criticar, respondeu citando Corneille: *Ele (Chirac) fez-me tão bem que eu não posso dizer mal, mas fez-me tão mal que eu não posso dizer bem...* Teresa Patrício Gouveia deve pensar o mesmo sentada na Assembleia da República, a propósito de Cavaco Silva. Ao contrário do que o actual primeiro-ministro fez nos primeiros tempos, as mulheres foram afastadas do Governo. O que resta, secretaria... Era, nisso, aliás, melhor que a esquerda portuguesa. Neste século, as mulheres fazem parte do painel de protagonistas. Não tiveram quotas, mas um papel por inteiro. E na onda de solidariedade de todas as políticas francesas com Michele Barzac, uma houve que acrescentou: *dizem que não há mulheres com formação para certos cargos. Não é verdade, e se assim fosse, a maior parte dos homens não tinha sido ministro.*

Ficou mais enfraquecido o Governo de Cavaco Silva ao ter despedido as duas mulheres. Não porque tenham feito bons lugares, mas porque os homens que ficaram e entraram são (salvo uma ou outra excepção) mil vezes pior.

Legislativas: dois protagonismos

Não tendo, neste momento, este problema de Michele Barzac, nem de Leonor Beleza ou Teresa Patrício Gouveia (um gesto de elegância pouco comum), para com Cavaco Silva, nem como outros, ainda não entendi como é que o primeiro-ministro se rodeia de consel-

heiros políticos. Ainda não me refiz da surpresa da nomeação de Freire Antunes para assessor pessoal. Querirá mesmo o prof. Cavaco Silva ganhar as próximas eleições?

E isso só não acontece se a oposição (neste caso o Partido Socialista) não tiver apetência do Poder. Até aqui, o PS beneficiou do descontentamento da população - europeias e locais. Agora, terá de motivar a população com propostas originais, imagem renovada.

O Partido Socialista, a direcção, não tem um problema de credibilidade, falta-lhe organização e dar a sensação eleitoral de vontade para o exercício do Poder. Nisso, vale a pena seguir o exemplo de Mário Soares. Com a maioria das Câmaras que obteve nas últimas eleições, nomeadamente Jorge Sampaio em Lisboa, Fernando Gomes no Porto e Manuel Machado em Coimbra, tem trampolins adequados para chegar ao Poder. Até agora, o secretário-geral do Partido Socialista não tem cometido muitos erros na nomeação de conselheiros. Não tem ouvido o aparelho do partido. Um erro em que o prof. Cavaco Silva só agora caiu. Está nas mãos da máquina partidária. Quando se perde eleições é assim... Se Jorge Sampaio tivesse perdido a

Câmara de Lisboa o próximo Congresso seria o da despedida. Nisso, quando se perdem líderes históricos (Sá Carneiro ou Mário Soares) acabou o respeito. Jorge Sampaio tem uma estrela, Cavaco Silva entrou em fase min-guante.

Dois estilos de protagonismo em confronto. O tempo é de tolerância...



Fernanda Mestrinho

RTAS
MESA

a»,
orto e o «DL»

ina do número do «Diário de Lis-
dia 12, *pateia-se* a Direcção do
o Porto, por mais uma demon-
de civismo, ao deliberar, em as-
roibir a entrada de redactores de
dio das Antas.»

ia admissível; os termos usados
onstração de falta de civismo»)

pretudo me leva a escrever esta
que a direcção do FCP deliberou
eral. Será que no «Diário de Lis-
ingue a Direcção de uma asso-
sembleia geral? São órgãos dife-
almente se sabe. De maneira que
daquele teor se torna incom-

da RTP intitulado Domingo
ia 11, o sr. Jorge Nuno Pinto da
são de esclarecer que a deli-
ir a entrada no Estádio das Antas
«A Bola» fora tomada, não pela
la assembleia geral do clube.

o o autor da *pateada*, querendo
o do FCP, acabou (sem querer?)
a sua massa associativa (da qual
- não faço parte). Lamentável, a
título.

uim Figueiredo, leitor do Porto

ussificadas
a das armas

mensa verborreia já correram a
rramoto político» dos aconteci-
europeu. Afirmou-se que Gor-
ável, que o comunismo morreu
coslováquia, Hungria, Roménia
as duas Alemanhas se vão reuni-
mente. O mundo brada de ale-
m-se silencioso a respeito da
úblicas não-russas da URSS, as
or independência! Por que mo-
hipócrita? Ignorância da reali-
nal que é a URSS, fruto do antigo
Ou, antes, receio dos políticos
badamente «europeístas» de que
upranacionalismo soviético se
upranacionalismo político que
uir a Ocidente? Todo o indivíduo
lto sabe que a URSS não é uma
uma confederação de 15 nações
línguas, culturas, histórias e, por
os diferentes. Após a Revolução
917, a Rússia (essa, sim, a maior
com o seu vastíssimo território
u a ser a República Federativa da
do século XX, foi transformando
periféricas noutras repúblicas,
n elas a URSS. A Constituição
que a Boclerrússia, a Ucrânia, a
a, etc., são nações que aderiram
nte» à URSS e que podem, em
pedir a autodeterminação. Até a
lerrússia têm, há muitos anos,
próprias na ONU! Mas os factos
«bluff» que tudo isto encerra,
nos os acontecimentos no Azer-
ia, na Geórgia, na Lituânia, etc.,
achev afirmar que nunca nego-
tras 14 repúblicas não-russas a
República da Rússia... Senhores
res da autodeterminação dos
gora a vossa coerência, clamando
ncia dessas autênticas nações
força das armas!

ntónio Vitória, leitor de Lisboa

FORUM

OS «COITADINHOS» DO PCP

Parece que não há ninguém, no actual Partido Comunista Português, que ouse pôr em causa a orientação marxista-leninista desta instituição teológica: a revelação divina de antigamente deve continuar a exercer a sua força fascinante, sem que se possa pôr em dúvida a correcção dos pontos de vista do Partido, servido pela aura de Santo Álvaro Cunhal.

A verdade é que, nestas últimas semanas, e para servir de peanha ao sorriso carniceiro do dr. Álvaro Cunhal, alguns militantes comunistas têm procurado convencer-nos de que, feitas as contas, não há nada de comum entre os comunistas portugueses e os comunistas de Leste. Manifesta-se mesmo uma curiosa indignação face à comparação entre Cunhal e Ceaucescu: já houve tempos em que o condutor romeno era mais estimado, a ponto de podermos encontrar, na Imprensa comunista ortodoxa, fartos elogios ao génio do Danúbio.

Mudam os tempos, mas não mudam os comunistas portugueses. Por isso, como fez Vital Moreira, explica-se com muita unção que não pode haver equívocos: como não esteve no Poder, o Partido Comunista Português não dispõe do horrível saldo negativo que aparece como saldo de contas na história de todos os partidos comunistas de Leste.

Oh, declaração mais cínica e irrisória! Quer dizer, então, que a única diferença entre os comunistas não repressivos de cá e os repressivíssimos de lá reside no facto de uns terem estado no poder, o que não aconteceu aos outros. Curioso acto falhado, porque não se pode analisar a situação sem recorrer ao arsenal tão útil da psicanálise.

Na verdade, quando analisamos o sentido geral desta explicação, verificamos que ela quer dizer que se tivessem estado no poder, teria havido entre nós o mesmo número de mortos, de humilhados, de ofendidos! Já o sabíamos, mas vale mais lê-lo na prosa muito florida de militantes que, como Vital Moreira e António Hespanha, sabem ler e escrever. Mesmo quando não leram assaz bem os manuaizinhos do Freud, para poderem estar atentos ao que parece dissimulado mas presente, nas volutas viciosas da sintaxe.

Ora parece que uma parte não dispicienda destes militantes ignora a história repressiva do Partido. De uma maneira geral, e adoptando a retórica teórico-ribombante graças à qual os partidos comunistas europeus são os únicos que nunca cometeram nem erros nem vi-

olências, menos ainda crimes, lê-se na história do Partido redigida por Dias Coelho, que só os comunistas resistiram ao fascismo entre nós. Nem democratas, nem republicanos, nem anarquistas, nem monárquicos, foram capazes de resistir. Essa honra pertence inteira e exclusivamente aos militantes do Partido, que não pode, como o francês, fornecer a longa lista dos seus «fusilados».

Trata-se, como é bem de ver, de uma operação que recusa a existência de uma verdadeira história da resistência portuguesa, para lhe preferir uma falsificação que só pode provocar repulsa, uma vez que se contam às centenas os resistentes que não passaram pelas fileiras do Partido.

Há pior, o Partido parece não saber que as fricções foram muitas vezes graves: não foram os dirigentes do Partido que, no campo de concentração do Tarrafal, expulsaram e marginalizaram os militantes que tinham «ousado» condenar o vergonhoso tratado germano-soviético, concluído entre os ministros dos Negócios Estrangeiros, já Molotov e ainda Ribentrop? A lógica do famoso José Estaline, o nosso tão popular Zé dos Bigodes, não hesitava em torpedear os interesses do antinazismo.

Ignazio Silone mostrara já, entretanto, que o corajoso «pai dos povos» era capaz de preferir satisfazer os objectivos da sua política internacional, ao apoio que esperavam os trabalhadores em greve. Não poucas vezes, na história das acções dos operários europeus, o Partido Comunista Soviético, aceitou o papel de «amarelo», condenando os trabalhadores seja à prisão, seja à miséria. Também, parece, desconhecem os nossos bravos teóricos, a longa lista de crimes encomendados, organizados, subsidiados, elogiados, pagos pelo estalinismo.

Mas não será o momento de evocar as condições em que morreu Leão Sedov numa vilinha dos arrabaldes parisienses? E não será chegado o momento de lerem, estes intelectuais comunistas, a descrição da liquidação física de Igance Reich, tal como ela foi contada pela sua viúva, a militante Maria Reiss?

Não sabem os nossos sempre heróicos militantes que houve em Portugal, em 1952, alguns processos organizados pelo Comité Central contra alguns dirigentes que apareciam como fraccionistas ou coisa ainda pior? Estava-se então em pleno delírio dos processos organizados contra os antigos militantes internacionalistas, que tinham participado em todos os combates contra o nazifascismo. A lista dos enforcados comunistas na Europa de Leste mostra o sinistro apetite necrofágico do sempre corajoso Pai dos povos.

Mas já Lenine pudera não só mostrar mas escrever, que uma das características de José Estaline residia na sua prodigiosa falta de cultura, que forçou Lenine a colar-lhe um conhecedor do

alemão, quando se quis que o futuro dirigente supremo redigisse um texto, de resto mau, consagrado à questão das nacionalidades.

Os comunistas portugueses não quiseram ficar de fora e organizaram os seus processos: convém dizer desde já que o camarada Duarte, nessa altura em Peniche, não podia participar neste festim antropofágico. Alguns dirigentes ficaram assim abatidos nos caminhos dos pinheirais, podendo assim o Partido Comunista Português mostrar em Moscovo, ser capaz de levar a cabo algumas boas operações de liquidação física dos militantes.

Não saberão estes bravos militantes que a Imprensa do Partido que ainda é o seu, não hesitou em denunciar os militantes da FAP — Frente de Acção Popular — então na clandestinidade em Portugal? Talvez não perdessem a honra política, perguntando a Francisco Martins Rodrigues (Campos), Ruy d'Épinay e João Pulido Valente, o elevado preço pago por esta amabilidade desse Partido que não fez como o mais, por não ter estado no Poder. Pela aragem se vê quem vai na carruagem, diz um provérbio nosso: não se pode duvidar que semelhante aragem quer dizer que a carruagem vai cheia de carrascos!

Trata-se de operações menores, que traduzem os pequenos desvios de dirigentes mergulhados na clandestinidade e que não podiam prestar atenção aos factos?

Tal tem sido a outra vertente das desculpas comunistas: não sabiam o que estava a acontecer. Mas como explicar que um dirigente tão arguto como Álvaro Cunhal tenha vivido nas Repúblicas de Leste, de 1961 a 1974, sem se ter dado conta de nada? Onde diabo vivia ele? Em Moscovo, não é verdade, e nunca viu uma «bicha» de gente gelando ao frio para conseguir um quilo de batatas?

Talvez me venham responder que o grande dirigente não dispunha de tempo para andar nas ruas e ver o que faltava aos soviéticos: estava ocupadíssimo em redigir as suas memórias, que seria bom fossem pelo menos publicadas. Porque, como é evidente, o mais grave destas explicações reside no facto de nenhum destes homens ser capaz de ver e sobretudo de dizer que os crimes cometidos a Leste não provêm dos indivíduos, porque são determinados pela linha teórica. O que está em causa é precisamente o marxismo-leninismo, pois foi em seu nome, e adoptando as suas linhas directoras, que se verificaram as perversões a Leste.

Para os militantes e para os dirigentes, a linha teórica pode e deve manter-se, uma vez que só está em causa, do seu ponto de vista, a fracção burocrática do aparelho comunista, que tem de ser eliminada. O mais não só se porta bem, mas não poderá ser sequer discutido. De tal

maneira que não há, nas diferentes teses que vão ser discutidas e inefavelmente aprovadas, a menor sugestão para eliminar, ou pelo menos reduzir, a importância deste segregado marxismo-leninismo.

Muitos ingénuos ainda acreditam que o marxismo-leninismo depende de uma conjunção teórica entre Lenine e Marx, e haverá ainda outros mais ingénuos que estarão dispostos a acreditar que Lenine é simplesmente o filho biológico e político de Marx. Mas o filho de Marx, reconhecido por Engels, morreu transformado em honesto e burguesíssimo mecânico em Londres e não parece que alguma vez tenha compreendido o que vinha a ser o marxismo-leninismo.

Trata-se, convém sabê-lo, da maneira como Lenine decidira ler Marx. Hoje Marx está em vias de abandonar a União Soviética, como um vulgaríssimo emigrante, trazendo apenas consigo uma esvaziada mala de cartão, já que nestes anos todos não teve a mínima possibilidade de ganhar dinheiro para encher essa mala já antiga com alguns objectos úteis. Como a população soviética, Marx não encontrou instalação entre os grandes da *nomenklatura*, e é só por essa razão que nunca conseguiu encontrar o dr. Álvaro Cunhal. O destino dos militantes passa às vezes por estas soluções de continuidade!

Talvez não seja mau que os militantes que hoje nos dizem que se enganaram, e mais ainda os que persistem, que já em 1956 a Hungria mostrara o teor real do aparelho soviético: o sangue dos operários e dos quadros húngaros ainda hoje se mostra coalhado nas ruas de Budapeste.

Os que tivessem esquecido a dura lição desta operação repressiva soviética, puderam vê-la ainda mais dura, em 1968, no caso da Checoslováquia. Os tanques soviéticos tinham então substituído as metralhadoras da revolução, para agir contra os interesses das populações.

Os que entraram no Partido antes de 1956, talvez possam encontrar uma desculpa, mas os que aderiram ao Partido após estas duas datas, não me parece merecer nem uma grande difusão, nem as grandes honras que lhe estão sendo dadas pelos *media*.

Então vai-se pedir aos magarefes que nos expliquem as reacções dos bois quando vão para o matadouro? Não seria melhor pedir aos bois uma explicação deste tipo: quer dizer, não há por aí antigos militantes, que foram expulsos ou se demitiram para nos explicar que este Partido sonhou sempre com os «paredons», que nunca pôde construir?

A verdade é que, no interior do ventre marxista-leninista, há sempre um «paredon» que dormita. Basta um abalo e o mecanismo assassino põe-se logo em movimento... Não abramos as portas aos assassinos potenciais!



Alfredo Margarido

Mea culpa

A «Meteorologia» da edição de sexta-feira, dia 23 de Março, não saiu assinada pelo nosso colaborador Jorge Listopad. Do lapso pedimos desculpa aos leitores e, naturalmente, a Jorge Listopad.

CP

ne não há, nas diferentes teses
r discutidas e inefavelmente
a menor sugestão para elimi-
elo menos reduzir, a im-
deste segregado marxismo-

gênus ainda acreditam que
o-leninismo depende de uma
teórica entre Lenine e Marx,
inda outros mais ingênus
o dispostos a acreditar que
mplesmente o filho biológico
e Marx. Mas o filho de Marx,
lo por Engels, morreu trans-
m honesto e burguesíssimo
em Londres e não parece que
z tenha compreendido o que
r o marxismo-leninismo.

convém sabê-lo, da maneira
ne decidira ler Marx. Hoje
em vias de abandonar a União
como um vulgaríssimo emi-
zendo apenas consigo uma
mala de cartão, já que nestes
s não teve a mínima possi-
ganhar dinheiro para encher
á antiga com alguns objectos
o a população soviética, Marx
rou instalação entre os gran-
menklatura, e é só por essa
nunca conseguiu encontrar
ro Cunhal. O destino dos
passa às vezes por estas so-
continuidade!

ão seja mau que os militan-
je nos dizem que se enga-
mais ainda os que persistem,
1956 a Hungria mostrara o
o aparelho soviético: o san-
erários e dos quadros húnga-
hoje se mostra coalhado nas
dapeste.

tivessem esquecido a dura
operação repressiva soviética,
vê-la ainda mais dura, em
aso da Checoslováquia. Os
soviéticos tinham então sub-
metralhadoras da revolução,
ontra os interesses das popu-

ntaram no Partido antes de
z possam encontrar uma des-
os que aderiram ao Partido
duas datas, não me parece
em uma grande difusão, nem
honras que lhe estão sendo
os media.

i-se pedir aos magarefes que
quem as reacções dos bois
ão para o matadouro? Não
or pedir aos bois uma expli-
e tipo: quer dizer, não há por
militantes, que foram expul-
lemitiram para nos explicar
artido sonhou sempre com
os «paredons», que nunca
pôde construir?

A verdade é que, no inte-
rior do ventre marxista-len-
inista, há sempre um «pare-
don» que dormita. Basta um
abalos e o mecanismo as-
sassinio põe-se logo em
movimento... Não abramos
as portas aos assassinos
potenciais!

PORQUE DECIDIR A TEMPO É DECIDIR MELHOR

P L A N O

D

● PORQUÊ?

A necessidade de Portugal criar infra-estruturas é recomendada e apoiada pelo Parlamento Europeu e pela CEE com fundos específicos que tem prazos de aplicabilidade.

● POR QUEM?

Associações, Autarquias, Clubes, Empresas, Comércio, Indústria, Desporto, Ensino, Turismo, Saúde, Habitação, Tempos Livres.

● COMO?

Através do sistema de Consórcio de que somos Líderes Mundiais em Imobiliária.

● ÂMBITO?

Andares, Consultórios, Moradias, Centros Administrativos, Pavilhões, Salões Polivalentes, Courts de Ténis, Piscinas, Complexos Fabris, Centros de Manutenção, Pistas de Atletismo, Restauro e Melhoria de Estruturas...

● ONDE?

Em qualquer ponto do País.

● VANTAGENS?

O sistema de Consórcio, de que somos paradigma, constitui o processo mais fácil, económico, versátil, e com maiores garantias.

Fornecer o pré-cálculo de encargos e prévio conhecimento de custos.

Incentiva a poupança, e promove a programação do investimento.

● MEIOS?

A constituição de um grupo homogéneo e uniforme de 240 membros, direccionado a fins comuns, possibilita a concretização mais rápida, e rentável dos projectos, prazos de pagamento alargados, isenção de hipotecas ou outras reservas de propriedades, mensalidades suaves e duas atribuições mínimas mensais pelos critérios de sorteio e licitação.

ASSEMBLEIA
6 Abril - 21.30 H.
PORTO SHERATON HOTEL

NORGRUPO

SEDE: AV. DA REPÚBLICA 570-572-7-3 - TEL. 307018 - FAX 307243 - 4400 V.B. - LAMA
DELEGACÃO BRAGA - CENTRO COMERCIAL MAXIMINOS - LOJA 3 - TEL. 75019/75218 - 4700
DELEGACÃO COIMBRA - RUA FERREIRA BORGES 38-4 - DT. - TEL. 36405/36418 - 3000
DELEGACÃO LISBOA - RUA FILIPE POLQUE 30-11 - DT. - TEL. 543639/543657/543618 - 1000
DELEGACÃO FARO - RUA SOTTO MAYOR 7-1 - DT. - TEL. 21318 - 8000

POLÍTICA

Morais e Silva colocado no Instituto de Defesa

O coronel Moraes e Silva foi colocado no Instituto de Defesa Nacional apurou o «DL» junto de fontes do Estado-Maior da Força Aérea. Punido disciplinarmente com cinco dias de detenção por ter feito circular documentos em que criticava a hierarquia, o chefe do SICCAP Sistema Integrado de Comando e Controlo da Força Aérea foi mudado de serviço, conforme estabelecem as normas militares.

A ordem de apresentação no IDN foi esta manhã comunicada ao coronel Moraes e Silva, que entre Dezembro de 1989 e 6 de Março deste ano escreveu quatro cartas à hierarquia protestando contra diversas situações na Força Aérea.

O responsável pelo Comando de Logística e Administração da Força Aérea, general Aleixo Corbal, designou o tenente-coronel Martins de Matos para a chefia do SICCAP. Este piloto-aviador era o imediato de Moraes e Silva na chefia daquele serviço da Força Aérea.

Deixaram a FAP doze pilotos

Ascende a doze o número de pilotos da Força Aérea que passaram à situação de reserva, este ano soube o «DL». Apenas quatro haviam pedido a passagem à reserva para se candidatarem às eleições autárquicas, questão sobre a qual o Tribunal Constitucional se pronunciou agora, através do acórdão nº 529/89, relativo ao processo que o piloto-aviador Vítor Manuel Estêvão Geirinhas, incluído na lista do PSD para a Junta de Freguesia de Almoite, concelho de Alvaizere.

O Tribunal negou, por maioria, provimento ao recurso apresentado pelo piloto-aviador Geirinhas em 30 de Outubro do ano passado. Pinto Soares foi o primeiro dos doze pilotos a passar este ano à reserva, mas por limite de tempo de serviço.

J.R.

II Encontro Nacional em 7 de Abril

Sargentos pedem ao PSD alteração de regulamentos

O II Encontro Nacional de Sargentos decorrerá no dia 7 de Abril, no Pavilhão do Sacavenense apurou o «DL». A decisão foi tomada na última reunião da Associação Nacional de Sargentos, que em audiência com o Grupo Parlamentar do PSD chamou a atenção para a necessidade de alterar o Código de Justiça e o Regulamento de Disciplina Militares.

A Associação Nacional de Sargentos considera que o estatuto dos militares é «um elemento gerador de desmotivação, insatisfação e instabilidade» no seio das Forças Armadas e afirma que o novo sistema retributivo origina «injustiças e desigualdades» no seio castrense.

A ordem de trabalhos deste encontro não difere muito do primeiro, que há cerca de dois anos teve lugar no mesmo pavilhão: discussão e aprovação do caderno de aspirações e da proposta de vencimentos e eleição da Comissão Nacional de Sargentos.

A proposta de vencimen-

tos promete polarizar os trabalhos, mercê da introdução desse elemento novo que é o sistema retributivo.

Defendem os sargentos que o novo sistema não os contempla devidamente, apesar de lhes proporcionar progressões horizontais, às quais teria sempre direito devido aos anos de serviço.

Audiência com PSD no Parlamento

Dirigentes da Associação Nacional de Sargentos foram recebidos por elementos da direcção do grupo parlamentar do PSD a propósito dos problemas acima referidos e outros que o estatuto dos militares das Forças Armadas veio agravar.

É o caso, entre outros, da criação da sanção extraordinária que a Associação Nacional de Sargentos considera «ferida de inconstitucionalidade», e da necessidade de alterar o Regulamento de Disciplina Militar (RDM) e o Código de Justiça Militar (CJM).

Além desses aspectos,

também a redução e omissão de direitos consignados em anterior legislação, o agravamento das condições de passagem à reserva e a extinção dos quadros de adidos e supranumerários foram objecto de apreciação entre a Comissão Nacional de Sargentos e o Grupo Parlamentar do PSD.

A delegação de sargentos teve ainda ocasião para explicar aos elementos do Grupo parlamentar do PSD as diferenças que existem entre a actual Comissão Nacional e a estrutura que a precedeu (a Associação Nacional de Sargentos) e procurou sensibilizar os deputados sociais-democratas para as suas aspirações quando o estatuto militar das Forças Armadas subir a plenário para ratificação.

A Associação denunciou ainda o facto dos comandos das unidades da Força Aérea proibirem a circulação de um inquérito sobre a sua criação e razão de existir, facto sem precedentes no seio das Forças Armadas.

Entretanto decorre desde esta madrugada no concelho de Souel o exercício «Mercurio 90» sob o comando do general Cortesão, responsável pelo COFA Comando Operacional da Força Aérea.

Exercício militar conjunto da Força Aérea e do Exército, envolve aviões de ataque, helicópteros, um «Aviocar» para guerra electrónica e mais de mil e oitocentos homens, nomeadamente da brigada de Defesa Territorial do Sul.

Apesar de não comportarem acções de fogo real, dada a proibição de disparar fora das carreiras de tiro, as manobras visam o aperfeiçoamento da instrução táctica e técnica das forças da FAP e do Exército.

Durante os três dias das manobras serão postos à prova os sistemas de controlo, comando e comunicações daqueles dois ramos das Forças Armadas, através da aplicação de processos de cooperação aero-terrestres.

Júlio Rodrigues

JSD não concorre ao CNJ

A JSD não apresentará nenhuma candidatura de elementos seus aos órgãos directivos do Conselho Nacional de Juventude, CNJ, e «opor-se-á a qualquer proposta de revisão dos estatutos que vise alterar ou viciar a regra da rotatividade e da alternância das organizações», anunciou em comunicado a Comissão Política Nacional dos jovens sociais-democratas, que este fim-de-semana esteve reunida.

No entanto, a JSD refere que decidiu reforçar o seu propósito de se manter no CNJ «enquanto plataforma de diálogo e entendimento entre a realidade juvenil».

A JSD não analisou apenas os problemas directamente relacionados com os jovens. A propósito da abertura da televisão à iniciativa privada, aquela estrutura partidária lamentou que «o Governo não tenha acautelado o princípio de reduzir a iniciativa do Estado e de garantir desde sempre a igualdade de oportunidades e de condições de concorrência a todos os eventuais operadores privados».

Os jovens sociais-democratas consideraram «demagógica a atitude do CDS em relação à disputa presidencial, ao vir denunciar o mero propósito de querer creditar uma legitimidade que apenas lhe assiste em eleições legislativas».

Presidente da RFA chegou hoje a Lisboa

Unificação alemã em visita de amigos

O presidente da Alemanha Federal, Richard von Weizsäcker, chegou esta manhã a Lisboa para uma visita oficial de quatro dias, por ele classificada como «visita de amigos, dada a ausência de contencioso entre os dois países».

A própria estrutura do programa elaborado sugere uma visita essencialmente protocolar. A única questão importante a abordar com as autoridades portuguesas poderá ser a troca de pontos de vista sobre a unificação ou reunificação alemã.

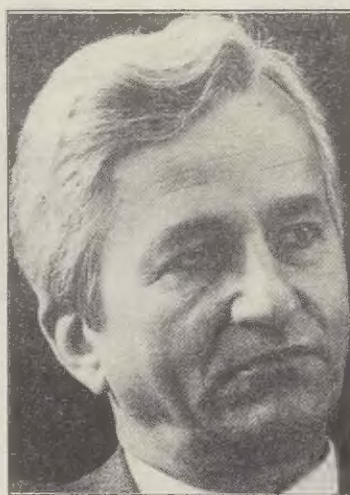
Após a chegada ao Aeroporto da Portela, e de ter recebido as honras militares, o presidente da RFA seguiu para o Mosteiro dos Jerónimos, onde depois uma coroa de flores no túmulo de Luís de Camões, encontrando-se depois com o Presidente da República.

Após um almoço restrito, desloca-se a meio da tarde à Câmara Municipal de Lisboa e visita o Colégio Pina Manique.

À noite, o Presidente Mário Soares oferece um banquete no Palácio da Ajuda, em honra do seu homólogo alemão - federal.

Amanhã, o programa inclui conversações e um almoço com o primeiro-ministro Cavaco Silva, uma visita à Assembleia da República e uma recepção à colónia alemã em Lisboa.

Na quarta-feira, após um encontro com os



Weizsäcker vem retribuir visita de Mário Soares

órgãos da comunicação social portuguesa, Weizsäcker segue para o Porto onde, entre outros actos, receberá os seus compatriotas radicados no Norte do País.

Doutoramento «honoris causa»

Na quinta-feira, último dia da visita, tem lugar em Coimbra a cerimónia de doutoramento «honoris causa». O Presidente da RFA regressa no final a Lisboa, de onde parte para Bona neste mesmo dia.

A comitiva que o acompanha a Portugal integra, entre outras personalidades, o ministro dos Negócios

Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, que é recebido esta tarde pelo primeiro-ministro, o chefe da Casa Civil e secretário de Estado, Andreas Meyer-Landrut, e Jurgen Sudhoff, secretário de Estado do ministério dos Negócios Estrangeiros. Com o Presidente federal deslocam-se também empresários, o presidente do Serviço Alemão de Intercâmbio Académico e o reitor da Universidade de Constança.

Richard von Weizsäcker nasceu em Estugarda e tem 69 anos. É doutorado em Direito, tendo sido deputado da CDU no Parlamento federal onde chegou a ser vice-presidente. Antes de ser eleito Presidente da RFA, em 1984, foi burgomestre regente de Berlim e deputado na Assembleia daquela cidade. (mais noticiário sobre a Alemanha nas páginas 18 e 19).

B R E V E S

Homenagem a Humberto Delgado

Mário Soares recebe, amanhã, a família de Humberto Delgado, que vai pedir apoio ao Presidente da República para que as cerimónias de trasladação dos restos mortais do «General sem medo» para o Panteão Nacional, a 10 de Junho, sejam uma homenagem nacional. Recorde-se que a Secretaria de Estado da Cultura, anunciou as cerimónias mas, a dois meses de se realizarem, não criou qualquer comissão de homenagem, sabendo-se apenas que Delgado ficará no Panteão, numa antecâmara entre o local onde estão sepultados escritores e os antigos chefes de Estado.

Australianos contra acordo Timor/GAP

O Partido Democrata Australiano opôs-se à ratificação dos acordos Timor/GAP pelo Senado de Canberra, disse Michael Wagner, da Fundação Timor. Segundo aquele dirigente, os democratas foram os únicos, até agora, que tomaram uma posição pública sobre a questão.

PCP analisa Nicarágua

Joaquim Miranda e Miguel Urbano Rodrigues serão os participantes do debate sobre a situação na Nicarágua que o PCP promove amanhã. O desmantelamento dos «contra», e o respeito pelas conquistas sociais obtidas após a vitória sobre a ditadura de Anastasio Somoza, serão os temas a analisar.

Semana da Europa nos Açores

A partir de hoje e até 1 de Abril decorre no arquipélago dos Açores a Semana da Europa. Esta iniciativa, promovida pelo gabinete em Portugal da Comissão das Comunidades Europeias e pelo Governo Regional, arranca em Angra do Heroísmo, com um painel dedicado ao desenvolvimento regional em que participa o secretário de Estado da Integração Europeia, Vítor Martins. O ambiente e os aspectos comunitários associados à componente regional, em particular aos Açores, são outros temas fortes da Semana da Europa.

A prete
rodei
Min
reme
Repúb
pro

Jornal rigo

A volta a Portugal da Comissão Parlamentar Inquérito ao Ministério da Saúde está a dar aos tais sob suspeita, encerrada em Fafe, de se cumprirem as etapas. S. Francisco Xavier e ambos em Lisboa, e a os deputados da comissão regressarem aos territórios. Júlio de Matos, onde parece haver muita para contar.

Talvez por isso e com a título de aviso e prevenção na última reunião da comissão foi desencadeada uma ameaça de procedimento disciplinar a jornalistas que mete vir a fazer correção.

Processo longo, envolvendo a construção ou com vários hospitais, a ge outros e fornecimento material informático âmbito do Ministério da Saúde, este inquérito saltar da toca alguns feitos notícias e ter politicamente apoiado pela oposição de uma que deixa a maioria par tar seriamente irritada. Aconteceu isso, cialmente, após a audiência aberta à Comissão Social, quando foi o ex-ministra da Saúde deputada Leonor Bot onde a responsável rior de então divulgou são dos papéis des dos do seu gabinete, as delícias da oposição. O exemplo serv

Prémio

A Fundação Oriente Assembleia da República protocolo que institui galardão «trabalhos de identidade, história, Timor-Leste». São 600 300 para o segundo, dos uma investigação devem ter o reconhecimento incluídos os apresenter adémicos de mestre e a 30 de Junho de 1991 partidários na Comissão da Situação em Timor a este júri político-par 600 contos vão passar três professores uni Oriente. Rubricaram o presidente da Fundação presidente da Assembleia membros da Comissão

POLÍTICA

A pretexto de uma fenda na muralha de silêncio que rodeia a Comissão Parlamentar de Inquérito ao Ministério da Saúde, os representantes do PSD remeteram uma notícia ao procurador-geral da República, alegando haver indícios justificativos de procedimento criminal. Mas antes exigiram explicações a um deputado socialista

Jornalistas e deputados rigorosamente vigiados

A volta a Portugal, que a Comissão Parlamentar de Inquérito ao Ministério da Saúde está a dar aos hospitais sob suspeita, encontra-se parada em Fafe, depois de se cumprirem as etapas de S. Francisco Xavier e Taipas, ambos em Lisboa, e antes de os deputados da comissão regressarem aos terrenos do Júlio de Matos, onde também parece haver muita história para contar.

Talvez por isso e como que a título de aviso e prevenção, na última reunião da Comissão foi desencadeada uma ameaça de procedimento criminal a jornalistas que promete vir a fazer correr muita tinta.

Processo longo, envolvendo a construção ou compra de vários hospitais, a gestão de outros e fornecimentos de material informático no âmbito do Ministério da Saúde, este inquérito já fez saltar da toca alguns coelhos feitos notícias e tem sido politicamente aproveitado pela oposição de uma forma que deixa a maioria parlamentar seriamente irritada.

Aconteceu isso, especialmente, após a única audiência aberta à Comunicação Social, quando foi dada a ex-ministra da Saúde, hoje deputada Leonor Beleza, e onde a responsável ministerial de então divulgou a versão dos papéis desaparecidos do seu gabinete, que fez as delícias da oposição.

O exemplo serviu de

emenda à maioria parlamentar, matematicamente também maioria na comissão, que passou a estreitar o funil da informação sobre o inquérito até aos limites do intolerável.

Ainda por cima, o inquérito está prestes a entrar no negócio dos terrenos do Hospital Júlio de Matos e o arq. Tomás Taveira vai ser um dos convocados a depor. Ele já fez, aliás, chegar à Comissão um enorme caixote de documentos que tem muito para contar e com o qual todo o cuidado é pouco...

Já não bastava, assim, a lembrança repetida de que o inquérito é rigorosamente reservado e, como tal, os membros da Comissão se vincularam ao dever do sigilo: na última reunião da Comissão de Inquérito a tentativa de «black out» informativo atingiu o clímax com a ameaça de procedimento criminal contra um jornalista do «Comércio do Porto» anunciada em comunicado subscrito pelo presidente em exercício, o deputado Valdemar Cardoso Alves.

Foi o caso de um jornalista daquele diário português, inconformado, como muitos outros, com o secretismo das comissões, ter divulgado matéria informativa sobre as actividades da comissão mas tendo cometido a levandade de identificar como fonte da notícia o deputado socialista Jorge Catarino.

A Comissão instou o médico e deputado do Porto a explicar-se e ele, segundo o comunicado, «informou a Comissão ser alheio à notícia em causa». Resultado: os representantes do PSD invocaram «as normas penais que protegem o sigilo das comissões de inquérito e relativas ao abrigo de liberdade de Imprensa» e decidiram remeter o auto de notícia ao procurador-geral da República «considerando existirem indícios justificativos de procedimento criminal».

O requerimento foi aprovado apenas com os votos favoráveis dos deputados do PSD e a abstenção do PS e do PCP (não estavam presentes na altura representantes de mais nenhum dos partidos com assento parlamentar). Não foi posta em causa a veracidade dos factos mas sim o facto de eles terem sido divulgados.

Um aviso de quem sabe de fugas de informação

Face à remessa do auto de notícia para a PGR, nas condições descritas pelo comunicado, ninguém acredita que os deputados do PSD pensem, sequer, incriminar o seu par socialista Jorge Catarino, independentemente de terem ou não em consideração a imunidade parlamentar. Quando muito, aproveitaram este incidente para avisar a oposição dos cuidados a ter com as fugas de informação em que a maioria tem uma

certa prática, como se provou quando dos inquéritos a Miguel Cadilhe e ao caso das contrapartidas pelo jogo no Estoril.

O requerimento e a decisão só podem, assim, ser entendidos como manobra intimidatória dos jornalistas no sentido de os impedir de recolherem elementos sobre o que se passa no interior das comissões de inquérito, em particular nas mais melindrosas como é esta da Saúde.

Este caso atualiza a polémica, velha de anos no Parlamento, sobre saber-se se as comissões de inquérito devem ser abertas à Comunicação Social, por regra ou por excepção. Por enquanto, vigora a norma excepcional e na Comissão da Saúde a excepção foi a audição de Leonor Beleza. Levanta também este procedimento sigiloso nas comissões a questão das incompatibilidades, não só com o direito à Informação mas também com a transparência que deve ser exigida aos actos parlamentares.

É um assunto a seguir, nomeadamente para ver como vai a Procuradoria equacionar a queixa com a liberdade de Imprensa e a compatibilidade entre o sigilo que os membros das comissões a si próprios se impuseram e o direito à Informação garantido por normas superiores a todos os cidadãos contribuintes.

Daniel Reis

B R E V E S

Direitos de Autor discutidos amanhã

Por proposta do Governo, completada com dois outros projectos do PS e do PCP, a Assembleia da República discute amanhã diversas alterações ao Código do Direito de Autor.

A intenção inicial da proposta governamental limitava-se a estender aos nacionais dos outros Estados da CEE a protecção jurídica já concedida às obras dos autores de nacionalidade portuguesa, por considerar as normas vigentes incompatíveis com o Tratado de Roma, designadamente com os artigos 7º, 30º e 59º. Mas o Partido Comunista e o Partido Socialista aproveitaram o agendamento desta questão para tentarem introduzir alterações que actualizassem o Código em vigor há cinco anos.

Programas de computador ainda não são protegidos

O deputado José Manuel Mendes é o primeiro subscritor do projecto do Partido Comunista, segundo o qual é necessário reconhecer a legitimidade das sociedades de autores para acções judiciais em defesa dos seus membros e definir mais rigorosamente as actividades puníveis nos domínios da pirataria. O PCP, por outro lado, insiste na urgência em proteger, também, os direitos dos autores de programas de computador, embora admita que isso possa ser feito noutra sede que é a da matéria informática.

Pretende o projecto socialista, cuja primeira subscritora é Edite Estrela, conciliar os interesses dos criadores de obras artísticas com os seus fruidores. Ou seja, tal como se diz na exposição de motivos, «a procura do justo equilíbrio entre os direitos de autor, morais e patrimoniais, e o direito fundamental de livre acesso dos cidadãos a todas as manifestações culturais».

PSD retirou o projecto dos presidentes de junta

Os presidentes das juntas de freguesia de maior importância, que esperavam passar a receber uma remuneração fixa compatível com o trabalho autárquico em permanência, bem podem tirar daí o sentido. E que o PSD acaba de retirar o seu projecto de lei, cuja discussão estava marcada para a próxima sexta-feira, dia 30. O requerimento para a retirada do projecto foi apresentado na quinta-feira passada, tendo Montalvão Machado, líder do grupo social-democrata no Parlamento, justificado esta desistência com a inoportunidade da discussão.

«A situação alterou-se desde que o projecto foi elaborado, em Maio de 1988, e por isso ele agora é inoportuno» disse o presidente do Grupo Parlamentar do PSD, em declarações recolhidas pela agência Lusa. Não está prevista qualquer iniciativa semelhante ou substitutiva desta por parte da maioria na Assembleia da República.

Jornadas Parlamentares do PS marcadas para Setúbal

Embora ainda falte quase um mês para as Jornadas Parlamentares do PS, já se conhece o local da sua realização: serão em Setúbal, nos dias 19 e 20 de Abril, e o Partido Socialista tenciona anteceder-las, já no dia 7, de um debate sobre o impacto social do desenvolvimento económico em curso no distrito de Setúbal.

PSD

Entretanto decorre desde esta madrugada no concelho de Souel o exercício «Mercúrio 90» sob o comando do general Cortesão, responsável pelo COFA Comando Operacional da Força Aérea.

Exercício militar conjunto da Força Aérea e do Exército, envolve aviões de ataque, helicópteros, um «Aviocar» para guerra electrónica e mais de mil e oitocentos homens, nomeadamente da brigada de Defesa Territorial do Sul.

Apesar de não comportarem acções de fogo real, dada a proibição de disparar fora das carreiras de tiro, as manobras visam o aperfeiçoamento da instrução táctica e técnica das forças da FAP e do Exército.

Durante os três dias das manobras serão postos à prova os sistemas de controlo, comando e comunicações daqueles dois ramos das Forças Armadas, através da aplicação de processos de cooperação aero-terrestres.

Júlio Rodrigues

V E S

Delgado

De manhã, a família de Humberto Delgado pediu apoio ao Presidente da República para a realização das cerimónias de trasladação dos restos mortais do general sem medo» para o Panteão Nacional, sejam uma homenagem ao general ou uma homenagem à Secretaria de Estado da Defesa. As cerimónias mas, a dois meses depois, não houve qualquer comissão de honra para o general. Apenas que Delgado ficará no Panteão Nacional, entre os locais onde estão os antigos chefes de Estado.

Timor/GAP

A Austrália opôs-se à ratificação do Tratado de Timor/GAP pelo Senado de Camarões. Wagner, da Fundação Timor, diz que os democratas foram os primeiros a tomarem uma posição pública.

Água

Miguel Urbano Rodrigues será o primeiro a debater sobre a situação na Niágara amanhã. O desmantelamento e o respeito pelas conquistas sociais da Niágara sobre a ditadura de Anas são temas a analisar.

Europa

Até 1 de Abril decorre no ar a Semana da Europa. Esta inicia-se no gabinete em Portugal da Comissão Europeia e pelo Governo da Alemanha. A Angra do Heroísmo, com um desenvolvimento regional em que o Estado da Integração Europeia e os aspectos comunitários regionais, em particular os temas fortes da Semana

Prémio parlamentar de 600 contos para investigação sobre Timor

A Fundação Oriente, como entidade financiadora, e a Assembleia da República, como patrocinadora, assinaram o protocolo que institui o Prémio Nacional Timor destinado a galardoar «trabalhos de investigação interdisciplinar sobre a identidade, história, situação internacional e prospectiva de Timor-Leste». São 600 contos para o primeiro classificado e 300 para o segundo, mas o regulamento exige aos interessados uma investigação de certo fôlego pois «os trabalhos devem ter o reconhecido nível das dissertações universitárias, incluídos os apresentados para a obtenção dos graus académicos de mestre e doutor». O prazo de entrega termina a 30 de Junho de 1991 e o júri é formado pelos representantes partidários na Comissão Eventual para o Acompanhamento da Situação em Timor-Leste. Mas, antes de serem submetidos a este júri político-parlamentar, os trabalhos candidatos aos 600 contos vão passar pelo crivo da pré-selecção, a cargo de três professores universitários convidados pela Fundação Oriente. Rubricaram o protocolo, em cerimónia no Parlamento, o presidente da Fundação Oriente, Carlos Monjardino, o presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, e os membros da Comissão de Timor.



Carlos Monjardino na apresentação do prémio, rodeado pelos membros da Comissão Eventual de Timor e pelo presidente da Assembleia da República

POLÍTICA

Dias depois do discurso ecológico do Primeiro-Ministro à Nação, associações ambientais e de cientistas apelam ao Presidente da República contra o decreto governamental sobre estudos de impacto ambiental. O Governo quebrou o diálogo e compromissos assumidos com associações ecológicas, que o acusam de abrir as portas com tal decreto ao mais amplo desrespeito pela defesa de valores ambientais

Ecologistas apelam a Mário Soares contra a política do Governo

Grupos ecologistas e associações profissionais ligadas à defesa do ambiente apelaram ao Presidente da República no sentido de anular, de tentar alterar ou requerer a inconstitucionalidade de uma lei governamental que se encontra para despacho no Palácio de Belém. Os signatários são a Liga para a Protecção da Natureza, o Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e do Ambiente (GEOTA), e as Associações Portuguesas de Biólogos, de Engenheiros do Ambiente e de Geólogos.

A referida lei que surge com muito atraso relativamente aos compromissos de regulamentação da Lei de Bases do Ambiente e à adopção de normas comunitárias diz respeito às condições de avaliação de efeitos de impacto ambiental de determinados projectos públicos e privados. Os estudos de impacto ambiental constituem um instrumento fundamental de uma política de ambiente, porque têm um efeito preventivo e, se respeitados, podem evitar consequências danosas, nuns casos difíceis de remediar e noutros de efeitos muito onerosos.

Aquelas associações acusam a lei governamental de estar redigida de modo a não funcionar, de isentar de estudos de impacto

ambiental as grandes concentrações industriais poluidoras, de retirar qualquer força vinculativa aos pareceres do Ministério do Ambiente, de estabelecer muitas diminutas aos infractores. Em termos formais acusam-na de ilegal, por desrespeitar a Lei de Bases do Ambiente, e de anticonstitucional, por desrespeitar normas sobre actos legislativos e sobre responsabilidades do Estado e direitos dos cidadãos.

Segundo fontes das associações ecologistas, o Governo, ou mais precisamente a Presidência do Conselho de Ministros, terá rompido o diálogo e alguns compromissos que teriam sido assumidos com o secretário de Estado Macário Correia que, mais uma vez, parece ter sido completamente ultrapassado. Contactado o gabinete da secretária de estado foi-nos recusado qualquer comentário ou esclarecimento sobre este assunto.

No documento endereçado ao Presidente da República as associações dão-nos a entender, quando escrevem que as insuficiências da lei governamental «não decorrem de falta de estudos adequados, dado que tais estudos foram em devido tempo desenvolvidos pelos serviços competentes». A associações concluem que os erros do decreto não resultam



Grandes indústrias fortemente poluentes poderão ser instaladas sem qualquer estudo prévio do seu impacto, o que manifesta pouca vontade de defender a qualidade do ambiente

de falta de qualificação técnica prévia, mas de «uma opção política do Governo», de cuja política do ambiente se afastam cada vez mais. Esta conflitualidade entre o Governo e associações de defesa do ambiente, onde militam alguns simpatizantes ou filiados no partido governamental, surge num momento em que o primeiro-ministro se afirma particularmente empenhado, perante o País, na definição de uma política de respeito por valores ecológicos.

As associações fazem saber ao Presidente da República que o decreto governamental contraria sistematicamente as conclusões de umas jornadas sobre regulamentação da avaliação do impacto ambiental, realizadas em Abril do ano passado, único acto de discussão pública da matéria, e que contaram com a participação activa de especialistas e representantes da administração central, indústrias, universidades, associações e autarquias.

Pelos vistos, o Governo legislou apressadamente, apesar de bons trabalhos preparatórios prévios, por um lado porque já tinha mais de um ano e meio de atraso relativamente ao prazo limite para cumprimento da directiva comunitária sobre a matéria, e quando soube que o Partido Socialista tinha apresentado na

Assembleia de República um projecto de lei sobre avaliação de impactos ambientais.

As associações acusam o decreto governamental não atribuir aos estudos de impacto ambiental o seu fundamental carácter de medida eficaz de prevenção e de promoção de qualidade de vida. Argumentam que o processo legislativo não garante qualquer influência nas decisões, porque não regulamentam a consulta pública, porque o ministro do Ambiente tem meras funções consultivas, porque os prazos previstos são impraticáveis, porque o estudo só interveio na fase de licenciamento, quando já foram decididas todas as questões essenciais. Daí concluem que o decreto «não oferece garantias de que os projectos com impacto significativo no ambiente, sejam submetidos à avaliação dos seus efeitos». Na exposição dirigida ao Presidente da República, as associações afirmam que o decreto desrespeita a Lei de Bases do Ambiente, na medida em que isenta de estudos de impacto ambiental actividades industriais de forte poluição, como as indústrias de celulose, químicas, têxtil, cimenteira, de curtumes e extractiva; abre as portas à isenção discricionária de estudos prévios de impacto de vários projectos.

PS: «Lei irresponsável»

«A lei do Governo «não passa de uma má tradução da directiva comunitária, apressada e irresponsável, que esvazia todo o alcance que poderia ter na defesa e preservação ambiental» - diz-nos o deputado José Sócrates, porta-voz do PS para as questões do ambiente.

José Sócrates corrobora a ideia da quebra de compromissos do Governo, ao afirmar que esta lei nada tem a ver com a proposta que Macário Correia andou a dis-

cutir com as associações ambientais, durante dois anos, frustrando todas as expectativas criadas.

Aquele deputado diz que os projectos abrangidos pela lei dizem respeito a indústrias que o País já tem e em que não vai investir tão cedo, tais como siderurgias, refinarias ou centrais termicas, e considera escandaloso que a parte substancial de outras indústrias mais loteamentos e complexos turísticos fiquem isentos de estudos de impacto

ambiental.

O projecto de lei do PS, apresentado do Parlamento em 30 de Janeiro último, obriga a estudo de impacto ambiental uma vasta lista de projectos industriais, agrícolas, energéticos e de obras públicas. Prevê a criação de uma Comissão Nacional de Avaliação de Impactes Ambientais, na dependência do ministro do Ambiente, a exemplo do que existe noutros países europeus.

Adelino Cardoso

FUNDAÇÃO ORIENTE

Bolsas de Estudo

Dando continuidade aos seus objectivos de promoção de iniciativas de carácter cultural, educativo, artístico e científico que visem o reforço das ligações históricas e culturais entre Portugal e o Oriente, a Fundação Oriente informa que se encontram abertos, de 2 a 30 de Abril, os concursos de bolsas para Doutoramento e Mestrado, Investigação, Aperfeiçoamento Artístico e frequência de Cursos Anuais para aperfeiçoamento de Língua e Cultura Portuguesas para naturais de países do Extremo Oriente e de Línguas e Culturas Orientais para portugueses.

Para serem admitidos a concurso os candidatos deverão apresentar, devidamente preenchido, o boletim de inscrição fornecido pela Fundação, acompanhado dos seguintes documentos.

Doutoramento e Mestrado/Investigação/Aperfeiçoamento Artístico:

- ◆ Curriculum vitae;
- ◆ Plano de trabalho convenientemente estruturado, com indicação explícita do tempo necessário à sua execução;
- ◆ Documento comprovativo de aceitação do plano de trabalho por parte de orientador qualificado ou por parte da instituição onde o candidato pretenda realizar o seu trabalho.
- ◆ Cartas abonatórias de individualidades ligadas à área de acção do candidato.

Língua e Cultura Portuguesas/Línguas e Culturas Orientais:

- ◆ Curriculum vitae;
- ◆ Fotocópia de certificados dos estudos efectuados na área onde pretende realizar o aperfeiçoamento, autenticados por autoridade competente;
- ◆ Documentos emitidos por duas pessoas de reconhecida idoneidade que atestem as qualidades de trabalho do bolseiro.

Os interessados poderão contactar a Sede da Fundação, na Praça dos Restauradores, 47 - 1200 Lisboa

Oposição
o Conselho da E
na no

Nova à esp de in

A questão de fundo q
sessão especial do Com
istros do Conselho da
que reuniu durante o
mana, em Lisboa, foi
saber qual será o papel
tuição depois de co
democratização dos pa
A reunião que começou
passada, teve uma prin
à qual estiveram pres
representantes dos est
bros, tendo sido alargada
à Bulgária, Checoslová
gria, Jugoslávia, Uniã
Polónia e à Comissão
munidades Europeias, r
pelo seu presidente, J
lors.

Citando o ministro de
Estrangeiros da Fran
Dumas, o ministro por
Negócios Estrangeiros, J
Pinheiro, actual pres
Comité de Ministros d
mou, no início da con
Imprensa final, que e
entre o Leste e o Oeste
histórica e Lisboa terá
do «reencontro da Eu
afirmar, também, que c
da Europa está vivo e
Pinheiro deu a enten
objectivos tidos como i
tanto por ele como pela
geral, Catherine Lalum
sido atingidos.

Cavaco perph

A líng

Do nosso enviado esp
em

«Temos de reexamin
ensino da língua portu
fora de Portugal. Em Fr
com uma comunidade d
mil pessoas, não é no
que apenas 18 mil estuda
tenham adoptado pela
língua.» As palavras de
vaco Silva antecederam,
doalmente, uma peq
manifestação de profess
que o aguardaram à en
da Embaixada de Port
para lhe afirmarem não
cordar com uma prov
avaliação a que dev
submeter-se até Julho,
pena de não poderem
cer a sua actividade p
sional. O primeiro-min
disse defender os inter
nacionais e, ele próprio
submetera a dive
avaliações para consegu
diversos graus académ
que ostenta. Partiu de
tomável e os professor
caram ainda mais rev
dos.

A deslocação oficia
chefe do Governo a Fr
assentou na procura d
vestimentos para Portug

tais e de cientistas
impacto ambiental.
as, que o acusam
es ambientais

res



ser instaladas sem qualquer
ouca vontade de defender

a de República um projecto de lei
ção de impactos ambientais.
ações acusam o decreto gover-
não atribuir aos estudos de im-
ental o seu fundamental carácter
eficaz de prevenção e de promo-
idade de vida. Argumentam que
o legislado não garante qualque-
nas decisões, porque não regu-
consulta pública, porque o minis-
oiente tem meras funções consulti-
e os prazos previstos são im-
s, porque o estudo só intrevém na
enciamento, quando já foram de-
das as questões essenciais. Daí con-
o decreto «não oferece garantias
projectos com impacto significativo
te, sejam submetidos à avaliação
feitos.» Na exposição dirigida ao
da República, as associações afir-
decreto desrespeita a Lei de Bases
nte, na medida em que isenta de
e impacto ambiental actividades
de forte poluição, como as indústrias
e, químicas, têxtil, cimenteira, de
e extractiva; abre as portas à is-
ricionária de estudos prévios de
e varios projectos.

onsável»

ambiental.
O projecto de lei do PS,
apresentado do Parlamento
em 30 de Janeiro último,
obriga a estudo de impacto
ambiental uma vasta lista de
projectos industriais, agricó-
las, energéticos e de obras
públicas. Prevê a criação de
uma Comissão Nacional de
Avaliação de Impactes
Ambientais, na dependência
do ministro do Ambiente, a
exemplo do que existe noutros
países europeus.

Adelino Cardoso

Oposição britânica e da CEE impediram
o Conselho da Europa de ter papel mais importante
na nova arquitectura europeia

Nova Europa à espera de iniciativas

A questão de fundo que rodeou a sessão especial do Comité de Ministros do Conselho da Europa (CE) que reuniu durante o fim-de-semana, em Lisboa, foi sem dúvida saber qual será o papel desta instituição depois de consumada a democratização dos países de Leste. A reunião que começou sexta-feira passada, teve uma primeira sessão à qual estiveram presentes os 23 representantes dos estados membros, tendo sido alargada, no sábado, à Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, União Soviética, Polónia e à Comissão das Comunidades Europeias, representada pelo seu presidente, Jacques Delors.

Citando o ministro dos Negócios Estrangeiros da França, Roland Dumas, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, actual presidente do Comité de Ministros do CE, afirmou, no início da conferência de imprensa final, que esta reunião entre o Leste e o Oeste europeu foi histórica e Lisboa terá sido o local do «reencontro da Europa». Ao afirmar, também, que o «Conselho da Europa está vivo e bem», Deus Pinheiro deu a entender que os objectivos tidos como importantes, tanto por ele como pela secretária-geral, Catherine Lalumière, teriam sido atingidos.

Assim, o ministro português afirmou haver um claro apoio, tanto dos países-membros do CE como dos países de Leste presentes, ao papel do Conselho na futura arquitectura europeia. No entanto, não ficou bem claro qual seria de facto o seu novo papel, a não ser que deveria ir ao encontro das necessidades reais dos países de Leste no que diz respeito à transição e à consolidação da democracia pluralista, à defesa dos direitos do homem e de um Estado de direito.

Dos assuntos sugeridos pela presidência do Comité de Ministros para serem debatidos na reunião, a questão da futura arquitectura europeia foi o tema que levantou mais expectativa. A sua discussão, no entanto, não proporcionou grande evolução na questão. Referindo-se à futura arquitectura europeia e, mais precisamente ao papel do CE, a sua secretária-geral, Catherine Lalumière deu a entender, em conferência de imprensa antes do início dos trabalhos, que o Conselho poderia vir a usufruir das competências inscritas no «terceiro cesto» da Acta Final de Helsínquia, isto é, as componentes políticas, jurídicas e culturais. Esta iniciativa, que se inscreve num cenário exposto por João de Deus Pinheiro, implica uma certa divisão de trabalho, entre as instituições europeias, no que diz

POLÍTICA



A cooperação europeia com os países do Leste foi um dos temas da reunião

respeito às várias componentes da segurança europeia.

Oposição marcada

No entanto, no decorrer dos trabalhos da reunião especial do Comité de Ministros, assim como durante a reunião quadripartida entre a Comissão da CEE, a presidência do comité de Ministros do CE, a secretária-geral do CE e a Presidência do Conselho de Ministros da CEE, essa ideia desmoronou-se. Em declarações ao «DL», o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros britânico, William Waldergrave, afirmou que o seu Governo não achava oportuno que o conteúdo do «terceiro cesto» fosse transferido para o CE. O presidente da Comissão da CEE, Jacques Delors, afirmou, em reacção à futura divisão de tarefas, que era «premature» definir a sua repartição, dando a

entender que a CEE teria pretensões que, a longo prazo, possam vir a englobar mais do que os aspectos económicos da segurança europeia.

Novas adesões

Ligado a este problema da transferência de competências da Conferência de Segurança e Cooperação Europeia para o Conselho da Europa, está também a questão da adesão de novos Estados-membros. Na origem do problema está a não coincidência de Estados-membros do CE e da CSCE. Assim, a União Soviética, os EUA, o Canadá e os restantes países de Leste são membros da CSCE e não do CE. Se houvesse uma transferência de competências da CSCE para o CE, estes Estados teriam de alguma forma de aderir ao CE.

No que diz respeito aos países de Leste e à União Soviética tudo leva

a crer que se a evolução actual no sentido da introdução de uma democracia pluralista, do respeito pelos direitos do homem e da adopção de um Estado de direito se mantiver, estes países brevemente poderão aderir ao Conselho da Europa. No entanto, João de Deus Pinheiro frisou que não se poderão fazer «concessões indevidas». Quanto aos EUA e ao Canadá, a questão é mais complicada. Os aliados dos EUA, especialmente a Grã-Bretanha, não vão tolerar que uma fatia da CSCE passe para o CE, excluindo desta maneira os EUA. A alternativa seria encontrar uma forma de ligação que permitisse aos Estados Unidos e ao Canadá, não sendo europeus, de estarem presentes nas discussões. Juridicamente esta alternativa não é fácil, de facto não agradou a muitos.

Nuno Azevedo

Cavaco perplexo

A língua portuguesa fora de moda em França

Do nosso enviado especial em Paris

«Temos de reexaminar o ensino da língua portuguesa fora de Portugal. Em França, com uma comunidade de 800 mil pessoas, não é normal que apenas 18 mil estudantes tenham adoptado pela nossa língua.» As palavras de Cavaco Silva antecederam, paradoxalmente, uma pequena manifestação de professores que o aguardaram à entrada da Embaixada de Portugal para lhe afirmarem não concordar com uma prova de avaliação a que deverão submeter-se até Julho, sob pena de não poderem exercer a sua actividade profissional. O primeiro-ministro disse defender os interesses nacionais e, ele próprio, se submetera a diversas avaliações para conseguir os diversos graus académicos que ostenta. Partiu de automóvel e os professores ficaram ainda mais revoltados.

A deslocação oficial do chefe do Governo a França assentou na procura de investimentos para Portugal; na

defesa de um pólo de desenvolvimento dos países do Sul da comunidade onde incluí a França, Itália, Espanha e o nosso país; nas questões bilaterais onde não existem contenciosos; na reafirmação da importância da permanência de tropas americanas em solo europeu e no papel da NATO; e finalmente, numa tomada de posição relativamente à África Austral, como reafirmação do papel privilegiado de Portugal nas relações políticas com aquela zona do Globo.

Cavaco Silva propôs, nomeadamente, «o lançamento de um sinal» positivo da Comunidade ao presidente De Klerk que ultrapassou as expectativas e já deu passos muito importantes no desmantelamento do regime de segregação racial. O primeiro-ministro salientou não se tratar da defesa do levantamento das sanções a África do Sul, mas ser urgente que à Comunidade se debruce sobre esta matéria. Anunciou que o presidente sul-africano deslocar-se no mês de Maio a diversos países europeus, iniciando essa digressão por Portugal.

Em termos de relações internacionais, o primeiro-ministro afirmou que junto de Michel Rocard, seu homólogo francês, sublinhara a importância de um apoio credível ao presidente Collor, do Brasil e a autodeterminação do povo de Timor-Leste. Sobre esta questão, disse que os contactos entre Portugal e a Indonésia irão prosseguir no quadro da ONU.

Automóveis por têxteis

Na esfera do Uruguay Round, considerou o «dosier» dos têxteis «vital» para o nosso país, afirmando não aceitar a liberalização do mercado sem medidas concretas de defesa para Portugal, onde este sector da indústria assume uma dimensão desmesurada e uma grande concentração regional.

Cavaco Silva reafirmou a posição portuguesa da similitude que verifica entre esta questão e a que está subjacente às preocupações dos países comunitários produtores de automóveis (casos da França, Itália e Espanha) a quem manifestou solidariedade. Em troca, Portugal espera o apoio

daqueles na problemática dos têxteis.

Nas conversações que travou com o seu homólogo da França referiu-se a manutenção da fronteira da distância de que são vítimas alguns Estados-membros da Comunidade e propôs uma reflexão conjunta dos países do Sul sobre as redes transeuropeias, designadamente nos domínios das comunicações, energia e gás natural. «Há um défice que prejudica os países do Sul. A CEE deve assumir as suas responsabilidades.»

Acelerar a UEM

A cimeira extraordinária de Dublin foi para Cavaco Silva um acontecimento destacado no panorama dos seus encontros em Paris. Disse que a União Económica e Monetária deve ser acelerada, «desde que se evitem situações que conduzam a maiores desequilíbrios entre os Doze».

Defendeu a estabilidade da UEM como forma de evitar tensões económicas e financeiras que conduzam a tensões políticas e sociais.

Sobre uma pergunta colocada pelo DL, o primeiro-

ministro afirmou que Portugal não modificará a sua posição. Entende que a cimeira extraordinária de Dublin deve abordar a questão alemã como principal ponto da agenda; debruçar-se sobre as relações Europa-Estados Unidos e sobre a União Económica e Monetária, caso haja tempo. Deverá criar-se condições para a conferência intergovernamental. A UEM disse o primeiro-ministro - deve ser importante para uma cimeira ordinária de Dublin se não for para a cimeira extraordinária de Dublin.

Recorde-se que ainda recentemente, em Bruxelas, o secretário de Estado da Integração Europeia defendera intransigentemente a manutenção da questão alemã como único ponto da agenda da cimeira extraordinária.

Nino mete cunha

O presidente Nino Vieira, em Paris por ocasião da visita do primeiro-ministro solicitou, telefonicamente, que intercedesse junto de François Mitterrand para que este fizesse esforços junto do Senegal no sentido de pôr cobro

ao litígio entre os dois países devido a uma questão fronteiriça.

Cavaco Silva discutiu o problema com o presidente francês, até porque tanto Portugal como a França estão em posições favoráveis para contribuir na solução deste diferendo: ambos foram colonizadores. A discórdia é entre os colonizados.

Tudo indica que Cavaco Silva tenha cumprido os propósitos que o fizeram deslocar-se a Paris. No entanto, a língua portuguesa continua arredada dos interesses de Portugal. *In loco*, o primeiro-ministro constatou isso. Vamos estar atentos ao aumento ou não do número de estudantes que quer aprender a sua língua de ascendência. Por agora são apenas 18 mil, um número no qual, provavelmente, ninguém tinha reparado. Como igualmente, só quando do jantar oferecido aos representantes das comunidades, se descobriu que associações portuguesas em França eram só... 800.

José Rui Cunha

ECONOMIA

UEM obriga cada país a pagar os seus erros

Do nosso correspondente em Bruxelas

As características essenciais de um estudo da Comissão Europeia sobre a União Económica e Monetária, a submeter ao conselho informal dos ministros das Finanças dos Doze, em Ashford Castle (Irlanda), determinam a ausência de mecanismos automáticos para acorrer a países com dificuldades orçamentais.

«Cada Estado-membro deve pagar pelos seus erros», declarou o vice-presidente Henning Christophersen, esta semana, em conferência de imprensa.

O comissário dinamarquês, responsável pelos assuntos dos Assuntos Económicos e Financeiros, pela Coordenação dos Fundos Estruturais e pela Estatística, esclareceu que a ausência de mecanismos automáticos prevê uma função amortecedora para acorrer em caso de necessidades resultantes, por exemplo, de catástrofes ou da subida imprevista ou extremamente gravosa dos preços do petróleo.

O vice-presidente declarou que a existência de onze moedas diferentes custa anualmente, à Comunidade, entre 15 a 20 mil milhões de ecus. Defendeu o objectivo da moeda única e, perante uma questão, não teve problemas em sugerir uma solução para aqueles que não estariam dispostos a abolir a sua própria moeda.

«As notas e as moedas podem ter de um lado o ecu e do outro a designação da moeda nacional que passará a ter o mesmo valor que a futura moeda comunitária. De um lado fica o ecu, no verso

o escudo, o franco ou a libra. As designações de cada moeda não desapareceriam. É tudo uma questão de criatividade», sugeriu Henning Christophersen.

O estudo da Comissão prevê um programa em três fases para a concretização da União Económica e Monetária, a primeira das quais a iniciar-se a 1 de Julho deste ano. A segunda fase, a mais curta, com uma duração de dois anos, começa logo que estejam ratificados os resultados da Cimeira Intergovernamental, a convocar pela presidência italiana, em Dezembro. A terceira fase terá o seu início em 1995 ou 1996 e visa a unificação da moeda.

O vice-presidente reconheceu que a UEM vai criar alguns problemas, nomeadamente aos Estados menos favorecidos, mas afirmou também haver vantagens, sobretudo para os países com grandes défices nas finanças públicas.

O Eurofed

Ao descrever as características essenciais da UEM, Christophersen citou, nomeadamente uma política monetária comum dirigida por uma nova instituição, o Eurofed; os bancos centrais que conservarão a responsabilidade do bom funcionamento dos sistemas de pagamento, dos mercados nacionais e das relações com as instituições financeiras nacionais, estudos de mercado e outras que lhes conferem uma independência «suficiente»; uma moeda única, o ecu, para que se possa usufruir de todas as vantagens e potencialidades do Mercado Único e da União Monetária.

O Eurofed passará a dispor do controlo exclusivo da emissão de ecus e será investido da responsabilidade do sistema de pagamentos. O sistema europeu de um banco central deverá comportar um conselho constituído pelos doze governadores dos bancos nacionais e um organismo central, o directório, formado por um número reduzido de membros nomeados pela sua competência profissional e com um mandato de longa duração: entre oito e catorze anos.

O Conselho definirá a política monetária e o directório concretizará, dia a dia, a política monetária comum.

Os desequilíbrios regionais muito pronunciados constituirão uma ameaça, tanto económica como política, para a UEM. A Comunidade dispõe já de instrumentos cujo objectivo é a coesão. Uma avaliação completa do impacto nesses países será feita no final de 1991.

Segundo o estudo, na etapa final da segunda fase da UEM, poderá ser necessário proceder-se a um reforço das políticas estruturais da Comunidade. É nesta fase que surge um mecanismo amortecedor tendente a reagir de forma eficaz, face aos choques inesperados que poderão atingir determinadas regiões. Christophersen declarou que este estudo da Comissão, intitulado União Económica e Monetária, Fundamento Económico e Concepção do Sistema, constitui uma contribuição aos trabalhos preparatórios da Conferência Intergovernamental. E salientou que tudo visa «uma moeda única».

José Rui Cunha



Petrogal reforça laços com Angola

Mira Amaral desenvolve cooperação com Luanda

A Petrogal e a empresa petrolífera angolana (Sonangol) poderão vir a cruzar participações nos respectivos capitais sociais, revelou fonte do Ministério da Indústria e Energia à Lusa, ao anunciar a próxima visita de Mira Amaral, acompanhado de Ribeiro da Silva, a Luanda, onde assinará um protocolo.

Com esta visita, os responsáveis portugueses pretendem «elevar a cooperação energética a um estágio mais elaborado».

Decorrente deste reforçar de laços, a quantidade de petróleo que a Sonangol fornece à Petrogal ultrapassará, em 20 ou 30 por cento, os actuais 10 mil barris/dia.

O problema da inadequação às refinarias portuguesas do crude fornecido pela Sonangol à Petrogal, no valor de 65 milhões de dólares/ano, foi ultrapassado com acordos swap estabelecidos com terceiros, que permitiram escoar, na íntegra, aquela quantidade.

Cruzamentos

O aumento das quantidades deste crude processadas em refinarias portuguesas favorece o melhor aproveitamento da nova unidade de *cracking* de Sines, que poderá, igualmente, tratar outros produtos secundários com a mesma proveniência, o que permitirá a Luanda ver, assim, aumentada a rentabilidade do barril e facilitado o acesso aos mercados comunitários.

Por outro lado, a Petrogal está interessada em entrar naquele mercado interno de distribuição de combustíveis e manifesta-se disponível para apoiar a Sonangol na entrada no mercado português.

Para a entrada cruzada nestes mercados de distribuição muito contribuiu o sucesso alcançado pela Petrogal com um acordo de fornecimento de óleos e lubrificantes.

Portugal financia

A EDP tem, por outro lado, em vias de concretização um acordo de formação que envolve 450 trabalhadores angolanos. Este programa, cujo valor é de 2,5 milhões de dólares é financiado em 50 por cento pelo Estado português, em 40 por cento pelo Banco Mundial e em 10 por cento por Luanda.

De resto, esta empresa pública participa de forma activa neste processo de aumento do envolvimento empresarial com Angola. Está presente, além da formação, nas áreas de transporte e distribuição de energia, assistência técnica e construção e recuperação de unidades energéticas.

B R E V E S

Renault é grande exportadora

A Renault Portuguesa exportou 60 milhões de contos em 1989, o que lhe dá o primeiro lugar entre as empresas exportadoras. O somatório das vendas ao exterior de todas as empresas do grupo ultrapassou os 77 milhões de contos. Espanha, França, Grécia, Itália, Suíça, Áustria, Grã-Bretanha e Estados Unidos, foram os principais mercados.

BFE abre sucursal em Madrid

O Banco de Fomento e Exterior vai inaugurar no próximo dia 27 a sua sucursal bancária em Madrid, acto a que estará presente o ministro da Indústria, Mira Amaral. O rei Juan Carlos receberá em audiência o presidente do BFE, João Salgueiro, que estabelecerá ainda contactos com autoridades governamentais e financeiras de Espanha.

Cosec alarga área a riscos cambiais

Bancos e seguradoras adquirem acções no valor de 51 por cento

«A Cosec, Companhia de Seguros de Créditos, vai alargar a sua área de actividade à cobertura de riscos cambiais decorrentes de operações de exportação», disse à agência Lusa, Alberto Regueira, presidente daquela companhia.

A Cosec, afirma Alberto Regueira, assume esta nova responsabilidade até ao final deste semestre, em nome do Estado português, assegurando que aquela empresa vai alienar a totalidade de acções de tipo A, correspondentes a 51 por cento do seu capital social. As acções de tipo B, correspondentes aos restantes 49 por cento do capital social, serão alienados, após a aprovação da nova lei quadro das privatizações.

Registe-se que o Banco do Fomento e Exterior adquiriu 26 por cento dessas acções, distribuindo-se os restantes 25 por cento pelo IPE, CGD, Mundial Confiança, BPA, BESCL, BBI, BPSM, Sociedade Financeira Portuguesa, BFB, Império e UBP.

«Considero bastante impor-

ante que o maior número de bancos e seguradoras privadas portuguesas entrem no capital da Cosec, assim como algumas das nossas congéneres e resseguradores estrangeiros», diz Alberto Regueira.

Nos primeiros dois meses deste ano, a Cosec teve um aumento de produção, em seguro de créditos interno, da ordem dos 40 por cento, em relação ao ano passado, ou seja 184 mil contos contra os 132 mil do ano transacto.

No ano de 1989, os resultados líquidos da Cosec ascenderam a 150 mil contos, enquanto em 1988, os resultados foram de 137 mil contos. Para o presidente da Cosec, estes resultados justificam-se pelo reforço excepcional das provisões da companhia em cerca de 175 mil contos, com o objectivo de se adaptar às disposições comunitárias referentes às garantias financeiras das seguradoras.

«DL»/Lusa

COTAÇÕES



Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$20	54\$20
ALEMANHA FED. (marco)	87\$35	88\$55
ÁUSTRIA (selim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	4\$026	4\$276
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127\$90	130\$40
(notas de 5 a 1000)	128\$40	130\$90
DINAMARCA (coroa)	22\$90	23\$30
ESPAÑA (peseta)	1\$329	1\$449
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	1\$0\$65	1\$4\$15
(notas de 5 a 1000)	1\$1\$15	1\$4\$65
FINLÂNDIA (marka)	37\$05	37\$65
FRANÇA (franco)	25\$90	26\$60
HOLANDA (florim)	77\$70	78\$80
IRLÂNDIA (libra)	234\$30	238\$30
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$932	\$987
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	241\$60	246\$10
SUÉCIA (coroa)	24\$25	24\$75
SUÍÇA (franco)	98\$70	100\$20
VENEZUELA (bolívar)	2\$805	3\$605

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Depois d
do SovieteSovi
enco

Vytautas Landsbergis, do Exército soviético, a fim de oficializar. O chefe da delegação soviética, Vytautas Landsbergis, três dias depois do Exército soviético e do KGB, para discutir «questões concretas». Se horas depois do Exército soviético, dois edifícios públicos, Comunista Independente. Durante o dia de ontem, na capital, a chegada dos camiões soviéticos, noite de sexta-feira passada pelo exército «manobras» militares, um clima de rumores. O primeiro-ministro, Romas, chegou mesmo a levar sobre a ocupação imprevista, ao mesmo tempo, ficava uma excepção de militares no aeroporto lituano.

Encontros a alto nível

Depois do encontro de oficiais soviéticos, Lituânia, durante uma conferência telefonada pessoal, Valentin Varennikov, Major do Exército, em Lituânia para «dirigir as tarefas». Um dos temas, sido a ocupação pelos russos da Escola Superior Instituto de Educação, edifícios do PC lituano. Ainda ontem, enqua-

Enquanto Peres tent

União na
não voltar

«Tenho muita pena que o clima de desconhecimento, se tenham instalado, e o Likud.» Com Yitzhak Rabin, segundo-antigo ministro da Defesa, qualquer hipótese de se de união nacional em Israel.

As declarações de Rabin, que o líder trabalhista S. semana passada de formalidades de entendimento religiosos. Ontem houve um acordo. Embora os ortodoxos Agoudat Israel, um acordo. Embora os ortodoxos puseram uma condição para o líder trabalhista, que apoiou o Partido Social. «Nós só participamos numa maioria judaica», disse o líder trabalhista, «condição pôde em causa a decisão para o líder trabalhista do partido religioso (dois deputados) às propostas deste partido têm mostr

INTERNACIONAL

Depois de uma verdadeira guerra de nervos nos últimos dias, o presidente do Soviete Supremo da Lituânia encontra-se reunido, desde o início da manhã, com um alto responsável do Exército soviético

Soviéticos e lituanos encontram-se em Vilna

Vytautas Landsbergis, presidente do Soviete Supremo (Parlamento) da Lituânia, está reunido desde o princípio desta manhã com um alto responsável do Exército soviético, ainda não identificado oficialmente. O encontro desta manhã vem na sequência de uma reunião preparatória, que se realizou na noite de ontem para hoje, em Vilna, entre Landsbergis, três altos responsáveis do Exército soviético e o vice-presidente do KGB, para discutirem algumas «questões concretas». O encontro deu-se horas depois do Exército ter ocupado dois edifícios públicos do Partido Comunista Independente da Lituânia. Durante o dia de ontem chegou-se a temer o pior, na capital lituana. A entrada dos camiões soviéticos durante a noite de sexta-feira para sábado, apresentadas pelo exército como meras «manobras» militares, fizeram rebentar um clima de rumores. Um dos três vice-primeiros-ministros, Romualdas Ozolas, chegou mesmo a levantar a hipótese sobre a ocupação iminente do Parlamento, ao mesmo tempo que se verificava uma excepcional concentração de militares no aeroporto da capital lituana.

Encontros a alto nível

Depois do encontro de ontem com os oficiais soviéticos, Landsbergis afirmou, durante uma conferência de Imprensa, ter telefonado pessoalmente ao general Valentin Varennikov, chefe do Estado-Maior do Exército, enviado para a Lituânia para «dirigir as operações militares». Um dos temas da conversa terá sido a ocupação pelos soldados soviéticos da Escola Superior do Partido e do Instituto de Educação Política, dois edifícios do PC lituano.

Ainda ontem, enquanto decorria o



Crianças brincam em Vilna, enquanto um helicóptero do exército soviético patrulha a área

encontro de uma hora entre Landsbergis e os altos oficiais do Exército Soviético e do KGB, a televisão lituana leu uma resolução do Soviete Supremo lituano «sobre as medidas destinadas a assegurar o funcionamento normal do Estado, das indústrias, das instituições e das organizações sociais». A resolução dava conta de várias acções de «encorajamento ao desrespeito da lei lituana (...) de tentativas para perturbarem a paz, criar conflitos e provocar levantamentos. Estas acções injustificáveis - adianta aquele documento - foram levadas a cabo pelas forças do Exército soviético e a soberania da República da Lituânia foi posta em causa».

A resolução dava ainda poderes ao

Ministério do Interior para investigar as causas das perturbações verificadas nos últimos dias. «As pessoas que organizam as ocupações ilegais são responsáveis perante a lei, assim como as que encorajam à desobediência e tentam impedir a actividade normal das instituições».

Estas palavras são uma clara referência ao movimento Edinstvo - que significa «unidade» -, que se opõe à independência daquela república báltica. O movimento, composto na sua grande maioria - cerca de 75 por cento - pela comunidade russa, marcou para amanhã uma concentração à frente do edifício do Soviete Supremo, em Vilna, para protestar contra a independência da Lituânia.

Redacção «DL»/AFP

Enquanto Peres tenta acordo com religiosos

União nacional não voltará a Israel

«Tenho muita pena que a persistência dos rancores e um clima de desconfiança, que já não pode ser superado, se tenham imposto entre o Partido Trabalhista e o Likud.» Com estas palavras o deputado Yitzhak Rabin, segundo da hierarquia trabalhista e antigo ministro da Defesa, descartou ontem à noite qualquer hipótese de se voltar a formar um Governo de união nacional em Israel.

As declarações de Rabin surgem num momento em que o líder trabalhista Shimon Peres, encarregue na semana passada de formar Governo, encontra dificuldades de entendimento com os pequenos partidos religiosos. Ontem houve duas reuniões com o ultra-ortodoxo Agoudat Israel (5 deputados), para tentar um acordo. Embora os trabalhistas tenham conseguido chegar a uma posição comum sobre a lei de respeito ao Shabbat (o dia de descanso semanal, que desde 1951 é obrigatório salvo em alguns casos particulares) os ortodoxos puseram uma segunda condição para participar num Governo dirigido por Peres, que já lhes prometeu as pastas da Habitação e dos Assuntos Sociais. «Nós só participaremos numa coligação que incluía uma maioria judaica, isto é, que tenha 60 deputados judeus», disse um dirigente ortodoxo. Esta condição põe em causa os sete deputados árabes-israelitas, que apoiam Peres. O dia de hoje deverá ser decisivo para o líder trabalhista, estando prevista a resposta do partido religioso. O Estandarte da Tora (dois deputados) às propostas de Peres. Os militantes deste partido têm mostrado preferência pelo Likud.

Redacção «DL»/AFP

Três mil votos decidem futuro da Austrália

Os 3 mil eleitores da cidade de Kennedy, no estado de Queensland, poderão ser decisivos para o futuro da Austrália. No sábado passado, data das eleições gerais, eles não foram votar devido a chuvas torrenciais. Agora, com os trabalhistas e a coligação conservadora praticamente empatados com 73 deputados para cada lado, os votos de Kennedy, entre os 10 milhões totais, assumiram particular importância.

O escrutínio está ainda bastante atrasado, em parte devido ao facto de ontem, domingo, não se ter trabalhado na apuração, mas os analistas são unânimes em considerar que estas foram uma das mais renhidas disputas eleitorais da história da Austrália. Inicialmente favorito nas sondagens para conseguir tranquilamente um quarto mandato consecutivo, o Partido Trabalhista do primeiro-ministro Bob Hawkes

sofreu grandes perdas nos últimos dias. Os resultados conhecidos confirmam esta tendência: no último parlamento de 148 lugares, os trabalhistas tinham 83 deputados, tendo perdido agora pelo menos 10; a coligação oposicionista, formada pelos partidos Nacional e Liberal subiu de 65 para 73. Os dois lugares restantes deverão ficar com os independentes.

Isto segundo as previsões, já que os eleitores de Kennedy, poderão desequilibrar o resultado favorecendo um dos dois grandes concorrentes, que passaria a ter uma escassa maioria de um deputado. Os trabalhistas são favoritos, tendo o líder dos conservadores, Andrew Peacock, dito hoje que a sua coligação poderá não atingir os lugares necessários para formar Governo.

Redacção «DL»
Reuter/Lusa

B R E V E S

Kohl perde eleições municipais

O teste eleitoral ao chanceler de Bona que foram as eleições municipais de ontem no Schleswig-Holstein, não favoreceram Helmut Kohl: a CDU perdeu 2,9 por cento dos votos e o SPD ganhou 2,6. Os sociais-democratas mantêm-se no Poder, com 42,9 por cento. Comentaristas locais dizem que a CDU não beneficiou daquilo a que já se chama «o efeito RDA». Os Liberais, de Genscher, foram os outros vencedores, com um aumento de 1,7 por cento, em quatro anos. Genscher também, mas falando sobre a unificação alemã, disse, em Bona, que o desarmamento é uma questão essencial e prévia para se atingir essa unificação. Nesta linha, uma fonte de Bona disse que a RFA tenciona reduzir o serviço militar de 15 para 12 meses e reduzir também de 490 mil para 400 mil os efectivos das Forças Armadas. Note-se, por fim, que tanto Mitterrand como Rocard afirmaram, o primeiro em Paris, o segundo em Washington, que «...a aceleração da construção comunitária e, mais, a organização da Europa inteira constituem o único modo de dominar os problemas resultantes da unificação alemã» (Mitterrand) e que (Rocard) «...a França não será necessariamente enfraquecida pela emergência de uma Alemanha unificada.»

Ler págs. 18 e 19

Cubano é o presumível incendiário do Bronx

A polícia de Nova Iorque deteve Julio Gonzalez, o presumível autor de um incêndio numa discoteca do Bairro de Bronx que, na noite de sábado para domingo matou 87 pessoas. O suspeito é um cubano de 36 anos, que emigrou para os EUA em 1980. Segundo a polícia, a origem do incêndio deve-se a uma briga que Gonzalez teve com uma empregada da discoteca.

Sir Geoffrey contraria Thatcher

O vice-primeiro-ministro britânico, Sir Geoffrey Howe, pensa que a «Grã-Bretanha será capaz de criar as condições» para a sua entrada no sistema monetário europeu. Numa entrevista hoje publicada no Financial Times, Sir Geoffrey, contradizendo as recentes afirmações de Margaret Thatcher, acrescentou que não considera que a perspectiva de uma união monetária alemã constitua um obstáculo aos interesses do seu país e da CEE.

Viaturas Usadas

GARANTIA TOTAL DE 6 MESES

CRÉDITO RENAULT GEST

Renault	4 GTL	1984/86/88
Renault	5 GTL 3P e 5P	1985/86
Renault	5 TD (Diesel 5L)	1987
Renault	9 GTL	1983/85
Renault	11 GTL	1985
Renault	11 GTD	1986
Renault Express	Gasolina 1.1	1986
Renault Express	Gasolina 1.4 (Vidrada)	1987
Renault Trafic	TB 13 (3L)	1985
Renault Trafic	TB 43 (7L) Tecto Alto	1986
Ford Escort	1.1	1985
Seat Ibiza	Junior	1985
Opel Kadett 1.3 LS	3 Volumes	1987

PORTAS ABERTAS

DIAS ÚTEIS DAS 9 ÀS 20 HORAS. SÁBADOS: DAS 10 ÀS 18 HORAS

— A GARANTIA QUE VOCÊ QUER —

SACAVENAUTO

E. N. 10 — N.º 69 — SACAVÉM • ☎ 942 50 40 • 942 52 40

RENAULT

É previsível que o Forum Democrático não consiga votos suficientes para ter maioria no Parlamento magiar, mas coligado com a Aliança dos Democratas Livres (antigos dissidentes), como alguns já prevêem, poderá formar o primeiro Governo democrático do país

Centro-direita à frente na Hungria

O Forum Democrático húngaro (partido democrata cristão, de centro-direita) reivindicou a vitória nas primeiras eleições parlamentares livres que reconduziram a Hungria ao estilo de democracia Ocidental, após mais de quatro décadas de comunismo.

Avárias nos computadores, escassas linhas telefônicas e outros contratempos, atrasaram o apuramento oficial dos resultados, mais de 12 horas após a primeira de duas voltas para eleger 386 deputados. Quanto esta manhã estavam apurados apenas 20 por cento dos votos expressos, o comitê eleitoral divulgou os seguintes resultados: Forum Democrático (MDF), 24,88 por cento; Aliança dos Democratas Livres (SZDSZ), 19,37; Partido Socialista Húngaro (PSH), 10,39; Federação dos Jovens Democratas (FIDESZ), 8,14; Partido Cristão Democrata Popular, 6,34; União Agrária, 4,03; Partido Socialista Operário Húngaro (comunista,

PSOH), 3,67; e Partido Social Democrata da Hungria (PSDH), 3,47 por cento.

O porta-voz do Forum, Andras Gergely, disse que estes resultados são já o sinal de uma considerável vantagem do seu partido, sobre a Aliança dos Democratas Livres.

A aliança, um partido liberal social democrata, fundado por antigos dissidentes, considerou que a margem era ainda demasiado pequena para poder afirmar quem sairá vencedor.

No entanto, o líder da aliança, Janos Kis, disse que a própria eleição era uma «grande vitória» para todos os que desejavam um sistema democrático.

PSH é o maior derrotado

O claro derrotado, segundo sondagens divulgadas no dia da eleição, deverá ser o Partido Socialista Húngaro, no poder, fundado em Outubro, sucedendo ao Partido

Comunista, por reformistas que dirigiram a calma revolução húngara.

Três sondagens separadas anteriores à eleição atribuem aos socialistas (antigos comunistas) o quinto lugar, atrás do Forum, da Aliança, do Partido dos Pequenos Proprietários e da Federação dos Jovens Democratas (FODESZ), único partido da juventude húngara.

Vinte e sete partidos apresentaram 1.600 candidatos às eleições de domingo.

Segunda volta em 8 de Abril

Contudo, Gergely disse que um futuro sistema bipartidário começava já a tomar forma e que pactos eleitorais anteriores à segunda volta da eleição, marcada para 8 de Abril, poderão mesmo dar à Aliança ou ao Forum uma maioria parlamentar absoluta.

Sugeriu, sublinhando no entanto que se tratava da sua opinião pessoal, que uma coligação dos dois principais

partidos poderia ser a melhor solução para a Hungria.

Segundo o comitê eleitoral nacional, a participação nestas eleições foi da ordem dos 70 por cento dos eleitores inscritos.

Por exemplo na cidade de Bekescsaba, no sudeste da Hungria, a participação foi da ordem dos 75 por cento, segundo a rádio húngara.

No departamento de Banya, no sul da Hungria, mais de 60 por cento de eleitores até à tarde de ontem. Em algumas localidades esta cifra elevou-se a 80 por cento.

Todos os observadores oficiais estrangeiros são unânimes em considerar que este primeiro escrutínio livre na Hungria, desde 1947, desenvolveu-se em condições regulares.

Apenas uma dezena de pequenas irregularidades foram assinaladas pela comissão eleitoral nacional.

Imre Pozsgay, ministro de Estado e um dos chefes históricos dos reformadores

húngaros, sofreu um revés na primeira volta destas eleições, segundo a televisão húngara.

Poszgay com fraca votação

Poszgay, que conduziu a Hungria à democracia e às primeiras eleições livres em 40 anos, não conseguirá mais do que uma terceira posição na sétima circunscrição do departamento de Győr Sopron, no noroeste da Hungria, na fronteira austríaca.

Pozsgay deverá no entanto figurar entre os 386 deputados da futura assembleia, não obstante este desaire.

Figura na cabeça da lista socialista para a eleição pelo método proporcional da mais de metade dos deputados previstos pela lei eleitoral húngara.

Apoio à imprensa

Cerca de 1.650 jornalistas, incluindo 17 representantes de órgãos de Comunicação portugueses, estavam

acreditados junto do centro de informação eleitoral da capital húngara.

Devido ao interesse suscitado pelas primeiras eleições livres na Hungria em mais de 40 anos, o departamento de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros arrendou um edifício no centro da cidade para montar o centro de Informação eleitoral.

O edifício, um antigo centro maçónico construído no final do século passado, dispunha de duas salas de conferência, um restaurante e várias salas de trabalho destinadas aos jornalistas, equipadas com 20 máquinas de escrever.

O equipamento de comunicações instalado inclui 24 cabinas telefônicas, 10 telexes, cinco aparelhos de telex e dois monitores gigantes ligados ao computador central do centro de escrutínio eleitoral, montado no Parlamento.

Redacção «DL»/Lusa/
AFP/Reuter

A história de um domingo diferente

«Agora há muito por onde escolher», disse Maria Zsuzsana Inotai à saída de um dos 51 locais de voto do primeiro bairro de Budapeste. A rotina dos seus domingos fora quebrada ontem: na companhia do filho Istvan, Maria Inotai, de 79 anos, deslocou-se à secção de voto da zona da sua residência para escolher um dos 12 partidos concorrentes às primeiras eleições livres na Hungria em mais de 40 anos.

Na mesa de voto, Maria e o filho apresentaram os bilhetes de identidade e receberam, cada um, dois boletins de voto: um papel com a enumeração dos partidos e um pequeno cartão verde, com a indicação dos nove candidatos a um lugar parlamentar por aquela circunscrição eleitoral.

Desde 1947 que Maria Inotai não tinha uma possibilidade tão grande de escolha. Em ambas as listas votou na Associação de Democratas Livres (SZDSZ) mas esteve indecisa até ao fim: «os do Forum Democrático também são bons», comentou.

Istvan, de 35 anos, entrou na cabina de voto juntamente com a mãe. Juntos, ainda, puseram nos seus boletins a cruz ao lado dos nomes dos partidos escolhidos e depositaram-nos na urna, colocada defronte da mesa onde se encontravam representantes partidários, decorada com uma bandeira nacional. De acordo com a lei eleitoral húngara, as pessoas podem exercer o seu direito de voto acompanhadas.

Istvan votou na Associação de Democratas Livres, a FIDESZ, e explicita: «Votei no partido que me pareceu mais próximo do Ocidente».

No voto para a lista individual, porém, preferiu acompanhar a mãe: «A candidata da FIDESZ é uma jovem estudante e não tem hipóteses de ganhar o lugar no Parlamento».

Istvan é professor de História, há 14 anos, num liceu de Budapeste. O seu salário está um pouco acima da média nacional: 11 mil

forints (cerca de 20 contos). «Mas os professores em início de carreira não ganham mais do que seis mil forints (11 contos)», diz.

A situação económica do país é grave. Em Dezembro passado, o Governo extinguiu os subsídios estatais aos preços ao consumidor



Uma mulher idosa, incapaz de se deslocar ao local de voto, exerceu o seu direito cívico no próprio domicílio, em Budapeste

e aumentou as rendas e os juros aos empréstimos à habitação.

Maria Inotai, viúva desde 1988, recebe 6.500 forints (11,8 contos) mensais de pensão de reforma, depois de 17 anos de serviço como secretária numa repartição pública.

A renda da casa da rua Foe - na margem esquerda do Danúbio - onde sempre viveu, foi aumentada em Janeiro passado para 2.100 forints (3,8 contos). «Não me resta muito para viver», diz. A transição para um sistema de economia de mercado terá os seus preços.

Apesar de a Hungria ter vindo a «experimentar» medidas de liberdade económica nos últimos cinco anos, a mudança para um sistema ocidental custará, segundo as previsões do Ministério da Economia, cerca de 100 mil desempregados.

Um voto de esperança

«As reformas estão a demorar muito tempo», critica Istvan. Na sua opinião, o país foi ultrapassado pela RDA em termos de preferência dos investimentos estrangeiros.

A Hungria, com os seus 10 milhões de habitantes e uma dívida externa de 21.000 milhões de dólares, é o país do bloco de Leste com o maior endividamento per capita. A inflação, crescente, ronda os 25 por cento.

Os votos de Istvan e de Maria Inotai, no entanto, foram de esperança: «O país vai entrar definitivamente no rumo da Europa», diz Istvan, elogiando as virtudes da democracia e da iniciativa privada.

A maioria dos partidos concorrentes às eleições de ontem são, na sua opinião, «pouco sérios». O Partido dos Pequenos Proprietários (FKGP), bem colocado nas últimas sondagens, é «muito provinciano». Quanto aos comunistas - da «linha dura» (Partido Socialista Operário), ou «renovados» (Partido Socialista Húngaro) - a resposta é a mesma: «Não fazem cá falta».

Redacção «DL»/Lusa



Jozsef Antall, líder

Uma ca

A maioria dos partidos que concorreram às eleições gerais de ontem, na Hungria, terminaram na sexta-feira a campanha eleitoral com comícios em Budapeste, que decorreram sem o menor incidente.

Apesar de estas terem sido as 34.ªs eleições parlamentares na História da Hungria, apenas os cidadãos com mais de 63 anos se poderão lembrar de ter exercido alguma vez o seu direito de voto numas eleições livres multipartidárias, pois a última vez que até agora isso tinha acontecido foi em 1947.

A memória das eleições desse ano não está no entanto apagada, já que muitos dos 12 partidos que concorreram se reclamam com «herdeiros» ou «continuadores» dos movimentos que dominavam a vida partidária húngara do pós-guerra.

O Forum Democrático (MDF), no encerramento da sua campanha eleitoral, organizou uma «festa popular» num parque de Budapeste, onde distribuiu pelo

Limpar a

O Conselho Municipal alterar as denominações de húngara.

A Praça Karl Marx voltando também de nome Moscovo.

A Rua Ferenc Muennich, Hungria que desempenhou esta depois de 1956, retomou

Muennich morreu em 1956, permanece, e uma estátua nich, em Dunaujvaros, e em de vários «actos de vandalismo» a alteração do nome da escultura.

Destino semelhante para os a Lenine. Uma estação esta semana que vários outros a propor que as estátuas de o território da Hungria é do

ter maioria
Livres
neiro

ngria

acreditados junto do centro de informação eleitoral da capital húngara.

Devido ao interesse suscitado pelas primeiras eleições livres na Hungria em mais de 40 anos, o departamento de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros arrendou um edifício no centro da cidade para montar o centro de Informação eleitoral.

O edifício, um antigo centro maçónico construído no final do século passado, dispunha de duas salas de conferência, um restaurante e várias salas de trabalho destinadas aos jornalistas, equipadas com 20 máquinas de escrever.

O equipamento de comunicações instalado inclui 24 cabinas telefónicas, 10 telefaxes, cinco aparelhos de telex e dois monitores gigantes ligados ao computador central do centro de escrutínio eleitoral, montado no Parlamento.

Redacção «DL»/Lusa/
AFP/Reuter

ente

as rendas e os juros aos empréstimos.

otai, viúva desde 1988, recebe (11,8 contos) mensais de pensão, depois de 17 anos de serviço numa repartição pública.

da casa da rua Foe - na margem do Danúbio - onde sempre viveu, da em Janeiro passado para 2.100 contos). "Não me resta muito mais. A transição para um sistema de mercado terá os seus preços. E a Hungria ter vindo a "experimentar" de liberdade económica nos últimos cinco anos, a mudança para um sistema de mercado custará, segundo as previsões do Ministério da Economia, cerca de 100 milhões de contos.

e esperança
mas estão a demorar muito a mudar. Na sua opinião, o país não pode ser usado pela RDA em termos de investimentos estrangeiros. A Hungria, com os seus 10 milhões de habitantes, tem uma dívida externa de 21.000 milhões de dólares, é o país do bloco de Leste com o maior endividamento per capita. A dívida externa ronda os 25 por cento. O país não pode ser usado pela RDA em termos de investimentos estrangeiros. A Hungria, com os seus 10 milhões de habitantes, tem uma dívida externa de 21.000 milhões de dólares, é o país do bloco de Leste com o maior endividamento per capita. A dívida externa ronda os 25 por cento. O país não pode ser usado pela RDA em termos de investimentos estrangeiros.

de Istvan e de Maria Inotai, no entanto, há uma esperança: "O país vai mudar, mas não no rumo da Europa", diz Inotai, elogiando as virtudes da democracia iniciada privada. A maioria dos partidos concorrentes às eleições de ontem são, na sua opinião, "partidos de direita". O Partido dos Pequenos Proprietários (FKGP), bem colocado nas últimas eleições, é "muito provinciano". Os comunistas - da "linha dura" do Partido Operário, ou "renovado Socialista Húngaro" - a renomear-se: "Não fazem cá falta".

Redacção «DL»/Lusa



Jozsef Antall, líder do Fórum Democrático húngaro, preparando-se ontem para votar em Budapeste

Uma campanha clássica e morna

A maioria dos partidos que concorreram às eleições gerais de ontem, na Hungria, terminaram na sexta-feira a campanha eleitoral com comícios em Budapeste, que decorreram sem o menor incidente.

Apesar de estas terem sido as 34.ªs eleições parlamentares na História da Hungria, apenas os cidadãos com mais de 63 anos se poderão lembrar de ter exercido alguma vez o seu direito de voto numa eleição livre e multipartidária, pois a última vez que até agora isso tinha acontecido foi em 1949.

A memória das eleições desse ano não está no entanto apagada, já que muitos dos 12 partidos que concorreram se reclamam como "herdeiros" ou "continuadores" dos movimentos que dominavam a vida partidária húngara do pós-guerra.

O Fórum Democrático (MDF), no encerramento da sua campanha eleitoral, organizou uma "festa popular" num parque de Budapeste, onde distribuiu pelos

presentes pedaços de uma estrela vermelha de três metros de altura - que até ao final do ano passado ornamentava uma fábrica dos arredores. O Partido Socialista Húngaro (PSH), por sua vez, organizou um comício num estádio de Budapeste que contou com a participação dos cinco dirigentes máximos do partido.

A maioria dos partidos recorreu ao material de propaganda clássico: autocollantes, cartazes, emblemas e sacos de plástico. O PSH, o MDF e o SZDSZ foram os partidos que mostraram maior variedade.

O PSH lançou na última semana um cartaz onde surgem os dirigentes máximos rodeados de várias crianças.

A originalidade dos Jovens Livres

Mas a campanha mais original foi a da Associação de Jovens Livres (FIDSEZ). Apesar dos poucos recursos financeiros, o movimento apresentou os cartazes e os tempos de antena na tel-

evisão mais inovadores.

Um dos cartazes mostra uma fotografia de um casal de jovens beijando-se por debaixo de uma fotografia de Brejnev e de Honecker beijando-se, com a inscrição: «Agora podemos escolher».

A televisão húngara - Magyar Televisio - concedeu apenas cinco minutos a cada um dos 12 partidos concorrentes. Os partidos podiam, no entanto, comprar tempo de antena e transmitir a sua propaganda como publicidade paga. Esta possibilidade favoreceu logicamente os partidos com maiores disponibilidades financeiras. O SZDSZ, que contou com os "conselhos" de especialistas norte-americanos e alemães-federais, apresentou nos seus «spots» desenhos animados de Tom e Jerry, simbolizando a vitória do «rato democrático» sobre «o gato comunista». De acordo com a lei, não foi permitido votar aos jovens com menos de 18 anos, nem àqueles que se encontram ou residem habitu-

almente no estrangeiro, nem ainda os que estão presos.

A nova lei eleitoral, que foi aprovada em Outubro último, concede no entanto o direito de voto às pessoas sob vigilância ou custódia policial, o que não era permitido pela legislação anterior. Em cada uma das 176 circunscrições eleitorais, bem como em todas as capitais das 20 regiões da Hungria, funcionaram centros de supervisão que contaram com a participação de funcionários estaduais e de representantes dos 12 partidos concorrentes.

A contagem começou a noite passada a ser realizada com o apoio de equipamento informático fornecido por uma empresa que distribuiu vários computadores por todos os centros eleitorais do país e que tinha um helicóptero à sua disposição para a eventualidade de uma avaria no sistema, em qualquer ponto da Hungria.

Redacção «DL»/
Lusa/AFP

Limpar a memória dos últimos 40 anos

O Conselho Municipal de Budapeste anunciou que vai alterar as denominações de várias artérias e praças da capital húngara.

A Praça Karl Marx voltará a chamar-se Praça de Paris, mudando também de nome a Avenida Lenine e a Praça de Moscovo.

A Rua Ferenc Muennich, nome do ministro do Interior da Hungria que desempenhou um papel importante na repressão depois de 1956, retomará o antigo nome de Rua Nador.

Muennich morreu em 1967, mas a sua fraca popularidade permanece, e uma estátua sua foi removida do Liceu Muennich, em Dunaujvaros, e entregue ao museu da cidade depois de vários "actos de vandalismo", enquanto os alunos exigem a alteração do nome da escola.

Destino semelhante parece estar reservado aos monumentos a Lenine. Uma estação de rádio de Budapeste divulgou esta semana que vários ouvintes tinham escrito e telefonado a propor que as estátuas de Lenine fossem recolhidas por todo o território da Hungria e colocadas depois num parque numa

ilha ao sul da capital, e aí permanecessem como "memória para as gerações futuras".

Depois de a enorme estrela vermelha do topo do edifício do Parlamento húngaro ter deixado de "iluminar" a noite de Budapeste, seguiu-se o escudo e a bandeira nacionais, recentemente "expurgados" da estrela e de outros símbolos socialistas. A extinção da República Popular da Hungria e a proclamação da nova República da Hungria surgiu em Outubro passado.

O Governo socialista decretou a semana passada que o dia 4 de Abril, comemorativo do fim da II Guerra Mundial na Hungria, durante décadas celebrado como o Dia da Libertação, será este ano um dia normal de trabalho.

Em contrapartida, o dia 23 de Outubro, data da proclamação da nova República da Hungria (e também lembrada como a do início do levantamento popular de 1956, contra os excessos da liderança estalinista) passou a ser feriado nacional.

Redacção «DL»/Lusa

COMENTÁRIO

O caminho mais curto para o Ocidente

Os resultados parciais das primeiras eleições livres na Hungria, em mais de 40 anos, dão uma vantagem de cinco pontos percentuais ao Fórum Democrático (MDF), um partido democrata cristão, de centro-direita, seguido da Aliança (liberal-social) dos Democratas Livres (SZDSZ).

Os húngaros, ansiosos por acertar o passo com a Europa da CEE, voltaram deste modo ontem costas aos reformadores, que muito antes da perestroika haviam iniciado mudanças graduais no país, a ponto de a Hungria se ter transformado no país de Leste mais ocidentalizado. Todos eles, ligados directa ou indirectamente ao consulado de Janos Kadar, não obstante terem transformado o PC em Partido Socialista (PSH), não conseguirão os resultados que esperavam das primeiras eleições livres no país. Mas, como nos afirmava há tempos em Budapeste, um porta-voz do PSH, os reformadores (socialistas) não farão da sua derrota um drama. Estão prontos a ser uma oposição «constructiva» e, se possível, a coligar-se com os vencedores, oferecendo em troca a sua experiência de governação e o conhecimento perfeito dos problemas do país.

Mas parece que o Fórum Democrático, que não deverá conseguir uma maioria no Parlamento, estará mais inclinado a coligar-se com o segundo partido mais votado, a SZDSZ. Embora acredite nas intenções dos dirigentes do PSH, estes não correspondem aos anseios do centro-direita húngaro, de plena abertura ao mercado livre, integração na CEE e... na NATO.

Com a maior dívida externa de um país de Leste (mais de 21 mil milhões de dólares) a Hungria está disposta a apostar a fundo na iniciativa privada para sair dessa grave situação. É uma inclusão de socialistas no próximo Governo poderia ser interpretada como uma traição às intenções expressas nas urnas.

Apesar das suas graves dificuldades económicas, do baixíssimo nível de vida, a Hungria tem a vantagem de dispor de um elevado número de quadros qualificados e de um reduzido número de desempregados (cerca de quarenta mil).

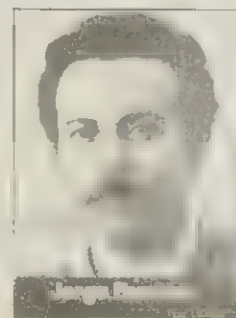
Os húngaros são um povo sem hábitos de poupança e que com a maior abertura ao exterior encetada no ano passado criaram um problema de consumo excessivo.

Medidas anti-inflacionistas drásticas e de expansão da economia, são esperadas, na sequência das eleições de ontem. Mas os próximos anos vão ser duros para os húngaros, nisto os peritos de economia são unânimes. Torna-se necessário reconverter todo um sistema centralizado e caduco, de forma a torná-lo operacional e capaz de corresponder aos desafios do mercado livre, para o qual o país vai abrir as suas portas de par em par.

Nos últimos tempos, o Governo socialista de Miklos Nemeth, desenvolveu múltiplas iniciativas tendentes a atrair os investimentos e auxílios do Ocidente. Esse esforço foi em parte coroado de êxito, transformando Budapeste num polo de atracção de investidores de mais diversos países da Europa, América e Ásia.

Uma das grandes esperanças das autoridades de Budapeste, no processo democrático que agora vai arrancar, consiste no auxílio dos emigrantes húngaros, muitos dos quais com posições destacadas no sector empresarial norte-americano.

Não obstante as condições que tornam mais difícil a integração da Hungria para a democracia, tem hipóteses e vontade para vencer os desafios que a Europa ocidental implica.



INTERNACIONAL

Procurando racionalizar a difícil fronteira que fica entre a «culpabilidade» e a «responsabilidade», Richard von Weizsaecker tem assumido, muitas vezes, o papel de «consciência moral» da RFA

Weizsaecker, o europeu

A Lei Fundamental — a Constituição da República Federal da Alemanha que é provisória desde há 41 anos — define as funções do Presidente da República como representando o país no exterior e como elemento estabilizador do Estado democrático de direito, no seu dever de mediano e conselheiro no interior. Em suma, o Chefe de Estado da Alemanha Ocidental tem competências muito limitadas e, praticamente, nenhum poder real. Depende pois de cada presidente conseguir ou não, pessoalmente, um determinado grau de influência política através das actividades que desenvolve.

Richard von Weizsaecker, que com 70 anos no momento ocupa o posto

de Presidente da República em 1984. Em Maio do ano passado foi reeleito, por esmagadora maioria, para um segundo mandato pelo Colégio Eleitoral que de cinco em cinco anos se constitui para a escolha do Chefe de Estado. Só a extrema-direita, por motivos óbvios, e alguns membros do Partido dos Verdes, que reconheceram abertamente o seu incômodo perante a popularidade de Weizsaecker, se distanciaram do resultado desta eleição de 1989.

Intervem sempre que lhe parece necessário

É incontestável a simpatia de que o Presidente disfruta junto da população alemã. Sondagens recentes indicam tratar-se do político preferido

por mais de 80 por cento dos alemães ocidentais. Não há sondagens fidedignas sobre o que passa no Leste, mas sabe-se que também lá Weizsaecker é popular. Há cerca de um mês, Manfred Gerlach, dirigente do LDP, o partido liberal do Leste, sugeriu que Weizsaecker fosse eleito presidente das duas Alemanhas.

Com a modéstia que é sua característica, Richard von Weizsaecker recusa-se a admitir que esta popularidade resulte de mérito seu. O que ele pensa é que um Presidente alemão deve funcionar como um instrumento de integração imparcial, a fim de permitir que todos os cidadãos possam identificar-se com o seu Chefe de Estado.

Filiado na União Cristã-Democrata desde 1954 Weizsaecker segue à letra a exigência da Constituição, segundo a qual um Presidente deve colocar-se acima da política partidária. Mas, longe de se abster da vida política do seu país, o Presidente intervém sempre que lhe pareça necessário, para um esclarecimento da situação, seja a nível interno, seja a nível externo.

Aborrecimentos de Kohl

Esta atitude valeu-lhe a má vontade do chanceler Helmut Kohl, seu colega de partido. Embora Von Weizsaecker negue ter qualquer dificuldade no relacionamento de trabalho com o chanceler, a verdade é que Kohl não esconde o seu aborrecimento perante a popularidade do Presidente que, no passado,



Durante a reunião que teve, em Bona, com jornalistas portugueses (aqui ilustrada), Richard von Weizsaecker foi muito claro ao definir a vocação europeia da Alemanha

se tem oposto, mais ou menos abertamente, a certas iniciativas e afirmações de Kohl.

Um exemplo flagrante foi a questão da fronteira Oder-Neisse, com a Polónia. O Presidente manifestou o seu desagrado pelo comportamento (a que alguns chamaram «malabarismo político») adoptado por Kohl quando este, a propósito dessa questão, tentou agradar a gregos e a troianos, daí resultando apenas dano para as relações Bona-Varsóvia. Ao contrário do chanceler, Weizsaecker, que é formado em Direito, não se escondeu por detrás de argumentos legalistas e defendeu clara-

mente o direito do povo polaco de obter garantias para a sua fronteira ocidental.

«...o que está feito não pode ser desfeito»

Não foi esta a primeira vez que o Presidente assumiu o papel de consciência moral da nação alemã. Ficou célebre o discurso que proferiu por ocasião do 40º aniversário da capitulação alemã de Maio de 1945. Referindo-se à questão da culpa colectiva pelos crimes cometidos pelos nazis contra a Humanidade, Richard von Weizsaecker disse não haver a menor justificação para que as gerações de hoje sejam consideradas

culpadas pelos actos dos seus pais. O que os alemães podem e devem fazer — foi este o seu pensamento expresso — é assumir a responsabilidade pelo passado histórico da nação alemã. Não se trata, a seu ver, de superar o que aconteceu, já que o que está feito não pode ser desfeito, e só a aceitação do passado pode abrir perspectivas para o futuro. Esta tentativa do Presidente de reconciliar o que, à primeira vista, é irreconciliável, através de uma distinção entre «culpa» e «responsabilidade», é reflexo também do esforço a que o próprio Richard von Weizsaecker foi obrigado para compreender o envolvimento de seu pai, Ernst von Weizsaecker, na vida do Terceiro Reich.

A história de Ernst e de Richard

Ernst von Weizsaecker foi primeiro-secretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, entre 1938 e 1943, trabalhando sob as ordens de Joachim von Ribbentrop. Sentou-se, por isso, no banco dos réus do Tribunal de Nuremberga, que o condenou. Só 18 meses mais tarde foi amnistiado. Entre os seus advogados de defesa esteve Richard von Weizsaecker, o filho, então acabado de regressar da frente de guerra, onde assistira à morte de um irmão. Richard von Weizsaecker tem, portanto, autoridade pessoal para falar dos dramas da «culpa» e/ou «responsabilidade» colectivas da Alemanha, esta sendo a sua razão para que grande parte do povo alemão se identifique com ele.

São as grandes questões da História e da nação, da identidade e do patriotismo que mais relevância têm para um Presidente que não se envergonha de ser um intelectual. É com veemência que o Chefe

de Estado rejeita todas as afirmações de que, no fundo, os alemães continuam a não ser dignos de confiança. Para Richard von Weizsaecker, a defesa dos valores democráticos e humanos é, inevitavelmente, a base de um Estado de Direito. No seu pensamento, a República Federal da Alemanha, unificada ou não com a República Democrática Alemã, faz parte do chamado sistema de valores ocidentais, o que implica que a sua integração na Europa é irreversível. E disto se depreende que a unificação alemã e a União Europeia são processos complementares.

Pergunta

Estas afirmações de Weizsaecker não são, no entanto, de forma alguma, tentativas diplomáticas para acalmar os ânimos, mais ou menos exaltados ou preocupados, de franceses, britânicos e da NATO. São a expressão da convicção profunda do europeu Weizsaecker. Se uma maioria tão grande de alemães se identifica com o seu Presidente, não será que se identifica também com os seus ideais? Em 1994 termina o segundo mandato de Richard von Weizsaecker. Para impedir a acumulação de poder nas mãos de uma determinada pessoa, a Lei Fundamental Alemã não autoriza uma terceira eleição para a chefia do Estado. Mas com a unificação à porta e até se a Constituição Ocidental foi aplicada integralmente ao que é hoje a Alemanha Oriental, o facto é que deixará de haver um Presidente para uma parte da nação apenas. Richard von Weizsaecker, como Presidente de todos os alemães, seria um ganho não apenas para a Alemanha como também para toda a Europa.

Cristina Krippahl

A pedrinha

Jaz, em led e lúcido encanto, a meu lado, sobre a secretária, a pedrinha do Muro de Berlim. Podia-o ser de qualquer outro muro do mundo mas, esta, brilha no seu envólucro de celofane e está autenticada por autoridades comunistas de Berlim Leste. Por elas, ou seus agentes, me foi vendida. A pedrinha faz-me pensar.

Escrevi no «DP», em Janeiro de 1966, depois da minha primeira visita ao Muro de Berlim:

«Em Berlim conheci a obsessão do betão e do arame farpado. Senti mais a uo arame farpado. Em rolos, em correndo rasteiro,

mais alto do que um

brucando-se ali

dos lados, onde

tamente recortado sob o ce

Vindo da minha direita, pas

sando por mim e continuando

para além num cerco de 15

quilómetros e em linha sinuosa ou rectilínea, firme até nas suas convulsões ou seguindo o seu desenho de espinhos pelo fundo e pela superfície de rios e canais — ele, o arame farpado, faz moldura às casas, cerca, envolve, toca figuras humanas em movimento e dá ao próprio ar que se respira um cheiro indefinível de angústia. Somos



No seu pacote de celofane, a pedrinha — esta, ali, direita ali. Com uma etiqueta vermelha, com o postal do Muro, que serve de suporte ao «souvenir» e que retrata uma sua parte arrombada, por onde espreita, aliás, um guarda do Leste, dando azo ao título que, em alemão, se lê à esquerda: «Espreitadela sobre Berlim»

também, por algum modo e do lado de cá, prisioneiros, privados de metade da vida.»

A pedrinha a meu lado, devidamente autenticada, murmura, à sua maneira, que me voltou essa metade da vida.

P.D.

Cem
anos
de
Alemanha

2239

Aliados
da Alemanha



1942 Após três anos
ocupou a Europa

Do Leste co
fartos. São os
cujo ta
que nos a

Com
a nos

Dois pontos, pelo me
inquietam hoje a opin
pública alemã ocidental: co
parar o maremoto de re
giados do Leste e como e
certa de que a nova CEE a
gada não o será sem cau
graves oscilações no proc
de unificação europeia. Q
dizer: refugiados sim, n
que voltem lá para a sua te
e Europa alargada sim, n
sem que este clube dos D
deixe de ser a confortáv
calma Casinha da CEE.

Pôr travão ao afluxo
refugiados da RDA torn
se há muito evidente co
uma das prioridades
Governo de Bona e do ci
dão da RFA. Kohl apli
esse travão na semana p
sada, ao decretar que os re
giados deixavam de ben
ciar dos apoios estatais
mães ocidentais que até
ora e desde há mais de
anos os favoreciam.

O ressentimento contr
alemães do Leste cresc
semana a semana, nes
últimos meses, na RFA. E
im todo o par
al, desorganizar
emprego, s
graram os cofres do Esta
dormiram nas ruas, mani

INTERNACIONAL

Cem
anos
de
Alemanha

1871 Depois da guerra Franco-Prussiana, foi proclamado, em 1871, o Império Alemão, que durou até ao final da Primeira Guerra Mundial.



1920 A República de Weimar, depois de Tratado de Versalhes de 1919, precedeu a Alemanha de Hitler, em 1934.



1942 Após três anos da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha ocupou a Europa do Oeste até ao Cáucaso.



1989 Desmembramento. Desde 1945 que a Alemanha está dividida pelas potências aliadas em duas nações.

Do Leste começamos todos, ou pelo menos alguns, a estar já muito fartos. São os «refugiados-retornados» aos milhares, são novas Europas cujo tamanho se tornou incerto, são violentas perestroikas que nos desarrumaram o aconchegado ninho da Casinha CEE

Como era confortável a nossa Europazinha...

Dois pontos, pelo menos, inquietam hoje a opinião pública alemã ocidental: como parar o maremoto de refugiados do Leste e como estar certa de que a nova CEE alargada não o será sem causar graves oscilações no processo de unificação europeia. Quer dizer: refugiados sim, mas que voltem lá para a sua terra, e Europa alargada sim, mas sem que este clube dos Doze deixe de ser a confortável e calma Casinha da CEE.

Pôr travão ao afluxo de refugiados da RDA tornou-se há muito evidente como uma das prioridades do Governo de Bona e do cidadão da RFA. Kohl aplicou esse travão na semana passada, ao decretar que os refugiados deixavam de beneficiar dos apoios estatais alemães ocidentais que até agora e desde há mais de 40 anos os favoreciam.

O ressentimento contra os alemães do Leste cresceu, semana a semana, nestes últimos meses, na RFA. Eles baram todo o parque al, desorganizaram do do emprego, sangraram os cofres do Estado, dormiram nas ruas, manifes-

taram azedume por algumas primeiras desilusões com o Ocidente, comportaram-se como alemães diferentes. E já dois Estados da RFA, o Sarre e Bremen, fecharam oficialmente as portas aos «retornados» do Leste. Estão cheios. Não querem mais.

A «Guerra das Falklands» de Kohl

Não deve também ser esquecido que a unificação alemã é questão muito mais quente para os alemães do Leste do que para os alemães ocidentais. O chanceler Kohl faz da unificação seu cavalo de batalha mas mais para efeitos eleitorais do que por visão de grande estadista. Pode dizer-se que a revolucionária mudança na RDA está a funcionar, para o chefe da CDU, como a guerra das Falklands funcionou para Margaret Thatcher: excelentes xaropes eleitorais vitamínicos. Todos estão de acordo - ou quase todos - entre os alemães, em que a unificação alemã deve processar-se no quadro do Mercado Único da Grande Europa e pode até essa unificação contribuir para acelerar o

processo federativo europeu. Mas precisamente aqui começam algumas das inquietações de europeus e, se a estas acrescentarmos a quase inevitável perturbação económica que resultará de juntar à próspera RFA a debilitada RDA, mais inquietações aparecem, estas últimas especialmente para os alemães ocidentais.

Mar agitado

O termo «Comunidade Económica Europeia» tem sido sempre um pouco falacioso, o que recentemente foi meio reconhecido, pois passou a ser preferida a designação de «Comunidade Europeia». Mesmo assim manteve-se o vício de base, aliás de legítima origem histórica. Desde os anos 40 que o processo de desenvolvimento económico e político da Europa foi concebido baseando-se na ideia de uma Europa dividida e de uma Alemanha dividida. Seria um Clube de «gente bem», sem Europas do Sul nem, evidentemente, indígenas de um Leste mal comportado.

Tornou-se, por este modo inquietante para alguns, senão

muitos, a perspectiva de ainda vir a ser maior - e sofrer sabe-se lá o quê... - uma Europa que já parece grande com Doze países (entre os quais três «pobres» criadores de problemas, Portugal, Grécia e Irlanda); que poderá ser «obrigada» a aceitar mais três candidatos perturbantes (Chipre, Turquia e Malta); que já tem a bater-lhe à porta outros dois países de economia meio arrombada, a Polónia e a Hungria, e que vê ainda pela frente o mar agitado da unificação alemã.

Aqueles que gostam de se considerar «os bons europeus» e que, como os alemães ocidentais, disfrutam de uma gorda e colorida prosperidade, começam a sentir-se mal quando pensam nos efeitos que terá, no seu quotidiano social, nos seus calmos e estáveis arranjos políticos, no seu bolso e nos seus requintes de classe média opulenta - que efeitos terá esta entrada, na sua confortável Casinha CEE, de uma «população» esfomeada de bom nível de vida, de habitação e de emprego e movida por uma ambição imparável.

Paulo David

Os alemães diferentes

Nuno Roque da Silveira, administrador hospitalar, em serviço no Centro do Alcoitão, 49 anos, casado com uma cidadã da RFA e tendo, desde 1958, contactos com a República Federal Alemã, em particular com uma firma da RFA, onde trabalhou, e ligações com alemães ligados à ciência e à cultura. Políticamente vem de uma família republicana, esteve sempre ligado a posições de Esquerda, não esconde a sua filiação no Partido Comunista, embora a sua área política mais natural seja a que fica entre este partido e o Partido Socialista. Sempre fez, no entanto, a sua crítica. Conhece o problema dos refugiados alemães do Leste desde 1958. Seguem-se excertos do seu testemunho sobre esses tempos...

«...da parte estatal da RFA havia, como se sabe, um grande apoio à fuga para o Ocidente. Quando um alemão do Leste fugia e aparecia do outro lado, estava tudo à espera dele, com fotografias, filmagens, helicópteros... era assim. E tinha vantagens para os dois lados. Os de lá ficavam a saber, cada vez mais, que no Ocidente eram recebidos como príncipes. Os da RFA sentiam-se lisonjeados e confortáveis na sua prosperidade, por contraste com a vida que os refugiados lhes contavam que tinham no Leste.»

«...mas já então e, na prática, havia uma grande inveja entre os alemães ocidentais pelas facilidades financeiras e outras que o Governo de Bona dava aos refugiados para eles reconstruírem a sua vida...»

Criticar era obrigatório

«...embora não fosse propriamente deliberado, os refugiados acabavam por viver numa espécie de guetos, pois eram-lhes dadas habitações em bairros menos bonitos, mais ou menos improvisados, construídos logo no pós-guerra e que os alemães ocidentais iam deixando livres à medida que enriqueciam e se mudavam para casas melhores, levados pelo «milagre económico» que já então fazia sentir os seus efeitos...»

«...nessa época os alemães refugiados do Leste eram um pouco os «negros» «caboverdianos» preenchendo muitas vezes os empregos da mão de obra menos bem paga, não a francamente barata, pois para aí iam os italianos que começavam a chegar, nos fins de 50, princípios de 60, com as primeiras vagas da imigração. Eles próprios, os alemães do Leste, tinham uma maneira de ser própria, desconhecida. Muitos deles haviam deixado família no Leste e não queriam criticar abertamente



Nuno Roque da Silveira
«...os refugiados foram, nalguns aspectos, semelhantes aos retornados em Portugal».

tudo o que havia na RDA, o que os tornava diferentes dos alemães ocidentais, para cuja maioria essa crítica era de obrigação...»

«...os refugiados foram, nalguns aspectos, semelhantes aos retornados em Portugal.

Eram diferentes, criaram um mundo à parte e, nalguns casos, comportaram-se como os imigrantes, trabalhando intensamente e criando riqueza que ultrapassou as dos alemães do Ocidente, sobretudo na Baviera, onde o arranque do grande surto industrial dos anos 60, no sector da pequena e média empresa, coincidiu com a construção do Muro de Berlim e com a fuga de quadros da RDA que apesar disso continuou. Mesmo assim os refugiados do Leste não eram alemães como os outros...»

P.D.

O tal canal ou a nova cruzada Igreja

Seis personalidades convidadas pelo DL - Frei Bento Domingues, Joaquim Letria, Helena Cidade-Moura, João Soares Louro, Rui Cádima e Miguel Lobo Antunes - debatem nesta mesa-redonda as pretensões do Patriarcado de Lisboa a um canal de televisão, a atribuir sem concurso. É uma questão que se arrasta há dez anos e que agora volta a um ponto crítico, com a apreciação em comissão parlamentar especializada das propostas da Lei da Televisão do Governo e do PS.

Também convidado do DL, o jornalista José Rebelo interveio como moderador.

José Rebelo - Esta relação triangular Igreja (ou Cardeal Patriarca)/RTP/Governo, que se desenvolveu ao longo dos últimos dez anos envolve aspectos interessantes, nomeadamente no que se refere à relação entre a Igreja e o poder político.

Frei Bento Domingues - O Bispo de Viana do Castelo disse que havia um abuso na utilização do nome Igreja neste debate. E parece-me que há mesmo. Não posso aceitar que as autoridades eclesásticas estejam muito contentes com o fim do leninismo e, paralelamente, sejam tentadas a fazer com que o último reduto dessa prática leninista seja o mais alto patamar da hierarquia da Igreja. De substituição em substituição tudo gira actualmente em torno do Cardeal Patriarca de Lisboa. Repare-se que não está aqui em causa nem a função nem a pessoa de D. António Ribeiro. Trata-se apenas de uma questão processual que eu critico.

Não conheço quais os organismos e comunidades católicas onde se tenha procedido a um debate sobre a questão da televisão. Parece-me haver uma substituição da Igreja pela hierarquia e desta pelo Cardeal, o único com a incumbência de negociar um canal de televisão. A negociação envolve apenas as autoridades eclesásticas e o Estado. Esquece-se o sujeito Igreja, entendido como povo de Deus.

É provável, no entanto, que este processo faça parte de algo mais vasto, que ultrapassa as nossas fronteiras. Um grupo de pessoas ligados à Fundação do Testemunho do Amor de Deus, sustentada por um grande empresário holandês, lançou o projecto Lumen 2000, com iniciativas mirabolantes de transmissão por satélite de programas religiosos televisivos. Em articulação, existe outro grande projecto: Evangeli-

«**Há um certo deslocamento das questões quando se pretende que a Constituição resolva um problema que é fundamentalmente político**»

Miguel Lobo Antunes

«**Se Cristo tivesse televisão não teria andado com os apóstolos pela Galileia**»

Joaquim Letria

zação 2000. Trata-se, portanto, de um fenómeno não só eclesial que no nosso País encontrou um terreno fértil. Uma bela horta de experimentação.

Arriscamo-nos a cair na tentação a que Jesus Cristo resistiu. A tentação do espectáculo. Sou pela publicitação da fé cristã, embora de uma forma que não contrarie a discrição de Deus e a humildade de Jesus.

Joaquim Letria - Respeito muito o Frei Bento Domingues e respeito Cristo, mas se Cristo tivesse televisão não teria andado com os apóstolos pela Galileia. Aquela humildade de meios era a da época. Mas, mesmo assim, lá às feiras e respeitava as grandes reuniões e os grandes auditórios...

José Rebelo - Noto a existência de uma prudência extrema, por parte dos diferentes meios ligados à Igreja, em se pronunciarem sobre esta matéria. Aparentemente, pelo menos, é como se estivéssemos perante um processo censurante. Profundo. Difuso.

Helena Cidade-Moura - Há, de facto, católicos que evitam pronunciar-se, considerando que tal responderia a um tomar de partido de um lado contra o outro. Ora, aqui não há partidos a tomar. De uma forma geral, penso que o problema está mal posto, tanto pelas autoridades eclesásticas como pelo Governo e é objecto de especulações políticas.

A intervenção de Cavaco Silva na televisão, remetendo para a Assembleia da República a responsabilidade de julgar como «justa e correcta» a eventual atribuição à Igreja de um dos dois canais a privatizar, não tem sentido. É um lavar de mãos, como Pilatos. Por outro lado, já conhecemos as «vantagens enormes» para todos nós da associação entre a Igreja e o Estado. O Poder é corrosivo e a Igreja, quando se faz acompanhar pelo poder do Estado, acaba por enveredar por caminhos que não têm muito a ver com a sua missão neste mundo.

João Soares Louro - Há um certo fascínio do Cardeal Patriarca pela televisão: um meio muito forte,

muito expressivo, que marca as pessoas que por lá passam. D. António Ribeiro foi uma figura da televisão, uma figura que a televisão tornou ainda mais pública, mais célebre e mais querida da população.

Penso que mesmo os santos, se tivessem, um dia, trabalhado numa estação de televisão, não desdenhariam criar um canal no Céu. Compreendo, do ponto de vista humano, a posição do Cardeal, não a compreendo do ponto de vista da Lei Fundamental do País nem do ponto de vista da Igreja. Não percebo esta ansiedade que pode vir a provocar para a Igreja um grande e grave sarilho.

Aquilo que suporta uma estação de televisão é o mercado publicitário que não é muito respeitador de regras espirituais, éticas ou morais. É um mercado que se impõe pela força de venda, pela agressividade, por jogos de interesses que não se coadunam, de todo, com a mensagem da Igreja.

José Rebelo - No entanto, esse mercado publicitário está perfeitamente ao alcance da Rádio Renascença, que tem mostrado condições para o poder disputar com as outras estações.

João Soares Louro - Se calhar é por causa da muita publicidade que a RR tem que dá menos programas religiosos que a própria RDP.

José Rebelo - Quanto é que custaria criar e manter um canal de televisão?

João Soares Louro - Façam as contas que quiserem. Não conseguem manter um canal no ar por menos de mil contos/hora, se forem os mais económicos, os mais capazes, os mais imaginativos e, mesmo assim, com uma programação fraquinha.

Acresce que, antes de 1995 não haveria crescimento publicitário, mesmo que se mantenha o ritmo actual, capaz de aguentar mais de três canais. Se arrancarmos com a televisão privada antes de 1993, das duas uma: ou há grupos económicos dispostos a perder muito dinheiro, vocação que não é muito comum aos empresários portugueses ou é o Estado que vai ter que subsidiar as empresas privadas. Nós, países pobres, somos dados a alguns luxos que só os pobres se permitem ter, porque os ricos não têm dinheiro para isso.

Seria curioso saber quantas são as televisões no mundo que dão lucro. Provavelmente os dedos de uma mão chegariam para as contar. Nós precisamos, para os quatro canais de televisão, entre 40 a 50

milhões de contos por ano, enquanto que a receita publicitária não ultrapassará os 22 a 23 milhões.

É falo em quatro canais, partindo do princípio que o quarto canal nos será distribuído pela organização internacional competente. Não há qualquer razão para que tal não aconteça. Seria, contudo, mais claro que obtívéssemos primeiro o canal antes de definir a quem vai ser atribuído.

Frei Bento Domingues - Se o projecto, economicamente, é inviável, não se entende porque é que a Igreja faz o pedido. Ora, o grupo coordenador do canal da Igreja diz

«**Não conseguem manter um canal no ar por menos de mil contos/hora, se forem os mais económicos, os mais capazes, os mais imaginativos e, mesmo assim, com uma programação fraquinha**»

João Soares Louro

que um canal de televisão é uma oportunidade que não se pode perder, outra não surgirá. Será um pedido para mais tarde?

João Soares Louro - Actualmente, estamos limitados pelo espectro radioeléctrico. Mas do ponto de vista da difusão por satélite, por exemplo, temos uma capacidade infinita. A Igreja, se tiver um pouco de paciência, verá assim satisfeitas as necessidades de diálogo com o seu povo, porque tecnologicamente vai-lhe ser proporcionado este meio interactivo. Isto vai passar pelo cabo, pelo satélite e por formas mais diversas de distribuição. De modo que a Igreja, quando diz «nunca mais», revela uma grande falta de fé na técnica (risos).

Rui Cádima - Parece-me que a Igreja quer uma televisão agora. Aliás, se esta pretensão se integrar numa estratégia à escala planetária, como o Frei Bento referiu, já se compreende melhor a criação de um canal, em Portugal, mesmo que deficitário, não gerido segundo as regras comerciais internas do País. **Joaquim Letria** - Ainda que



Rui Vasco

digam não à Igreja, ela vai continuar a pedir, porque é uma oportunidade única e em termos internacionais abre um precedente extraordinário. Nem na Polónia a Igreja tem um canal de televisão, nem no Vaticano. Presumo que a Igreja não vai querer perder esta oportunidade. Ter um canal de televisão não tem preço.

Frei Bento Domingues - Todo este debate me faz pensar no seguinte: quem vê televisão não sabe o que custa a fazê-la. Para quê discutir a constitucionalidade do projecto se, ao fim ao cabo, ele poderá não ser economicamente viável. Afinal, quem anda a enganar quem? Quem pede o que não pode ter? Quem promete o que não pode dar?

«**A Igreja não deveria querer para si privilégios**»

Helena Cidade-Moura

Miguel Lobo Antunes - O que move a Igreja não são razões económicas. Nem só as razões económicas motivam as pessoas. O que a Igreja quer é poder. As questões económicas resolvem-se, mais tarde ou mais cedo. Provavelmente, a hierarquia religiosa já fez as contas que o João Soares Louro fez e também chegou à conclusão que economicamente a questão será problemática.

Mas há várias maneiras de levar o poder político a subsidiar. E, se for necessário, a cobrir os défices. O aspecto económico acaba por ser secundário.

José Rebelo - E o aspecto constitucional?

Miguel Lobo Antunes - Há um certo deslocamento das questões quando se pretende que a Constituição resolva um problema que é fundamentalmente político. Procura-se assim safar a água do capote, distorcendo o debate.

A concessão de um canal privado à Igreja sem concurso público, viola a norma constitucional. O sentido desta norma significa que têm de ser respeitados os formalismos

do concurso público, nomeadamente, a igualdade de tratamento das candidaturas.

É provável que se tente arranjar uma solução habilidosa inventando um concurso com critérios de atribuição onde a Igreja se encaixe em exclusivo ou preferencialmente. É o que se chama ganhar logo à partida. Mesmo assim, tal processo seria inconstitucional. A obrigatoriedade de um concurso público significa que não se pode privilegiar uma empresa apenas porque o seu gerente tem olhos amarelos.

João Soares Louro - Concorro inteiramente com o Miguel Lobo Antunes. Qualquer especiosidade jurídica ou legislativa emanada da Assembleia da República, isentando, na prática, a Igreja de concurso público, é inconstitucional. Basta saber ler para o afirmar.

Ou a Igreja estava desatenta e aquando da revisão constitucional não acautelou esta nuance, o que terá sido um erro grave, ou o próprio PSD terá estado também desatento, porque não fez braço de ferro para que se cumprissem as

«**Em França, é opinião quase unânime que a privatização conduziu à baixa de qualidade dos programas**»

José Rebelo

suas promessas. Falando de promessas: não gostaria de ouvir evocar o nome de pessoas que já morreram. Acho de mau gosto.

Por outro lado, não me parece legítimo que um primeiro-ministro possa prometer algo que a própria Lei Fundamental do País não podia dar. É inconcebível.

Nas circunstâncias presentes, não há nenhuma solução satisfatória. Qualquer solução será inquirada, porque desvirtua a nossa Lei Fundamental e avilta os

«**Exige-se fé em algo que, no fundo, se desconhece. Não será um pouco de fé a mais?**»

Frei Bento Domingues

princípios aprovados pela Assembleia da República, que representa o povo português. Isto é uma violência muito grande, é uma violência moral, tendo em conta a entidade que está a forçar a hipótese. Reconheço, no entanto, que o Governo está numa posição delicada.

Joaquim Letria - O que estamos a assirir hoje é a uma disputa entre credores e devedores de um dívida política que por acaso coincidiu com uma eleição importante: 1980 foi a vitória da AD e nós sabemos o papel determinante que a Igreja assumiu na altura, com toda a sua máquina de propaganda. Hoje, vemos Cavaco Silva entalado com uma promessa anterior do seu próprio partido e com uma bota que não sabe como descalçar. Assistimos à pressão da Igreja, usando a mesma máquina de 1980, mas desta vez contra o Governo e contra Cavaco Silva. A Igreja pode ter um canal desde que respeite as mesmas regras que os outros. Recorde-se que durante anos foi a única entidade privada a ter uma estação de rádio e com o poder que tem a Rádio Renascença. Onde, no mundo, é que se assiste a uma situação semelhante?

A habilidade bem intencionada de querer preservar a RTP, mantendo os dois canais, levou o Governo a dizer que daria espaço à Igreja num canal privado. Tal situação prejudicaria todos aqueles que se associassem no mesmo canal. É fácil imaginar que a Igreja não se contentaria com o horário da meia-noite às três da manhã, mas sim com o espaço nobre das 19.30h às 23h, isto é, nas horas das telenovelas.

Quanto à hipótese de atribuir um canal por inteiro, creio tratar-se de um bombom envenenado destinado a fazer a Igreja recuar nas suas intenções.

Helena Cidade-Moura - Também eu não vejo como é que a Igreja sozinha pode tomar conta de um canal de televisão.

Quanto ao concurso público, considero que Igreja não deveria querer para si privilégios. Um concurso público é um concurso público. Nós estamos em democracia, num Estado de direito e a Igreja, se quiser concorrer a um canal privado, deve fazê-lo nas mesmas condições que os outros. A sua relação com os católicos ficará valorizada se renunciar a qualquer priv-

ilégio. Estamos fartos de relações privilegiadas. A Igreja deve dar o exemplo: é uma belíssima oportunidade de mostrar que se pode viver de uma forma mais democrática e responsável.

José Rebelo - O Joaquim Letria referiu-se a um bombom envenenado, mas será este destinado apenas à Igreja?

Joaquim Letria - Claro que não! O desenrolar do processo é previsível. Não sendo atribuído um canal à Igreja devido à verificação de inconstitucionalidades, o ónus caberá sempre ao Partido Socialista por não viabilizar a maioria de dois terços que permitiria ultrapassar a decisão do Tribunal Constitucional.

José Rebelo - A polémica sobre a privatização da televisão e sobre o canal da Igreja tem-se centrado nas questões políticas, económicas e éticas. Alguns aspectos ficam, no entanto, esquecidos: que modelo de televisão queremos para Portugal? Que conteúdos para os canais privados? Que funções para os canais públicos?

Rui Cádima - Os modelos estão um pouco condicionados pelos sistemas técnicos que a União Internacional de Telecomunicações permite. No caso português, pretende-se manter os dois canais públicos e conceder dois canais a privados. Ora, está-se a levar a carroça à frente dos bois, na medida em que não há uma estratégia do audiovisual em Portugal.

O professor Cavaco Silva diz que não abdica de ter dois canais públicos com o argumento de acompanhar a tradição europeia. Mas quando pretende dar um espaço alargado à Igreja, apenas, para transmitir a sua fé. São quatro ou cinco horas semanais e não seis horas diárias, ainda por cima com publicidade.

O modelo que me parece mais adequado é o da existência de dois canais públicos e dois canais

continua na pág. 22

«**Os anos 90 configuram-se como aqueles em que o serviço público vai ter de ser mais responsável e desempenhar uma função que a concorrência vai ignorar**»

Rui Cádima

TUDO O ATENDIMENTO! Banix / HONDA MOTOCICLOS ☎ 23159/22194	TODAS AS OFERTAS! Banix / HONDA MOTOCICLOS ☎ 23159/22194	TODOS OS CRÉDITOS! Banix / HONDA MOTOCICLOS ☎ 23159/22194
---	---	--

A.M.A. Auto Monumental do Arquivo ☎ 23159/22194	CONCESSIONÁRIOS AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/8718 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA
--	---

O tal canal ou a nova cruzada da Igreja

continuação da pág. 21

privados. Um canal público concorrencial, a RTP 1 e um outro que assuma as funções de serviço público, que são vastíssimas. Os anos 90 configuram-se como aqueles em que o serviço público vai ter de ser mais responsável e desempenhar uma função que a concorrência vai ignorar.

O segundo canal, de serviço público, destinava-se às confissões religiosas, sem publicidade, claro, as Universidades e demais instituições. Quanto ao 3º e 4º canais, julgo preferível que um seja instalado em Lisboa e o outro no Porto.

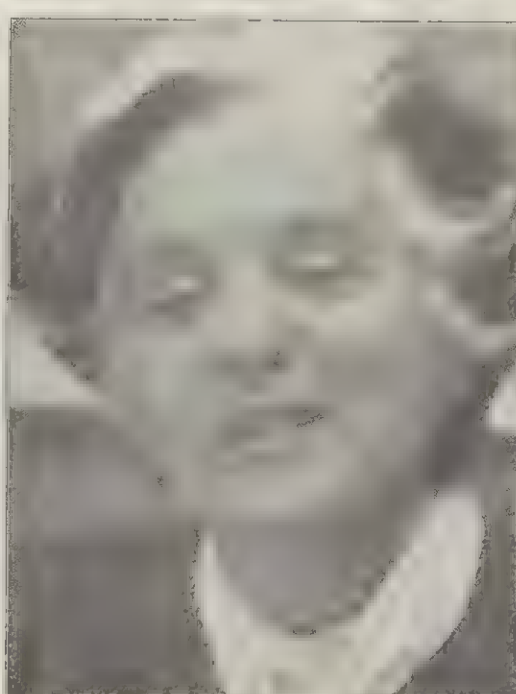
João Soares Louro - Penso, como o Rui Cádima, que importa redefinir o serviço público de televisão em Portugal, que se tem descaracterizado pela forma demasiado comercial e agressiva como nos últimos anos se tem tratado o processo publicitário. Penso também que urge rever globalmente o processo do audiovis-



Miguel Lobo Antunes:
«O que a Igreja quer é Poder»



Joaquim Letria:
«Ter um canal de televisão não tem preço»



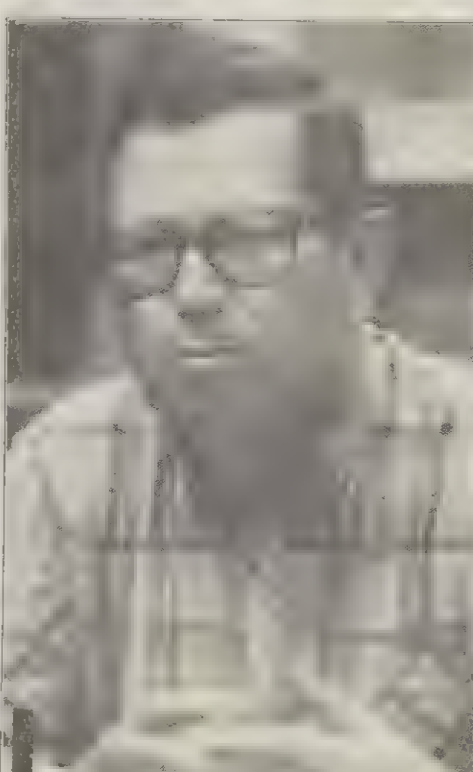
Helena Cidade-Moura:
«Estamos fartos de relações privilegiadas. A Igreja devia dar o exemplo...»



João Soares Louro:
«Se a Televisão continuar apenas sujeita às regras de mercado, então a perversão é total»



Rui Cádima:
«O negócio televisivo é claramente incompatível com a divulgação da fé»



Frei Bento Domingues:
«Quem pede o que não pode ter? Quem promete o que não pode dar?»



José Rebelo:
«Há uma prudência extrema, por parte dos diferentes meios ligados à Igreja, em se pronunciarem sobre esta matéria»

ual em Portugal, ordená-lo, projectá-lo e depois pôr de pé as suas várias componentes: cinema, televisão, rádio, vídeo, etc.

Se a televisão continuar apenas sujeita às regras de mercado, então a perversão é total. Dos 15/16 milhões de contos que a televisão apura todos os anos, 8 a 9 são vendidos entre as 20 e as 22 e 15 horas. com os consequentes efeitos na qualidade dos programas. A RTP conseguiu autonomizar-se do Estado com as receitas da publicidade mas, insisto, perverteu o serviço público.

José Rebelo - Em França, é opinião quase unânime que a privatização conduziu à baixa de qualidade dos programas. Estes regem-se pelo audímetro. É a guerra das audiências. Lá, há tempo, que um dos responsáveis pelo projecto do canal da Igreja considerava que a grelha ideal seria construída de tal forma que pais e filhos não se envergonhassem de ver os programas em conjunto. Não estaremos perante um motivo complementante de preocupação?

Joaquim Letria - Em relação ao conteúdo da programação de um canal da Igreja não estou, em princípio, nada preocupado, especialmente se esse canal entrar no

regime da concorrência. Gostava de recordar que antes do 25 de Abril encontrei um espaço de liberdade possível na Rádio Renascença. Eu e outros jornalistas como o Adelino Gomes e o José Manuel Nunes. Na altura, a própria RR tinha uma orientação quicá mais equilibrada e com maior qualidade do que hoje, embora dispondo de menores meios e menos horas de emissão.

Na RTP há um programa que, embora passando a uma hora de pouca audiência, aborda questões que reputo de grande interesse e gostaria de as ver abordadas pela própria RTP enquanto serviço público.

Apesar de agnóstico, não perco um programa dos tele-evangelistas, tão frequentes quer na América do Norte, quer na do Sul. Confesso o meu fascínio.

Paralelamente à questão política, o que me preocupa é a concentração de meios que a atribuição de um canal à Igreja pode reforçar. A Igreja já detém, directa ou indirectamente, mais de dois mil títulos na imprensa regional, assim como uma estação de rádio.

João Soares Louro - Poderíamos correr o risco de nos caracterizarmos na Europa como um Estado semiconfessional...

Joaquim Letria - Fundamentalista...

Helena Cidade-Moura - A Igreja nunca se deu ao trabalho de explicitar claramente o que tenciona fazer com o seu canal. Admito até que o canal da Igreja pudesse contribuir para o desenvolvimento do País. Só que tudo isto tem sido discutido, apenas, no plano formal. Há uma quantidade de assuntos que poderiam ser tratados na televisão: a alfabetização, a reconversão profissional, a situação do mercado de trabalho, a divulgação de novos hábitos alimentares, em suma, a defesa dos direitos dos cidadãos. Uma televisão diferente deveria assumir-se como uma Província da Justiça permanente.

José Rebelo - Esses aspectos dificilmente se poderiam integrar numa televisão comercial. São aspectos próprios a um segundo canal da televisão pública assumida como serviço público.

Rui Cádima - O Bispo do Porto já declarou que a Igreja não queria uma televisão comercial, queria uma televisão para divulgar a fé. Ora o negócio televisivo é claramente incompatível com a divulgação da fé, disso não me restam dúvidas. É muito complexo conciliar estas duas questões.

Frei Bento Domingues - Se o tal canal contribuir para a libertação deste povo, ajudando-o a ser diferente e mais fraterno de um ponto de vista cultural e social... Quem me dera. Nesse caso, que exista o tal canal! O problema é que a este respeito ninguém sabe o que o espera. É um salto no vazio. Diz-se aos católicos que a obtenção de um canal para a Igreja é uma grande luta. Exige-se fé em algo que, no fundo, se desconhece. Não será um pouco de fé a mais?

Receio que as tentações que Cristo venceu voltem a tentar a comunidade crente. Não gostaria, como cristão e como católico, que a Igreja se deixasse tentar pelo poder. Jesus recusou sempre e vedou aos seus discípulos os caminhos do poder, do dinheiro e do prestígio e recusou também as três tentações do Diabo que lhe dariam a grande oportunidade de fazer espectáculo. Jesus atirar-se-ia do pináculo do templo e era filmado pela televisão...

Miguel Lobo Antunes - As leituras do Evangelho dão para tudo. O Frei Bento disse que Cristo recusou o espectáculo, mas Cristo também fez espectáculo, com os milagres. A multiplicação dos pães e dos peixes é um espectáculo para uma grande

multidão. É uma forma legítima de transmissão da mensagem. Os pregadores são um espectáculo. Não desvalorize o espectáculo como forma de transmissão da mensagem divina.

José Rebelo - Em conclusão, qual vos parece vir a ser o epílogo de toda esta polémica?

Miguel Lobo Antunes - Julgo que a questão acabará por ser resolvida em termos constitucionais. O perigo é transformá-la numa questão política entre a Igreja e o Estado. A Igreja está a apostar fortíssimo. Está a elevar demasiado a paragem. E tudo pode desambar numa questão religiosa de todo em todo desproporcionada e inadequada.

João Soares Louro - Não há problema nenhum entre o Estado e a Igreja. Espero bem que ninguém vá ao sótão da história desenterrar fantasmas. Era completamente ridículo e estúpido nos dias de hoje. Já não há mata-frades...

Frei Bento Domingues - Ainda bem, senão estava desgraçado.

moderado
por José Rebelo,
com Maria João Rocha
e Dina Soares

A Prova Ge
a sua p
queixa-se d
de cad

Mill
a pro

Dezenas de milhares
alunos do 12º ano entra
esta manhã, às 9.30 h
para as salas de aulas
estabelecimentos de en
secundário, respondendo
primeira chamada da P
Geral de Acesso ao En
Superior. Estas escolas e
por este motivo, fechada
alunos que as frequen
voltando ao seu
cionamento normal ama

Esta polémica prova, i
tuída desde o ano pas
como peça essencial pa
acesso à universidade
ensino politécnico, cont
a ser contestada por gra
parte dos estudantes. M
contrário do que sucede
ano lectivo anterior, os
testes estudantis não
traduziram em gra
movimentações.

Reflexo desta fraca pa
pação foi a concentraçã
cerca de 30 jovens, na
maioria candidatos não o
cados, que se manifesta
sexta-feira, em frente
Ministério da Educação
gindo a revogação da l
acesso.

Segundo Carlos C
dirigente da Comissão
Candidatos ao Ensino S
rior (CCSE) e organizad
concentração, ao inviabi
a discussão dos projecto
Lei do PCP, do PS e do
sobre o acesso ao En
Superior o Governo den
strou não estar interes
em resolver este probl
Este estudante consi
também que «PGA não
em conta a Lei de Base
Ensino Superior e que
teor propicia uma sele

Quinze
para ins

Cerca de 15 milhões d
Governo irá investir este
lações para o Ensino Sup
Educação, Roberto Carn
rante o XV Encontro Naci
de Pais, que se realizou
que irá ser também lança

uma acção de comba
alcoolismo e a outras sul
âmbito do Projecto Vida.

Este plano nacional co
coordenador dependerá
gabinete do chefe do Go
Comissão Interministeri
Nacional, ambos sob a pr
Silva.

A Comissão Intermini
eminentemente executiv

Igreja



de-Moura: tos de relações privilegiadas. a dar o exemplo...



elo: prudência extrema, por parte estes meios ligados à Igreja, unciarem sobre esta matéria» tidão. É uma forma legítima de missão da mensagem. Os prelores são um espectáculo. Não alorize o espectáculo como a de transmissão da men- m divina.

é Rebelo - Em conclusão, qual parece vir a ser o epílogo de esta polémica?

iguel Lobo Antunes - Julho a questão acabará por ser vida em termos constitucion- O perigo é transformá-la numa tã política entre a Igreja e o do. A Igreja está a apostar ssimo. Está a elevar demasiado rada. E tudo pode descambar a questão religiosa de todo em desproporcionada e inade-

io Soares Louro - Não há tema nenhum entre o Estado e eja. Espero bem que ninguém soto da história desenterrar smas. Era completamente il e estúpido nos dias de hoje. o há mata-frades...

i Bento Domingues - Ainda senão estava desgraçado.

De... por José Rebelo, com Maria João Rocha e Dina Soares

A Prova Geral de Acesso ao Ensino Superior teve esta manhã a sua primeira chamada. O Ministério da Educação queixa-se do atraso de algumas faculdades na fixação do peso de cada critério para a avaliação global dos alunos

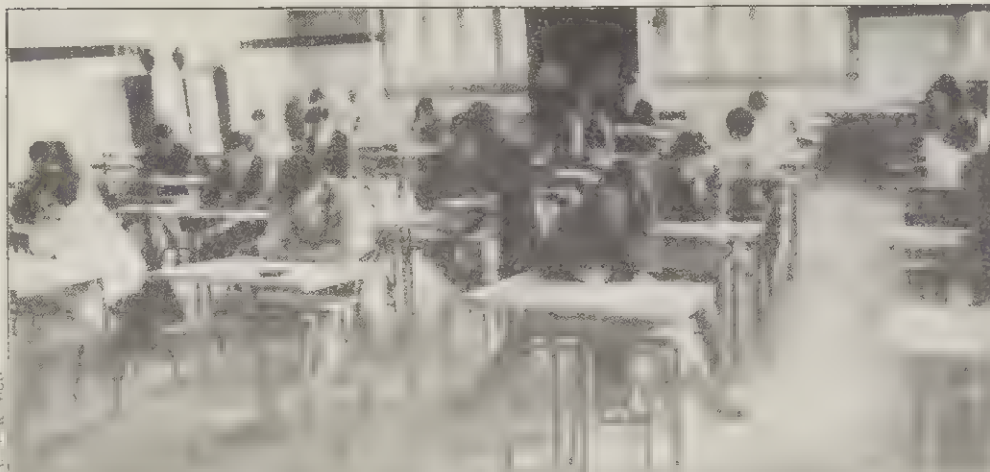
Milhares acorrem a prova contestada

Dezenas de milhares de alunos do 12º ano entraram esta manhã, às 9.30 horas, para as salas de aulas dos estabelecimentos de ensino secundário, respondendo à primeira chamada da Prova Geral de Acesso ao Ensino Superior. Estas escolas estão, por este motivo, fechadas aos alunos que as frequentam, voltando ao seu funcionamento normal amanhã.

Esta polémica prova, instituída desde o ano passado como peça essencial para o acesso à universidade e ao ensino politécnico, continua a ser contestada por grande parte dos estudantes. Mas ao contrário do que sucedeu no ano lectivo anterior, os protestos estudantis não se traduziram em grandes movimentações.

Reflexo desta fraca participação foi a concentração de cerca de 30 jovens, na sua maioria candidatos não colocados, que se manifestaram sexta-feira, em frente ao Ministério da Educação, exigindo a revogação da lei de acesso.

Segundo Carlos Costa, dirigente da Comissão de Candidatos ao Ensino Superior (CCSE) e organizador da concentração, ao inviabilizar a discussão dos projectos de Lei do PCP, do PS e do CDS sobre o acesso ao Ensino Superior o Governo demonstrou não estar interessado em resolver este problema. Este estudante considera também que «PGA não tem em conta a Lei de Bases do Ensino Superior e que o seu teor propicia uma selecção



Primeira chamada da Prova Geral de Acesso na Escola Secundária Passos Manuel

pouco objectiva dos candidatos».

António Pinheiro, o acsessor de Roberto Carneiro que recebeu a delegação da CCES, não é da mesma opinião e garante que, até o sistema de ensino estar totalmente reformulado, a PGA não vai ser abolida. No entanto, e respondendo às críticas dos estudantes que consideram que o peso da Prova Geral foi excessivo, assegura que não será, este ano, superior a 35 por cento da nota final. Nos cursos em que não haja prova específica, a PGA pode chegar aos 75 por cento do total da nota.

Mas a legislação não mudou só neste ponto. Excepcionalmente, a prova realizada em 89 será válida para a candidatura de 90, prevalecendo a melhor classificação obtida, no caso dos candidatos que decidiram repeti-la.

Também a composição do júri de correcção da PGA foi

alterada. Assim, foi aumentado o peso dos representantes dos professores do Ensino Secundário, garantindo a paridade entre estes e os do Ensino Superior. Outra alteração à legislação pretende precaver os casos em que os resultados das provas específicas não sejam apresentados pelas faculdades em tempo útil. Aí, o Ministério da Educação substituirá a nota da Prova Específica pela da média obtida pelo candidato nos 10º, 11º e 12º ano.

Um dos problemas que Roberto Carneiro não conseguiu resolver foi o do atraso da publicação do Guia de Acesso ao Ensino Superior, que estabelece o peso de cada uma das notas, conforme o curso a que o aluno se candidata. Este ano, e mais uma vez, esta importante fonte de informação para os estudantes só é publicada depois da realização da Prova Geral de Acesso. «Houve uma grande demora, por parte das facul-

dades, na fixação do peso de cada critério no processo de seriação» disse ao «DL» António Pinheiro.

Também no sábado, cerca de trinta dirigentes de associações de estudantes da área de Lisboa reuniram-se com o ministro da Educação para lhe expor as suas preocupações em relação a todo este processo. Os representantes dos estudantes pediram a Roberto Carneiro que alargasse os *numerus clausus* e recolheram informações sobre a correcção das provas.

A segunda chamada da PGA vai ter lugar a 2 de Abril e a chamada especial para emigrantes a 10 de Agosto. No total serão cerca de 90 mil os estudantes que irão ser submetidos a esta prova, que pretende avaliar o desenvolvimento intelectual dos candidatos, o seu domínio da língua portuguesa e a sua maturidade cultural.

D.O.

CP assina acordo para 250 pré-reformas

O Conselho de Gerência da CP reformará ainda este ano, ao abrigo das pré-reformas, 250 trabalhadores com idade igual ou superior a 55 anos. Este compromisso consta da acta assinada pelos responsáveis da empresa na reunião de sexta-feira passada com os sindicatos da UGT, segundo o DL apurou.



Sindicatos da UGT acertam reformar 250 trabalhadores

É a primeira vez, segundo Francisco Fortunato, do Sindicato (UGT), que a gerência da CP se compromete «no papel e independentemente das resoluções da Segurança Social, a reformar,

para além dos 42 maquinistas já assegurados, mais 210 trabalhadores dos restantes sectores, com o dinheiro da própria empresa».

As outras matérias que constam da acta assinada - e que não comprometem a empresa - dizem respeito ao aumento de todos os salários (para o valor igual ao do prémio de produtividade), à anulação das faltas que a empresa marcou aos trabalhadores no primeiro trimestre de 1989, e à negociação com o Sindicato dos funcionários da CP na tentativa de desactivar

Segundo aquele sindicalista, a empresa comprometeu-se ainda a fazer escalas nos intervalos de descanso respeitando a hora das refeições e a melhorar, de imediato, as instalações sociais (dormitórios e salas de convívio), cujas condições se encontram bastante degradadas.

E.A.

Associação da PSP requer reapreciação de regulamento

A Associação Sócio-profissional da PSP (ASP/PSP) vai solicitar à Assembleia da República a reapreciação do Regulamento Disciplinar da Polícia, anunciou este fim-de-semana, em Coimbra, o coordenador geral, José Carreira, quando participava num jantar-homenagem a Joaquim Gomes, antigo dirigente da associação, reformado compulsivamente pelo ministro da Administração Interna. Segundo o responsável da

associação, o regulamento disciplinar está repleto de armadilhas e considera que «já basta de injustiças e ser tempo de nos concederem os direitos que sempre nos negaram».

José Carreira sublinhou que reivindicam a reestruturação das carreiras, a atribuição de remunerações que contemplem as especificidades da profissão e a concessão de subsídios de perigosidade.

Quinze milhões de contos para instalações escolares

Cerca de 15 milhões de contos é quanto o Governo irá investir este ano em novas instalações para o Ensino Superior. O ministro da Educação, Roberto Carneiro, anunciou, durante o XV Encontro Nacional de Associações de Pais, que se realizou no fim-de-semana, que irá ser também lançado um programa de conservação para as instalações escolares para o qual se prevê um investimento de 15 milhões de contos.

Para o efeito, o Governo vai desenvolver uma acção de combate ao uso de drogas, ao alcoolismo e a outras substâncias tóxicas, no âmbito do Projecto Vida.

Este plano nacional contra a droga, cujo coordenador dependerá directamente do gabinete do chefe do Governo, incluirá uma Comissão Interministerial e um Conselho Nacional, ambos sob a presidência de Cavaco Silva.

A Comissão Interministerial terá funções eminentemente executivas e o Conselho Na-

cional deverá assegurar a participação dos sectores representativos da sociedade que, directa ou indirectamente, estejam relacionados com o Projecto Vida.

Roberto Carneiro, anunciou ainda a adopção de medidas sociais no campo da alimentação, saúde, alojamento e apoios económicos. No plano dos alojamentos, disse que nos próximos quatro anos serão construídos cinco milhões de residências escolares, aumentando a capacidade de acolhimento em 12 mil alunos.

O presidente da Confederação das Associações de Pais (CONFAP), Rogério Leitão, revelou que há hoje cerca de 370 associações de pais e seis federações regionais e que, no último ano, aderiam a esta organização quase 50 associações.

No final do encontro, as Associações de Pais congratularam-se com o projecto-lei de Governo, aprovado no último Conselho de Ministros, que lhes reconhece o estatuto de parceiro social.

Professores socialistas contestam hegemonia sindical do PC

Os professores socialistas, que reuniram este fim-de-semana em Coimbra, decidiram criar uma «tendência sindical» como forma de organização no seio dos diversos sindicatos existentes.

Ana Maria Bettencourt, do PS para a Região de Lisboa, disse que esta organização vai actuar com autonomia em relação ao PS, visando libertar os sindicatos da hegemonia política dos partidos.

Acrescentou que a nova estrutura tem como objectivo uma intervenção nos vários sindicatos, acentuando ser fundamental coordenar a sua

acção tornando-a sistemática e organizada.

Em declarações feitas à Lusa, no encerramento do encontro, esta dirigente socialista disse que falta «legitimidade moral» a alguns dirigentes sindicais.

Sustentou ainda que «é importante saber que as direcções da FENPROF são hegemónicas pelo Partido Comunista».

«A partir de agora o Ministério de Educação e os sindicatos vão ter de contar mais com os socialistas», sublin-

hou na in- ou no en- a di- o Braga- que «os- tem mais

mento do pri- trabalhos. o- P. Lusa

uma- vira- e a criação de uma tendência socialista dos sindicatos dos

Reivindica, o contributo da tendência sindical para uma mudança qualitativa da educação.

Rebello de Sousa critica solução de «Livro Branco»

Marcelo Rebello de Sousa classificou a decisão de criar uma comissão para elaborar o «Livro Branco» sobre o estado da cidade de Lisboa como uma «solução insatisfatória» preconizada por Jorge Sampaio sem ter sido feita uma consulta à restante vereação.

Nesse contexto, Marcelo Rebello de Sousa anunciou que na próxima reunião de Câmara irá apresentar uma proposta com mais nomes a acrescentar aos que já fazem parte da Comissão.

Assim, além de Joaquim Figueiredo, Jacinto Nunes, Rogério Martins, Vasco Vieira de Almeida e João Mendes — propostos por Jorge Sampaio — o ex-candidato à presidência do Município lisboeta sugere que façam parte daquele órgão, Artur Ravara, Gonçalo Ribeiro Teles, Jorge Gaspar, José Veiga Sinho, Nuno Portas e Vítor Melícias.

Caso esta proposta não seja aceite, Marcelo Rebello de Sousa afirmou que «o «Livro Branco» não passará de um alibi para tudo aquilo que a Câmara não conseguir fazer durante esta gestão».

Das iniciativas que o PSD irá realizar no âmbito municipal, Rebello de Sousa destacou um estudo que os vereadores sociais-democratas estão a realizar no sentido de substituírem as compensações (fonte de receitas para o Município) e que aquele professor de Direito considerou inconstitucionais.

B R E V E S

Sesimbra prepara Festa do Marisco

A 4ª edição da Festa do Peixe e do Marisco, em Sesimbra, a realizar de sexta-feira próxima a 8 de Abril, vai ter como novidade a instalação duma tasquinha no Largo da Marinha.

No período das 15 horas e 30 minutos às 18 e 30 serão vendidos, a preços acessíveis, petiscos do mar, especialidades de cada um dos 37 participantes na Festa. Paralelamente, haverá serviço de refeições nos estabelecimentos, uma série de espectáculos e actividades desportivas.

A organização desta iniciativa está a cargo da Câmara Municipal e da Associação de Promoção Turística e Gastronómica do Concelho, com o apoio da Região de Turismo da Costa Azul.

Rádio F promove curso de jornalismo

A Rádio F, cujas emissões estão previstas para arrancar em Junho, na Guarda, iniciou um curso de formação profissional. A estação foi buscar o seu nome aos cinco F que caracterizam a cidade da Guarda: Farta, Forte, Fria, Fiel e Formosa e pretende ter um papel diferente no panorama radiofónico regional. «A Rádio F não quer ser mais um radinho a poluir o espectro tão amador da frequência modulada», dizem os membros da Fundação Frei Pedro, entidade proprietária, justificando a aposta na via da profissionalização. O curso, a cargo de António Jorge Branco, tem como intervenientes, entre outros, Paquete de Oliveira, Costa Carvalho, Serra Pereira e Adelino Gomes.

Eleições dos magistrados judiciais portugueses

Na edição de 19 de Março, o «DL» publicou uma notícia sobre as eleições para os órgãos nacionais da Associação Sindical dos Magistrados Judiciais Portugueses. Por lapso, foi referido que o anterior presidente do conselho directivo geral era Rodrigues Simão, em vez de Rodrigues da Silva. Do facto, pedimos desculpas aos visados e aos leitores.

Finalistas de Agronomia em Poznań

Um grupo de finalistas do Instituto Superior de Agronomia vai participar no seminário que a Associação Internacional dos Estudantes de Agricultura (IAAS) promove em Poznań. A iniciativa decorre, este ano, entre 2 e 6 de Abril, subordinada ao tema «Agricultura e Ambiente».

A delegação portuguesa, fará uma intervenção em que o papel do seminário será analisado na perspectiva do que se passa no nosso país.

Ao assumir a presidência do CEEM, D. António Marcelino tornou-se o principal responsável pela coordenação da política que deverá decidir a instalação de um canal europeu católico

Bispo português lidera projecto televisivo europeu

Enganou-se quem pensou que o interesse da Igreja Católica pela televisão se limita a Portugal. A Conferência do Comité Episcopal Europeu para os Media (CEEM) que terminou, ontem, em Fátima adoptou uma recomendação que determina o estudo da possibilidade de a Igreja montar um canal de televisão a nível europeu, com recurso a um satélite artificial.

Tão importante como esta decisão é o facto de ser um bispo português, D. António Marcelino, de Aveiro — que assumiu ontem a presidência do CEEM em substituição do arcebispo de Malines, Remy Vancottem — a liderar o processo, que deverá estar em fase bastante avançada em Setembro, quando os responsáveis pela Comunicação Social da Europa Ocidental e do Leste se reunirem, em assembleia, na capital húngara.

Como destacou D. António Marcelino na conferência de imprensa realizada, ontem, na Casa de Nossa Senhora do Carmo, «o mundo dos Media é cada vez mais familiar para os responsáveis da Igreja».

Não surpreende, por isso, que a proposta do canal católico europeu, apresentada aos bispos e peritos por Richard Schoonhoven, responsável da KRO — a Televisão Católica Holandesa — tenha recebido os aplausos do fórum de Fátima.

A mensagem da necessidade de uma atitude dinâmica da Igreja tinha aliás vindo do Vaticano pela benção do cardeal Carlo Martini que, na comunicação que dirigiu à reunião, sublinhou a urgência de os católicos «mudarem a estratégia dos nossos media».

Pode dizer-se que os bispos e especialistas analisaram o tema Informação de forma exhaustiva. O tom com que apresentaram as recomendações eleva aliás a questão para um plano superior. Concluíram que é indispensável aprofundar a «teologia da comunicação» que dê «ao acto de comunicar uma dimensão profética», como disse o padre Joaquim Duarte no encerramento dos trabalhos.

«O primeiro princípio da teologia da comunicação é a comunicação», afirmou o cardeal de Fátima, D. António Marcelino, «e a comunicação».

Embora fique claro e tenha sido perceptível ao longo dos três dias do encontro, os bispos estão seriamente preocupados com os «perigos» que o avanço tecnológico e a velocidade com que se desenvolvem as técnicas de informação podem trazer para a divulgação da mensagem religiosa e embora nunca o tenham expressado directamente, deixaram sempre no ar a ideia de que é preciso andar depressa.

Excepção ao tom evangelizador das intervenções só houve uma. O padre Jean Michel di Falco, porta-voz do episcopado francês, abriu completamente o jogo. A televisão «é o único meio de comunicação credível, porque a imagem é a prova da verdade», ela «é rival da Igreja», detém poderes «que mais ninguém tem a nível da Comunicação Social».

Michel di Falco fez a apologia de uma televisão isenta dos pecados comuns a todas as que não são programadas em termos católicos, defendendo que ao contrário das outras deve valorizar o bem em vez do mal, procurar a defesa das ideias ao invés do lucro comercial. Para não deixar dúvidas, mostrou aos presentes uma foto montagem elucidativa: Uma antena de televisão — que por acaso é a torre da TV da RDA, em Berlim Leste, ao lado de uma igreja.

Mas o tema central da conferência era, como foi anunciado oficialmente, «a abertura» a Leste. O fórum de Fátima manifestou total solidariedade para com a Igreja nos países do Leste europeu, recusando, no entanto, fazer qualquer recomendação sobre a situação que se vive na Lituânia.

Não o fez, como explicou D. António Marcelino, porque é tradição dos bispos não intervir e fazer comentários quando «os acontecimentos estão quentes, pois muitas vezes isso só vem agravá-los».

No entanto, foi bastante empolada a presença dos representantes das igrejas desta região da Europa. Foi «certamente por acaso que quem coajuvou, de perto, o cardeal Carlo Martini, na missa que celebrou ao fim da tarde de sexta-feira, junto da Capela das Aparições, foi um padre jugoslavo».

O encontro de Fátima decidiu apoiar a Igreja nos países do Leste em força Espiritualmente, económica e financeiramente, a Igreja vai dar a máxima importância aos fiéis desses países pois reconhece que a sua estrutura e implantação são débeis, face às restrições que os regimes socialistas lhes impuseram ao longo de décadas.

A Igreja Católica também está na corrida para o Leste — é, no mínimo, o que se entende das recomendações do fórum.

A importância do que ali foi acordado relega para um plano diminuto o caso nacional. Como salientou o novo presidente do CEEM, a implantação da televisão da Igreja portuguesa vai ser, apenas, uma das experiências a estudar colectivamente, pelos responsáveis que vão pensar a TV católica europeia.

Novidade, entre nós, foi apenas uma afirmação de Magalhães Crespo, líder do Grupo Coordenador do Projecto de Televisão da Igreja e presidente da Rádio Renascença, ao «DL»: «Não está excluída a possibilidade de a futura estrutura televisiva a montar se organizar paralelamente à estrutura da rádio». É viável assim que possamos ter uma radiotelevisão católica, se «os estudos em curso indicarem ser esse o melhor caminho».



O cardeal Carlo Martini trouxe a Fátima as preocupações dos católicos face à Comunicação Social

Pereira de Almeida

Jacques Hig

A Fr

Um cidadão francês quase cinquenta anos ir em ludibriar o destino. corpo, castigado por século excessivo, é esque. Toda uma vida apreendi toda a experiência acumulada, misturam num coque sentimental onde o artista álcool entontecedor. Duas horas as dores, amódios, paixões, ilusões, lusões, valores, contradições, vícios, idiossincrasias, e anças, angústias e ale deste senhor de cabelos grisalhos, permitem-se par ditatorialmente to espaço emocional cujo rítório, sábado passado, as paredes da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa como fronte. Para quem não o souber, nome deste «centro mundo» é Jacques Hig. No final de um espectáculo grandiloquente, excessivam na memória o tam ocupado por mil «pequenas, tão grandes seus detalhes» — últimas palavras do cantor abandonando o palco.

Ele cuspiu no público, os suspensórios, vestimenta negra deixou revelar pulseira «Tucson» no pulso esquerdo. Foi detestável disse que «a vida acontece quando estamos para qualquer outra coisa». Solou ser o Papa a sair de um avião para se inclinar o solo «snifando» uma habitual dose de «coca». Discrente no mistério.

Chama-se M em Filo em diversa

Pouco

Ele há ideias para propô-las, vendê-las. mas foi «por causa das Massa Cinzenta, uma portuguesa (de ideias) que anos de existência, com arrebatou três prémios».

Prémios há muitos e ligaria, não se desse o publicado em dois ou Cinzenta se dizer associada de António Emiliano, C. João Botelho, Jorge Magalhães, tudo gente ativos ofícios culturais.

Do espanto ao quere ideia que ocorreu ao outra surpresa o iria ac foi fundada por dois Filosofia da Natureza Lovaina, o outro em Manchester, têm ambos Pedro Paixão (diz por estudantes da Universidade Esteves Cardoso (a esnece).

E como a este toda jornalista foi com Pedro

CULTURA

Jacques Higelin na Aula Magna

A França caída do céu

Um cidadão francês com quase cinquenta anos insiste em ludibriar o destino. Um corpo, castigado por meio século excessivo, é esquecido. Toda uma vida apreendida, toda a experiência acumulada, misturam num cocktail sentimental onde o artista é o álcool entortecido. Durante duas horas as dores, amores, ódios, paixões, ilusões, desilusões, valores, contradições, vícios, idiosincrasias, esperanças, angústias e alegrias deste senhor de cabelos algo grisalhos, permitem-se ocupar ditatorialmente todo o espaço emocional cujo território, sábado passado, teve as paredes da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa como fronteiras. Para quem não o soubesse, o nome deste «centro do mundo» é Jacques Higelin. No final de um espectáculo grandiloquente, excessivo, ficam na memória o tamanho ocupado por mil «coisas pequenas, tão grandes nos seus detalhes» - últimas palavras do cantor abandonando o palco.

Ele cuspiu no público, tirou os suspensórios, vestido de negro deixou revelar uma pulseira «Tucson» no pulso esquerdo. Foi detestável! Ele disse que «a vida acontece quando estamos para fazer qualquer outra coisa». Simulou ser o Papa a sair de mais um avião para se inclinar sobre o solo «snifando» uma habitual dose de «coca». Disse ser crente no mistério do

universo. Foi perverso! Ele disse não haver alguém que cante o amor como o fez Otis Redding em toda a sua alma. Foi apaixonante! Ele cantou a sua rouquidão e a sua alma que das características do «branco pós-colonial» é a de cantar antes de compreender. Foi irónico!

O espectáculo do amor

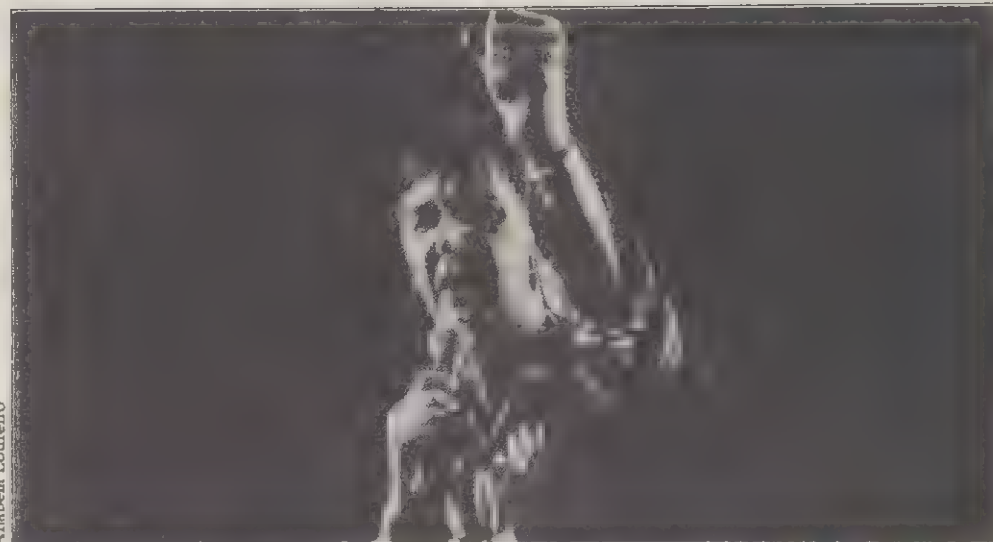
Foi a segunda vez que Jacques Higelin esteve em Portugal desde a sua passagem pelo Teatro da Trindade em 1986 que deixara em muitos uma saudade imensa, uma vontade de revisão deste homem que no palco se transcede, transforma, transfigura.

Um homem com sentido do espectáculo, aguçado no trabalho em torno das suas canções, elas próprias transfiguradas e por vezes irreconhecíveis do já antes escutado em disco. Sentido do espectáculo que permite ao artista interromper a música para entrar em diálogo, ora improvisado, ora estudado pormenorizadamente, com um público que ao longo de duas horas vai partilhando daquela personalidade, encontrando pontos de identificação, numa relação estabelecida em complicitades (por vezes artificiais, mas é de artifícios que vive qualquer espectáculo) pre-determinadas e conduzidas com saber e amor por Higelin. No meio de tudo isto, ainda houve espaço para acontecer música.

O espectáculo de Higelin terá contrariado os que condenaram ao ostracismo, à inexistência, à morte, a música francesa dos nossos dias, na sua expressão ligeira e popular.

De resto, essa música tem um passado demasiado rico (para alguns demasiado presente) para que essa «morte» aconteça de forma pacífica. É em França que conflui hoje grande parte das influências musicais (para não dizer culturais) dos nossos dias, muitas delas inovadoras, muitas delas a fazerem já parte do nosso dia-a-dia. A juntar as expressões hoje universalizadas da música popular anglo-saxónica (rock, pop, jazz, blues) a outras que encontram neste país europeu um território privilegiado de expansão e divulgação (provenientes de África, América Latina, Brasil e mesmo Ásia).

Esta convivência, aliada à tradição da que hoje ainda chamamos de «chanson» (a canção francesa), dará muito provavelmente os frutos necessários para que num futuro breve a música de grande consumo de criação francesa abandone a «travessia do deserto» dos últimos vinte anos: reencontrar a originalidade, a capacidade de intervenção, a identificação com o quotidiano ocidental, o sentido do espectáculo que a caracterizou até ao final dos anos 60. Personalidade entretanto renovada, na forma



Jacques Higelin e o público: um caso de mútua identificação na Aula Magna

e conteúdo, por esse contacto multicultural, que na música popular e em outras expressões artísticas, provocou que de centro de irradiação de cultura a França passasse a ser centro de confluência de culturas.

Talvez aí esteja a «salvação» da música francesa. Não se confundam estas afirmações com a eventual defesa nestas páginas de uma sobrevalorização da música de Higelin. Essa música tem insuficiências. Não se pretende transformar este artista numa espécie de «paladino da música francesa», um pretenso «patriarca» do futuro musical francês.

O que não há dúvida é que o assumir, por parte de Higelin, de toda uma herança deixada pela canção

francesa, para a construção de um rock que se estende por ritmos tão longe da origem, que passam pelos blues, jazz, música africana e brasileira; poderão indicar alguns dos caminhos futuros da música francesa.

Difícil de esquecer

David Salkin na bateria, Sebastien Cortela nas teclas, Pierre Marcault na percussão, Chikara Tzuzuki na harmónica e na flauta, Mark Perrier no baixo eléctrico e Bruno Dandrimont na guitarra foram os músicos que com Higelin (que tocou piano eléctrico) construíram um espectáculo personalizado, aproximado ao que geralmente se entende por «espectáculo total» - na Aula Magna esteve um pouco de

teatro, esteve a música, esteve a poesia -, no qual os pormenores de produção foram cuidadosamente elaborados, o som foi de qualidade, as luzes cumpriram excelentemente o seu papel.

Um espectáculo que beneficiou também da presença de um público que soube encontrar rapidamente a identificação com Higelin, necessária para o próprio êxito do trabalho do cantor francês, a exibir para uma Aula Magna a «dois terços» os temas do seu último álbum: «Tombé du Ciel». Caído ou não do céu, Jacques Higelin foi responsável por um espectáculo difícil de esquecer para quem, sábado passado, teve a felicidade de o ouvir e ver.

Pedro Tadeu

Chama-se Massa Cinzenta, diz-se empresa de ideias, é dirigida por um doutorado em Filosofia da Natureza e tem como colaboradores do melhor que há por aí em diversas áreas culturais. Balanço dos dois anos de vida: catorze campanhas, três prémios RTC

Poucas mas boas

Ele há ideias para tudo... até ter ideias, propô-las, vendê-las. Dir-se-ia o contrário, mas foi «por causa das ideias», que nasceu a Massa Cinzenta, uma pequena empresa portuguesa (de ideias) que, em menos de dois anos de existência, com catorze campanhas, arrebatou três prémios RTC.

Prémios há muitos e o jornalista nem a tal ligaria, não se desse o caso de, num anúncio publicado em dois ou três jornais, Massa Cinzenta se dizer associada a nomes como os de António Emiliano, Carlos Maria Trindade, João Botelho, Jorge Molder e Pedro Ayres de Magalhães, tudo gente do melhor nos respectivos ofícios culturais.

Do espanto ao querer saber, foi então uma ideia que ocorreu ao jornalista: indagar. E outra surpresa o iria acolher: Massa Cinzenta foi fundada por dois doutorados, um em Filosofia da Natureza pela Universidade de Lovaina, o outro em Sociologia pela de Manchester, têm ambos 34 anos, chamam-se Pedro Paixão (diz pouco, excepto aos estudantes da Universidade Nova) e Miguel Esteves Cardoso (a este toda a gente o conhece).

E como a este toda a gente o conhece, o jornalista foi com Pedro Paixão que se encon-

trou há dias, no escritório de Massa Cinzenta, com vista (serena) para o Cemitério dos Alemães, ali a Campo de Ourique.

A conversa foi curta, mas deu para saber que Massa Cinzenta nasceu um tanto por acaso. Ao Pedro e ao Miguel havia quem pedisse ideias, slogans, coisas assim, e um dia eles resolveram, em vez de dar, vender.

Só que - diz Pedro Paixão - ninguém compra ideias sem as ver postas em prática, vai daí houve que arranjar modo de lhes dar execução.

Ideia atrai ideia e eis António Emiliano a compor a música para um spot televisivo de «O Independente», Pedro Ayres de Magalhães e Carlos Maria Trindade a adaptarem o hino da Maria da Fonte para a campanha institucional da Petrolgal, João Botelho a realizar um filme de três minutos («Pomos Portugal Primeiro») para a Galp, Jorge Molder a ilustrar com fotografias o catálogo dos Objectos Móveis concebidos por Álvaro Siza (Vieira) e expostos pela fábrica Carvalho Araújo.

Massa Cinzenta não se ficou por aqui, mas este aqui, à parte os prémios (o filme de Botelho recebeu um), diz bem do estilo da empresa que, segundo Pedro Paixão, se tem

certos nomes consigo é porque faz o que apetece chamar publicidade de qualidade.

Apetece chamar-lhe assim, mas é algo incorrecto, porque Massa Cinzenta, ao menos formalmente, não é uma agência de publicidade, embora ande lá perto, longe de pisar o risco deontológico do jornalista anda Miguel Esteves Cardoso que de Massa Cinzenta é apenas fundador e co-proprietário, quem dirige é Pedro Paixão.

E a propriedade, como se disse, é coisa pouca cabe tudo num T1, amplo embora, se a empresa movimenta, mesmo assim, milhares de contos é porque isto de ter ideias, se rende, não ocupa espaço.

Nem espaço nem grande número de trabalhadores: três ao todo em permanência, os outros colaboram caso a caso e vão à vida. Vida que para Massa Cinzenta é incerta («andamos à procura de novos clientes, se não os arranjam, temos que fechar» - Pedro Paixão). Espera-se que não, que não fechem. E, já agora, que não cresçam por aí além. Caso contrário, lá se vai essa espécie de braço da família - Porque razão preferir David a Goliath? - O mesmo é dizer ideias, sim... poucas mas boas.

Rodrigues da Silva

Kurosawa: Oscar honorário

O cineasta japonês Akira Kurosawa, autor de «Ran», seu último filme, vai receber esta noite um Oscar honorário pelo conjunto da sua obra. Hollywood fará neste caso uma ligação de Los Angeles para o Japão, donde o Oscar será anunciado.

Outra ligação está prevista para Moscovo, onde Jack Lemmon e Natalia Nogoda (atriz de «A Pequena Vera», que Portugal não viu) anunciarão, via satélite, o Oscar do melhor filme estrangeiro.

Óscares na Antena Um

Esta madrugada, a Antena Um vai acompanhar a entrega dos Óscares de Hollywood.

A emissão começará às 2 da madrugada e só terminará às 6 horas compreendendo depoimentos de figuras ligadas à Sétima Arte. Participantes: os críticos Salvato Telles de Menezes e Vasco Brilhante, e o cineasta Lauro António.

Saliente-se que este será o único Especial Oscars/90 a ser transmitido a nível nacional, para o caso nas redes de Onda Média e Frequência Modulada (estéreo), e a música a emitir será de bandas sonoras de filmes.

o Marcelino
ão da política
opeu católico

era
ropeu

tema central da conferência
foi anunciado oficialmente,
ra» a Leste. O fórum de Fátima
ou total solidariedade para com
nos países do Leste europeu,
o, no entanto, fazer qualquer
lação sobre a situação que se
tuária.

vez, como explicou D. António
i, porque é tradição dos bispos
re fazer comentários quando
ecimentos estão quentes, pois
zes isso só vem agravá-

anto, foi bastante empolada a
os representantes das igrejas
da Europa. Foi «certamente»
que quem coadjuvou, de perto,
Carlo Martini, na missa que
ao fim da tarde de sexta-feira,
Capela das Aparições, foi um
oslavo

ntro de Fátima decidiu apoiar
os países do Leste em força
mente, económica e financei-
a Igreja vai dar a máxima im-
aos fiéis desses países pois
que a sua estrutura e implan-
debeis, face às restrições que
os socialistas lhes impuseram
de décadas.

Católica também está na cor-
o Leste - é, no mínimo, o que
se entende das recomen-
dações do fórum.

A importância
do que ali foi acordado
relega para um plano diminuto
o caso nacional. Como salientou o
novo presidente do
CEEM, a implan-
tação da televisão
da Igreja portu-
guesa vai ser, ape-
nas, uma das ex-
periências a estudar
colectivamente,
pelos responsáveis
que vão pensar a
TV católica eu-
ropeia.

Novidade, entre
nós, foi apenas uma
afirmação de
Magalhães Crespo,
líder do Grupo
Coordenador do
Projecto de Tel-
evisão da Igreja e
presidente da
Rádio Renascença,
ao «DL»: «Não está
excluída a possibili-
dade de a futura
estrutura televisa a
montar se organiza-
r paralelamente à
estrutura da rá-
dio». É viável
assim que pos-
samos ter uma
radiotelevisão
católica, se «os es-
tudos em curso»
indicarem ser esse
o melhor cam-
inho».

Perelra
de Almeida

O II Festival Internacional de Cinema da Costa do Estoril chegou ontem ao fim. Distribuíram-se os prémios e deitaram-se contas à vida. Resultado final: um balanço muito mais positivo do que à partida seria de esperar

Uma Gaivota para a Lituânia

O cinema está em época de prémios. A pouco mais de 24 horas da distribuição dos óscares em Hollywood, o II Festival Internacional de Cinema da Costa do Estoril terminou em beleza com os melhores a verem-se recompensados com as Gaivotas de Ouro e Prata, troféus atribuídos pelo certame, cuja segunda edição encerrou ontem.

A Gaivota de Ouro foi para a República báltica da Lituânia e para o filme «Eu Sou da Lituânia» de Lileikis e Motiejunas, enquanto os filmes «Sebastião e o Pardo» da Austrália, «Julia Não» do Peru e «Era Uma Vez uma Floresta» da Dinamarca receberam as Gaivotas de Prata. O prémio especial do júri distinguiria, por seu turno, «Minotauro» da França. A distribuição de troféus não se ficou por aqui. Também a Cinemateca se decidiu a distinguir a primeira obra de um autor. Os beneficiados foram «Transformações» da Dinamarca, e

«Um Lobinho Entre os Homens», da URSS. No Estoril, como em todos os festivais, a justiça dos prémios é contestável. Apesar da qualidade de «Eu Sou da Lituânia», quem acredita na inocência desta distinção?

Um balanço optimista

Esta segunda edição do Festival Internacional de Cinema da Costa do Estoril melhorou sensivelmente em relação à anterior. E um facto reconhecido pela imprensa e assumido, com júbilo, pela organização.

João Soares Tavares, director do certame, apresentou ao «DL» «um balanço francamente positivo, uma vez que houve uma melhoria da qualidade dos filmes. O ano passado tivemos sobretudo curtas e médias metragens. Este ano já tivemos longas metragens de elevada qualidade. Isto só foi possível - acrescentou - porque fiz o périplo de alguns festivais

congéneres, onde seleccionei o que neles havia de melhor. Não obstante, apresentámos dezasseis estreias mundiais».

Entre os certames visitados por João Soares Tavares contam-se alguns especializados em áreas específicas afins àquelas que também motivam o festival do Estoril. Como o do Giffoni, voltado para um público infanto-juvenil, ou como o de Varna, onde as preocupações com o ambiente são um tema constantemente debatido. A estas mostras de cinema «glosadas» sob um mote determinado, acrescentou-se ainda o Festival do Cairo e de Corbeil-Essonne, uma cidadezinha na periferia de Paris em que «anualmente são exibidas cinematografias com similitudes culturais, geográficas ou temáticas». Para João Soares Tavares, este longo périplo teve a consequência desejada: «o Festival do Estoril converteu-se no Festival dos Festivais».

A adesão do público foi

significativa. Isto no que às crianças respeita, porque dos adultos não houve ainda a resposta pretendida. As sessões das 19 horas foram, de resto, as mais afectadas. Para o director do Festival «a falta de habituação do grande público ao cinema é a principal causa do ocorrido. A noite - diria ainda - a receptividade já foi diferente, mostrando-se, por vezes, a sala bem emoldurada de público, até porque tivemos o cuidado de escolher filmes de muito boa qualidade, nomeadamente as duas antestreias apresentadas: «Longa Vida, Senhora» de Ermanno Olmi, o realizador da «Árvore dos Tamancos», «O Maestro» de Gérard Corbiau e os filmes da homenagem retrospectiva a Walter Lima Júnior.

Conseguiu-se aquilo que à partida se pretendia? Parece que sim. Do que João Soares Tavares não abdica é de referir a ausência de quaisquer apoios do poder central ao certame. «O nosso festival -

declarou ao «DL» - é obviamente um festival especializado, com uma função educativa. Não é fácil despertar mecenas para manifestações deste tipo. Estão mais preocupados com festivais pseudo folclóricos de qualidade duvidosa.» Os indispensáveis apoios provieram, assim, de fontes quase exclusivamente locais como a Câmara Municipal de Cascais, o Casino, a Junta de Turismo da Costa do Estoril, entre várias empresas da região. Os contactos estabelecidos com entidades do poder central responsáveis pela educação e pela cultura continuam a não suscitar qualquer reacção.

Tais negligências não desmoralizam os responsáveis por esta iniciativa. Antes pelo contrário. Segundo João Soares Tavares, «o festival está já individualizado em relação aos outros festivais portugueses. Atingimos o nosso espaço próprio, não concorremos com ninguém.

Somos um festival diferente no plano nacional e reconhecido internacionalmente pela Associação Europeia de Cinema logo após a primeira edição».

De salientar, aliás, que algumas das películas projectadas não tardarão a ser apreciadas no circuito comercial.

Entre elas contam-se «Longa Vida Senhora» e «O Maestro», expressamente veiculadas ao Festival pelos Filmes Lusomundo. Para João Soares Tavares há ainda «bons contactos com uma distribuidora portuguesa» para a exibição das obras produzidas por Rock Demers. O mesmo se não dirá, todavia, dos filmes incluídos na homenagem a Walter Lima Júnior que permanecerão ignorados dos espectadores portugueses. E é pena: obras como «O Menino do Engenho» foram das coisas mais bonitas que se viram neste Festival.

Maria João Martins



«Eu Sou»: o filme que valeu a Gaivota de Ouro à Lituânia

É brasileiro. Chama-se Walter Lima Júnior, conquistou o Urso de Prata num Festival de Berlim de há vinte anos e realizou filmes como «O Menino do Engenho». O II Festival Internacional da Costa do Estoril fez dele o seu grande homenageado

Este Brasil brasileiro

Estivemos séculos e séculos no Brasil para voltarmos mais ignorantes que Pêro Vaz de Caminha. É o preço da nossa velada mania da interioridade

Teimamos em identificar a afirmação dos brasileiros com o crime de Edipo, em fúria contra as prepotências paternas, e não nos apercebemos que a imagem que deles detemos não é mais, nem melhor que a fornecida por um postal do Pão de Açúcar, comercializado em qualquer loja de «souvenirs» num aeroporto do Rio.

Ambas as nações assemelham-se, assim, a parentes que se reúnem só quando é realmente inadiável, para juntos lembrarem momentos únicos de uma infância comum.

O cinema de Walter Lima Júnior faz, no entanto, incidir alguma luz sobre o Brasil autêntico, este Brasil brasileiro que palpita muito para além do ambiente novo-riquista retratado com solicitude na novela das oito. Filmes seus como «Menino do Engenho» e «A Lira do Delírio» foram exibidos durante o II Festival Internacional do Cinema da Costa do Estoril, certame que, aliás, fez do realizador brasileiro o seu grande homenageado. O caso não era para menos. Em conversa de corredor, Luís de Pina, director da Cinemateca Portuguesa, diria ao «DL» que Walter Lima Júnior se conta, hoje, entre os cinco melhores cineastas do Brasil

D.L.: O que significa para si uma homenagem como esta, vinda de um País em que a sua obra se encontra tão pouco divulgada?

W.L.J.: Uma homenagem é sempre uma

coisa boa, algo que gratifica o nosso esforço. Os meus filmes são pouco conhecidos em Portugal, mas a homenagem revela que houve uma certa curiosidade, mostra que eles são conhecidos, pelo menos, por especialistas, pessoas que os viram em mostras ou em salas privadas

D.L.: E qual é a sua opinião acerca da qualidade e da pertinência deste Festival?

W.L.J.: Tem uma grande originalidade: o seu repertório está muito dirigido aos estudantes e muito preocupado com a Natureza. A maior qualidade deste Festival é, de resto, esta existência de um tema específico, caso contrário seria apenas mais um mercado, onde o tema seria a compra e venda de filmes. Mas é evidente que tal especificidade o coloca também um pouco à margem do grande movimento de festivais. Creio, no entanto, que se vai impor, até porque o local é bonito e, como sabe, os festivais de cinema vivem muito disto.

D.L.: No Brasil existem festivais temáticos semelhantes ao da Costa do Estoril?

W.L.J.: No Brasil temos vários festivais internos, mas não estão especializados. Eu estou, no entanto, totalmente de acordo com esta especialização.

D.L.: Alguns filmes como «Em Cima da Terra, Em Baixo do Céu» denotam preocupações sociais. A sua obra poder-se-á considerar um cinema de intervenção?

W.L.J.: A minha actividade no cinema é muito diversificada. Há gente que só faz filmes policiais. Eu, no entanto, convivo com a possibilidade de fazer todos os géneros

porque o que me preocupa é o cinema, os filmes que devem existir, independentemente da minha vida

D.L.: Esse desprendimento da personalidade em relação à obra, essa vontade de mostrar o outro, estará também na origem da sua paixão pelo jornalismo?

W.L.J.: Foi através do cinema que cheguei ao jornalismo. De resto, dentro da redacção fui devolvido à realidade, fui vivenciando experiências que me enriqueceram. Hoje em dia não consigo prescindir disso. Faço jornalismo a filmar, trabalho para a televisão, onde não tenho necessidade de usar tudo o que sei sobre cinema. Mas também se aprende muito. Em determinada altura da minha vida tive que produzir quarenta minutos de documentário todos os meses. Quando voltei ao cinema, nem eu próprio tinha consciência de que sabia tanto.

D.L.: Paralelamente às preocupações sociais, também existem na sua obra e, talvez de forma mais intensa, algumas motivações ecológicas. Por outro lado, também há vários filmes seus sobre o Brasil colonial. Há uma preocupação em si de mostrar uma face mais autêntica do Brasil?

W.L.J.: A minha geração inteira está muito preocupada com a questão da identidade cultural. Não se trata de um problema de país colonizado porque também Portugal tem este problema. O mundo vive esse drama, está a ser colonizado, num processo em que o cinema e a televisão são as principais componentes. A abordagem do Brasil colonial justifica-se pelo meu gosto pela História. Um filme como «Brasil, ano 2000» foi lançado,

numa cidade colonial e, no entanto, a sua acção ocorre no futuro.

D.L.: O que o levou a fazer essa opção?

W.L.J.: A necessidade de levantar fisicamente a ironia de um povo enamorado da ideia de futuro, de que ficamos sempre à margem

No entanto, a minha opção pelos temas históricos justifica-se pela referenciação constante à paisagem física. São temas recorrentes em mim, onde o Brasil não é uma fantasia. Prefiro filmar em cidades coloniais a fazê-lo em São Paulo, que é uma cidade como qualquer outra de qualquer outro país.

D.L.: Como é que vai o cinema no Brasil?

W.L.J.: Se não morreu com a posse de Collor de Melo, vai ser um fantasma muito saudável. Foi ele que acabou com a Fundação do Cinema Brasileiro. Vamos ver se há possibilidades de sobrevivência.

D.L.: Mas há meios para o desenvolvimento da actividade ou não?

W.L.J.: O cinema no Brasil é uma actividade surpreendente. As condições são satisfatórias, os estúdios de som são bons e a própria televisão tem ajudado, nomeadamente na formação de actores.

D.L.: Como é que foi trabalhar como assistente de Glauber Rocha?

W.L.J.: Foi uma experiência muito rica. Era o meu período de aprendizagem. Para além do significado cinematográfico de Glauber, éramos cunhados porque, durante anos, eu fui casado com a irmã dele. Só se ganhou em viver com ele.

M.J.M.

«Crimes»
«Crimes»
mar

«A v»
nova

Nem dueto, nem o
nem sonata, o novo
Woody Allen é um
que cruza duas his
numerosas perso
todas judias e nova
nas, bem entendido.
negro, romance de
romance de memóri
e de esperança louca

Gosta-se de tal ma
Woody Allen, em ca
filme espera-se de tal
mais, que se está s
espera de o apanhar
Qual será, desta vez
ração dominante: o
judeu nova-iorquín
mosfera «bergmaní
a melancolia género T
transporta para Mar
À excepção de um
desopilante em «His
Nova lorque», Woo
já não entrava num
desde «Ana e as Sua
- e houve três: «Os
Rádio», «Setembro»
Outra Mulher». D
voltamos a vê-lo cor
mas não no papel p
E se é certo que a n
«alleniana» (a vida,
morte, as mulheres,
sucesso social, a id
judaica) não falta a
contro, certo é tam
este filme não é i
música de câmara o
de Outono.

É um romance, o
tas personagens que s
mas que não é forço
encontrem, um rom
capítulos que fazem
paralelamente duas
com umas quantas
pelo meio, um roma
um Maio judeu nova
que vai da grande b



Claire Bloom

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«Crimes and Misdemeanors», o último filme de Woody Allen, já tem título em português: «Crimes e Escapadelas». Quanto ao resto, a sua estreia comercial ainda não tem data marcada, apesar do filme contar com três nomeações para os «oscares» desta noite. O «DL» sobre este filme adianta uma primeira opinião, a do «Le Monde».

Que gostou e muito

«A vida é um romance judeu nova-iorquino»

Nem dueto, nem quarteto, nem sonata, o novo filme de Woody Allen é um romance que cruza duas histórias e numerosas personagens, todas judias e nova-iorquinas, bem entendido. Romance negro, romance de humor, romance de memória lúcida e de esperança louca.

Gosta-se de tal maneira de Woody Allen, em cada novo filme espera-se de tal maneira mais, que se está sempre à espera de o apanhar em falta. Qual será, desta vez, a inspiração dominante: o cómico judeu nova-iorquino, a atmosfera «bergmaniana» ou a melancolia género Tchekhov transporta para Manhattan? À excepção de um «sketch» desopilante em «Histórias de Nova Iorque», Woody Allen já não entrava num filme seu desde «Ana e as Suas Irmãs» - e houve três: «Os Dias da Rádio», «Setembro» e «Uma Outra Mulher». Desta vez voltamos a vê-lo como actor, mas não no papel principal.

E se é certo que a mitologia «alleniana» (a vida, o amor, a morte, as mulheres, o sexo, o sucesso social, a identidade judaica) não falta a este encontro, certo é também que este filme não é intimista, música de câmara ou sonata de Outono.

É um romance, com muitas personagens que se cruzam mas que não é forçoso que se encontrem, um romance com capítulos que fazem avançar paralelamente duas histórias, com umas quantas anedotas pelo meio, um romance sobre um Maio judeu nova-iorquino que vai da grande burguesia

ao limitado intelectual de Manhattan, passando pelo mundo do espectáculo e pelas práticas religiosas; um romance onde se sobem com facilidade as escadas da metafísica, onde se trata de Deus, da liberdade e da responsabilidade humana, das pequenas baixezas que fazem os grandes pecados, quer se trate de compromisso moral ou de crime consentido.

Valorizar o irrisório

O romance tem momentos em que é muito negro e, todavia, o humor brilhante que aqui e ali o ponteia perturba-nos mais do que alguns factos dramáticos. Porque, apesar de tudo, o humor permanece para Woody Allen como a força vital, a justificação da existência e a componente essencial do seu universo cinematográfico. Ele acaba de fazer 44 anos.

Aqui o temos, com o rosto um pouco envelhecido, as costas um pouco curvadas, o olhar um pouco triste por trás das grossas lentes, não mais careca do que antes.

Mas ele tem uma maneira de valorizar o irrisório que o torna único. E não há como Woody Allen para chegar a uma pomposa recepção no Waldorf contando, à socapa, que o seu «smoking», a camisa e «mesmo a roupa de baixo» são de aluguer. Da mesma maneira que não há como Woody Allen para criar uma visão do mundo que nos engloba a todos, para verter o seu particularismo, digamos cultural, no modelo das aspirações universais ao amor

e à felicidade.

Em «Crimes e Escapadelas» a personagem principal é Judah Rosenthal (Martin Landau), um homem de sessenta anos, com óptimo aspecto, com os seus cabelos brancos, os seus dentes de porcelana e a sua posição social. Porque seu pai, judeu praticante, lhe dizia constantemente que os olhos de Deus estavam postos nele, Judah Rosenthal tornou-se oftalmologista. Um mestre na sua arte.

Honra lhe seja feita. Tem uma mulher atraente, decente, elegante, Miriam (Claire Bloom), numa personagem decorativa de quem mais nada se conhece do que esta aparência de perfeição e dois filhos adultos. Tem também uma amante, Dolorès Paley, hospedeira do ar, a quem imprudentemente prometeu que com ela refaria a sua vida.

Ora acontece que Dolorès, farta desta vida escondida num apartamento exíguo, desata numa gritaria; a Anjelica Huston interpreta de uma maneira espantosa os delírios nevróticos desta vítima do amor, na qual Judah prefere ver uma «histérica» em lugar de se interrogar sobre si próprio.

Como desembaraçar-se de uma amante que está prestes a destruir o seu lar e a sua reputação de homem inteiro? É este o problema de Judah Rosenthal.

Cliff Stern (Woody Allen representando-se a si próprio...) é um realizador de documentários, honesto e, claro, desafortunado.



Woody Allen (nomeado para dois «oscares», realizador e argumento original) com Mia Farrow, em «Crimes e Escapadelas»

Sua mulher Wendy (Joanna Gleason) há um ano que não quer fazer amor com ele e recusa-se a discutir o assunto. Cliff vai ao cinema à tarde com a sua sobrinha adolescente Jenny (Jenny Nichols) o que lhe dá a sensação de estar a fazer gazeta à escola. Wendy tem um irmão, Lester, produtor de emissões cómicas na televisão (Allan Alda de cabelos grisalhos, muito satisfeito com a sua situação profissional e engatado inveterado).

Lester propõe a Cliff realizar uma reportagem sobre si próprio. Cliff precisa de dinheiro. Embora desprezando o cunhado acaba por aceitar. Apaixona-se por Alley Reed (Mia Farrow), a produtora da série. Ela é uma intelectual, compreende-o e gosta da reportagem sobre o velho filósofo judeu professor Louis Levy (Martin Bergmann). Como fazer-se amar por Alley e ao mesmo tempo fazer este filme? É este o seu problema.

Não há, «a priori», qualquer relação entre Judah Rosenthal e Cliff Stern. Só a cena final os aproxima. Mas a novidade neste filme é que Woody Allen faz a transferência para a personagem de Judah de todas as recordações da infância e da juventude que evocava nos seus anteriores filmes, principalmente a educação religiosa, que, desta vez, não é jocosamente tratada. Judah Rosenthal acredita no Deus de Israel, que, para Cliff, é apenas folclore. E vai conseguir desembaraçar-se -

indirectamente - de Dolorès, arranjando maneira de se furtar ao sentimento de culpabilidade. Mas não se trata, é claro, da nação de pecado e de redenção.

No meio de Cliff, dominado pelo seu rigor artístico, pelos seus princípios e pela sua honestidade intrínseca que o levam a mergulhar na marginalidade, consideram-no um fariseu. No extremo oposto da escala social, porém, o fariseu é Judah Rosenthal, este, após algumas pequenas crises de consciência - como, por exemplo, numa evocação, plena de ironia e de emoção, de uma cena de infância na sua casa de outrora, em que revivem as personagens do passado em plena discussão sobre deus e a moral - acaba por ganhar em todos os campos.

Cliff perde, é claro. Na arte e no amor. Paga pelo «crime» cometido ao aceitar filmar Lester. É perfeitamente justo. E lógico também. Nós somos o que os nossos actos fazem de nós, diz Woody Allen. Cliff Stern é ele, evidentemente - pelo menos como ele se vê no cinema -, tal como era Mickey em «Ana e as Suas Irmãs», Danny Rose em «Brodway Danny Rose», Isaac Davis em «Manhattan», etc... Não que ele se apresente como exemplo. Mas nada do que é humano lhe é estranho. Estranhamente, este filme, o mais judeu de Woody Allen do ponto de vista cultural - Ben, o rabino interpretado por Sam Waterston que serve de elo social, perde a vista e procura transmitir a

sua luz interior - é um surpreendente filme «existencialista» sobre as escolhas e o determinismo dos homens.

Sob os reflexos ocres, dourados ou crepusculares do grande operador Swen Nykvist, Nova Iorque freme de cultura; os homens e as mulheres representam dando a impressão de que são livres. Uma pungente e sublime música de Schubert acompanha a preparação de um crime e, imediatamente após, Woody Allen inverte o clima de «filme negro» que começava a despotar, mudando de capítulo.

De passagem, diz-nos, sem insistir, que as famílias italianas não são as únicas a contar «gangsters» entre os seus membros; que, decididamente, a sexualidade é uma coisa incompreensível e que todos os paradoxos são possíveis: como suicidar-se depois de ter clamado, defendido, bem alto e bem forte, o amor pela vida. Não há nada de pessimista neste filme. Pelo contrário. Há uma certa serenidade em relação ao que ultrapassa o entendimento. Uma certa amargura também. Mas filmar é para Woody Allen um acto libertador. resultado: uma obra magnificamente escrita, realizada, interpretada, que, uma vez vista, não mais esquecemos. E que apetece rever.

Jacques Sacher
Serviço exclusivo
«Le Monde»

Tradução de J. S.



Claire Bloom e Martin Landau (nomeado para o «oscar» de actor secundário) em «Crimes e Escapadelas»

M.J.M.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Nada de novo ao Pavilhão de Cascais

Lloyd Cole: um tédio

Lloyd Cole, sem Commo-tions, ofereceu ao público do Pavilhão de Cascais um concerto morno. Nada se passou que já não tivesse acontecido na última apresentação do artista no nosso país. A maior parte dos grupos *pop* tem o mesmo trajecto: dois anos de existência, ou pouco mais. No caso de Lloyd Cole, se não se pode dizer que o projecto está acabado, poder-se-á, sim, afirmar que a receita está gasta. Isto não foi uma surpresa, visto o álbum do músico, sem os seus antigos acompanhantes, sofrer do mesmo mal. Apesar disso, o público que praticamente enchia o pavilhão, vibrou, abanou a cabeça, bateu muitas palmas e gastou imenso gás dos isqueiros. Mas quem apreciou o concerto de forma menos emotiva e mais analítica chegou à conclusão que este não trouxe nada de novo, podendo considerá-lo mesmo entediante.

O que irrita, e não é de agora, no trabalho de Lloyd Cole é a sensação de que tudo já foi ouvido algures no tempo, e para escutar o seu género de música então é preferível apreciá-lo na sua forma original — na voz e nas guitarras dos anos 60 —, por que esses fizeram-no melhor. E não se pense que o artista nega as suas influências. Antes da entrada de Cole no palco de Cascais, já com as luzes da sala apagadas, ouviu-se o velhíssimo "Je t'aime, moi non plus...", da parceria Gainsbourg/Birkin, como se de repente, nós trintões, voltássemos às festas dos tempos de liceu. Este preâmbulo foi reforçado pelo tema escolhido para abertura de concerto: "Why don't we do it in the road", dos Beatles, interpretado por Lennon, no álbum branco do grupo. Estava criado o clima para quase duas horas de revivalismo, na sua pior degenerescência — o saudosismo. Mas se há quem possa gostar de nos anos 90 ouvir cópias da boa música dos 60, e houve, inclusive, no público quem desse alguns passos de *twist* (sempre é mais fácil que o *rock'n'roll*), os outros aproveitaram para constatar que os sobreviventes dessa época ainda têm muito para ensinar a estes novos



Lloyd Cole, em Cascais, sem Commo-tions nem comoção

seguidores nas suas tentativas em manter viva uma época que não lhes pertenceu, enquanto criadores. Hoje, com todas as quedas na comercialidade, ou não, os já quartões Bob Dylan, Iggy Pop, Lou Reed, Bowie, Stones, etc., conseguem transmitir uma energia desconhecida e inexistente nestas novas *vedetas*. Mil vezes os pais da época, porque os filhotes são chatíssimos no seu universo cinzento, longe do psicadélico originário.

Sem músicos britânicos, acompanhado por americanos de categoria, tendo-se destacado a guitarra roqueira trazendo algum brilho ao concerto, Lloyd Cole apresentou os seus antigos sucessos e alguns temas do seu trabalho a solo, que mais não são que uma repetição dos anteriores.

baixos, nem tão pouco contrastes, a reforçar a ideia de que hoje Lloyd Cole é uma imitação de si próprio. Sendo em palco profundamente entediante.

Mais uma da Tournée

A empresa promotora do concerto, a Tournée, ultimamente tem tido algumas atitudes que se podem considerar infelizes, nomeadamente os incidentes com a selecção dos órgãos de Comunicação Social para a cobertura do concerto de Tracy Chapman. Pois agora não só foi infeliz, como provou mau gosto em extremo, ao tentar fazer humor com assuntos tão sérios, escaldantes e deploráveis como o racismo e o xenofobismo. No verso do bilhete de acesso ao concerto de Lloyd Cole podia ler-se:

«Envie uma quadra, uma anedota ou uma boca racista sobre brasileiros para: (a respectiva direcção) ... As melhores serão publicadas num próximo bilhete e os seus autores generosamente recompensados com duas entradas à borliex.» (sic)

Se todos, de uma forma ou doutra, estamos a ficar cansados com a vinda em massa para Portugal de produtos e gente do Brasil, isso não é motivo para que se encetem campanhas de perseguição, e muito menos que se fomente uma "caça às bruxas" tão pouco dignificante para um País que se diz civilizado. Mais ainda, quando nós, portugueses, somos marginalizados e vítimas de segregação em muitos dos países onde residem grandes colónias de compatriotas nossos.

Um concerto sem altos nem

Maria José Belo Marques

olhar de morno

Arte popular

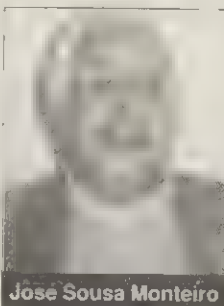
Não se entende bem como é que, tratando-se de arte popular, a nossa TV não consegue nos seus quadros meia dúzia de repórteres e dois ou três especialistas para fazer programas nacionais. A situação é paradoxal: por um lado, a gente gosta sempre, no capítulo da arte, das produções anglosaxónicas, e é um bem que a RTP nos faz quando as compra e as transmite; mas por outro, ficamos, nós portugueses, um pouco degradados no exílio terceiro-mundista por verificarmos que a nossa capacidade criadora não consegue penetrar nas várias repúblicas das artes.

O Andy Warhol, de ontem, foi exemplo característico: um dos grandes corifeus da «arte popular», dita *pop-art*, para se apresentar ao público português, tem de ser exposto por produções estrangeiras. Isto é, para questões herméticas e elitistas, vá que não vá, ainda defendemos o recurso à estranja. Mas para arte popular, porquê?

A questão torna-se mais bicuda quando nos damos conta que a *pop-art*, isto é, arte popular, é simultaneamente causa e efeito da «religião» democrática: cultura para todos, emancipação de tutelas pedagógicas. Nos anos 60, quando se reclamava «a fantasia ao poder», estava-se a proclamar o dogma da salvação através da poesia que transformava tudo. Nessa altura, afirmava-se alto e bom som, que a arte é para ser gozada, praticada, vivida, e não deverá ser uma chatice geradora de complexos.

Para Andy Warhol, a arte é uma agência de relações públicas de tudo o que existe, e «tudo» significa, tanto detergentes, como publicidade ou produtos cosméticos. Tudo se vende, dizia ele, e praticava-o, também: foi criador de arte popular e milionário.

Desde que, ainda nos anos 60, se propagou a ideia de que a cultura é um direito cívico, pode-se tentar distinguir entre uma arte popular não cultural e uma arte popular culta. Não vamos chamar o Warhol para a companhia dos galos de Barcelos, da arquitectura, sobretudo nortenha, dos emigrantes que vieram da França ou para os zés povinhos das Caldas, feitos à sombra do Bordalo Pinheiro. A diferença está nisto: de um lado temos arte mais cultura, do outro, uma arte sem cultura, ou mesmo anticultura, só repetitiva, só imitadora. Ora o exemplo de Warhol poderia servir para explicar aos senhores que fazem programas televisivos o que é a arte popular, afinal a *pop-art*. Mas para tal necessário se tornaria que o programa fosse feito em português e por portugueses. Mas ontem à noite não foi isso que aconteceu: tivemos, mais uma vez, um programa elitista com a contradição suprema de ser sobre arte popular, uma arte que, afinal, o povo não entende: mais uma facadazita, desta vez por omissão, na democratização da cultura.



José Sousa Monteiro

Morreu a atriz Alice Sapritch

A atriz francesa de origem arménia Alice Sapritch faleceu sábado, em Paris, vitimada por um ataque cardíaco após várias semanas de graves problemas respiratórios — disseram os bombeiros.

Sapritch, de 73 anos, nasceu em Istambul a 29 de Julho de 1916 e transferiu-se para Paris nos primeiros anos da década de 30 para estudar teatro no Conservatório Nacional.

Iniciou a sua carreira no palco interpretando obras como «Hamlet», «O Diálogo das Carmelitas» e «L'Aiglon», mas ficou a dever a sua popularidade ao cinema e à televisão.

Sapritch tinha-se casado em 1950 com o jornalista e dramaturgo Guillaume Hanoteau, de quem se divorciou 22 anos depois.



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

AVISO À POPULAÇÃO DO CONCELHO DE OEIRAS

Por motivo de obras a desenvolver numa condução da EPAL, que faz o abastecimento de água no Concelho de Oeiras comunica-se a todos os consumidores deste Concelho que durante o dia 27 do mês de Março se procederá à interrupção do fornecimento de água em quase todo o Concelho.

Os Serviços Municipalizados de Oeiras pedem antecipadamente desculpas dos incómodos causados e irão assegurar todos os meios para minorar as consequências daquela interrupção.

O presidente do Conselho de Administração

Isaltino Afonso Morais

Nacional de j
Porto

Dessa infinita e insacalável caixa de Pandora que é o futebol, saltou este fim de semana mais um cachalote de emoções que, através de momentos em que o golos vocou euforia popular, quando a sua nula conquista remeteu para o zero a pontuação total de dois em duas, escreveu o 25.º capítulo do extenso e arrasante peonato português, designado de nacional mas mais propriamente merecedor do título alargado, já que são tantos intérpretes vindos do estrangeiro que bem se pode adiantar que nenhum certo do género será (certamente) tão cosmopolita.

Bem: o certo é que, atarmos andando dentro de lei sem espartilho, cada um fazendo valer o peso da sua tesouraria para melhorar os intérpretes do seu gosto. E, todavia, ciclicamente acontece menos de há oito anos a parte) a coroa e os louros nas saltitadas para o borbão dos cavaleiros da avenida quem não é portista ou símbolo da água continuação ver navios no Alto de S. Catarina.

Ontem, em duros testes, bem poderíamos travar essa novada marcha a duas voltas tanto os «dragões» como os alunos de Eriksson ultrapassaram barreiras de certa modicidade. Embates que, infelicidade dos bem avisados puristas que vão a cercadura verde, forçaram um quadrunvirato de exatidão, três dos cidadãos borbóreiros: no Minho, tocou o plantar ordem de marcha o duque ao portista Branco ao bracarense Santos, que resolveram transformar a pausa no futebol em duelo de forças pugilísticas. Na Liga, a ida mais cedo para o balneário foi corolário de palavras (tamente) pouco agradáveis para os ouvidos do juiz João Coroador: no cume de uma temporada em que nada tem sido favorável, só faltava que Paulinho Cascavel, di-

Quarta-feira

Mesmo com o surpreendente, Benfica e Porto («sa» Marítimo, V. Setúbal e T. Taça de Portugal continua uma competição disputada e na próxima quarta-feira, frontos relativos aos quartinhos: Farense-Valongo, Setúbal-Belenenses e Estr.

O encontro da Amadora para as 15 horas e os dirigidos o baneplicito obrigatório do bol de Lisboa e da Federação dirigiram convite a todos do concelho para que alun-tinamente ao encontro.

Os restantes jogos tem do: V. Guimarães-Maia Setúbal-Belenenses.

DESPORTO

Nacional de futebol da I Divisão

Porto e Benfica: só nós dois

Dessa infinita e insaciável caixa de Pandora que é o futebol, saltou este fim-de-semana mais um cacharote de emoções que, através de 20 momentos em que o golo provocou euforia popular ou quando a sua nula conquista remeteu para o zero a profundeza total de dois emblemas, escreveu o 25.º capítulo do extenso e arrasante campeonato português, designado de nacional mas mais propriamente merecedor do termo alargado, já que são tantos os intérpretes vindos de outras paragens que bem se poderá adiantar que nenhum certame do género será (certamente) tão cosmopolita.

Bem: o certo é que, até vamos andando dentro de uma lei sem espantilho, cada símbolo fazendo valer o peso da sua tesouraria para melhor recrutar os intérpretes mais a seu gosto. E, todavia, como ciclicamente acontece (pelo menos de há oito anos a esta parte) a coroa e os louros apenas saltitam para o bortal de dois cavaleiros da aventura: quem não é portista ou do símbolo da águia continua a ver navios no Alto de Santa Catarina.

Ontem, em duros testes que bem poderiam travar essa renovada marcha a duas vozes, tanto os «dragões» como os alunos de Eriksson ultrapassaram barreiras de certa incomodidade. Embates que, para infelicidade dos bem aventurados puristas que vão até à cercadura verde, forçaram a um quadrunvirato de expulsões, três dos cidadãos brasileiros: no Minho, tocou arrepiante ordem de marcha para o duche ao portista Branco e ao bracarense Santos, que resolveram transformar uma pausa no futebol em duelo de forças pugilísticas. Na Luz, a ida mais cedo para o balneário foi corolário de palavras (certamente) pouco agradáveis para os ouvidos do juiz Jorge Coroador: no cume de uma temporada em que nada lhe tem sido favorável, só faltava que Paulinho Cascavel, divor-



Porto em Braga: um passo de campeão

ciado do golo que foi sua paixão, visse o rectângulo rubro que é sinal de avanço para pesado castigo. Por último, em Santa Maria da Feira, o paraguaio Amâncio veio também para a rua antes do que pensava.

A rodada possibilitou três triunfos fora dos muros de casa própria: um triplo feito que terá de assinalar-se de chapéu na mão, já que os opositores vencidos reuniam a quase totalidade do favoritismo das plateias. Subrepticamente, o Vitória de Setúbal foi à Reboleira e, tirando da manga jogo escondido, condimentou-o com a sorte e obrigou os chefiados por João Alves a ficarem com amargos de boca, definitivamente arredados do es-

condido sonho europeu.

Por seu lado, quem diria que os beiramarenses saíam da casca no palco do Bessa e, de uma assentada, trepava na tabela até à zona que já rasga para o completo alívio? Manuel Barbosa (o eterno adjunto, de vez em quando tapa buracos) apressou o adeus às hostes do «major galopante». E, por Aveiro, o bloco afecto ao coração do excelente juiz Macário e do hospitaleiro clã Nunes ficará agora esperando o pulo final para o cadeirão à custa da próxima visita madeirense?

Todavia, o 3.º sucesso em viagem deve ter sido o mais importante na esgrima pelo lugar aurífero: um Porto altamente determinado poisou no 1.º de Maio bracarense e, depois de ter corroído a força e entusiasmo dos recepcionistas, mandou avançar o divino calcanhar de Madjer para o golo abre-te, Sésamo. Veio logo o tentão de Jaime Magalhães: a réplica de Moroni já não nem deu para se reacar qualquer volta no painel do desfecho. Para as Antas tornava (inteirinho, sem um toque de desvirtuamento) o exército com que dois Jorges (Artur e Pinto da Costa) se preparam para surripiar ao ninho das águias a papinha mais apetitosa.

O que mais se ordena

Triunfos no seio do seu país sucederam em Santo como em Santa Maria. E, se os alunos de não se podem considerar



Lima chuta o segundo golo encarnado

para além da barreira de arame farpado, aos meninos de Henrique Nunes foi para muito alento a superação aos alunos herdados por José Augusto de Carlos Alinho. Nestes dois tablados, jogou-se futebol antecipadamente entendido como bem incluído no torneio das agruras e dores: o Tirsense (como quem não queira coisa) vai atingindo a carruagem da comodidade mas, para os parceiros do 1.º de Abril, tal como aparece frente aos nacionalistas madeirenses ou aos portugueses feirenses, a coisa está negra. A vantagem de abrir portas a qualquer visitante passa a ser (mais que nunca) determinante para o futuro.

Dividindo equitativamente o pecúlio que oscilava no fiel

da balança, é lógico que se apontem como mais ganhadores os esquadrões que arrancaram de seus castelos em busca de qualquer colheita. Por isso os empates logrados pelo Vitória de Guimarães ante um União da Madeira tem-te-não-caias, com a assinatura do Portimonense no incandescente «caldeirão» que ferve pelo seu Marítimo e rubricado por benenenses no rectângulo flaviense, podem considerar-se como de dois males o menor, pois nem a ânsia de pontuação dos unionistas, nem a aparente supremacia que se insufla nas veias maritimistas quando há desfile nos Barreiros, tampouco o esguio fulgor utebol que tanto em Chaves como no Restelo surge ao fundo de alongado túnel, foram

capazes de produzir obra completa: o sexteto permaneceu no conformismo do empate, conquista que (adiante-se) já vai sendo maná celestial para quem anda de credo na boca ou, subtilmente, quer subir pela escada sem grandes alaridos ou sem os exteriores de opulência.

Na Luz, concluiu-se o leque de espectáculos, com o já trivial. Benfica a todo o pano, carregando no acelerador durante o jogo, fazendo outros tantos esvoçando para o céu imenso. Depois, um simulacro de réplica leonina, mas aos revólveres, em ordenação, todo o «team» desajustado das dobradiças. Bastou a águia ter atenção e dosear o esforço para logo ficar (uma vez mais) encontrado o sinal de derrota de um velho nacional que corre sério risco de ficar no aeroporto a despedir-se dos companheiros que se preparam para dar serviço ao passaporte utebol. Enquanto o Benfica mostra, bem à sociedade, que possui estrutura sólida e traves mestras nos pontos-base, os «deões» (para sua desgraça não podendo apresentar duas das poucas «estrelas» da companhia: Lui-

édio

baixos, nem tão pouco contrastes, a reforçar a ideia de que hoje Lloyd Cole é uma imitação de si próprio. Sendo em palco profundamente entediante.

Mais uma da Tournée

A empresa promotora do concerto, a Tournée, ultimamente tem tido algumas atitudes que se podem considerar infelizes, nomeadamente os incidentes com a selecção dos órgãos de Comunicação Social para a cobertura do concerto de Tracy Chapman. Pois agora não só foi infeliz, como provou mau gosto em extremo, ao tentar fazer humor com assuntos tão sérios, escaldantes e deploráveis como o racismo e o xenofobismo. No verso do bilhete de acesso ao concerto de Lloyd Cole podia ler-se:

«Envie uma quadra, uma anedota ou uma boca racista sobre brasileiros para: (a respectiva direcção) ... As melhores serão publicadas num próximo bilhete e os seus autores generosamente recompensados com duas entradas à borliex.» (sic)

Se todos, de uma forma ou doutra, estamos a ficar cansados com a vinda em massa para Portugal de produtos e gente do Brasil, isso não é motivo para que se encetem campanhas de perseguição, e muito menos que se fomente uma «caça às bruxas» tão pouco dignificante para um País que se diz civilizado. Mais ainda, quando nós, portugueses, somos marginalizados e vítimas de segregação em muitos dos países onde residem grandes colónias de compatriotas nossos.

Maria José Belo Marques

MUNICIPALIZADOS DE Oeiras

POPULAÇÃO DO DE Oeiras

a desenvolver numa condução abastecimento de água no município a todos os consumidores que durante o dia 27 do mês de Março haverá à interrupção de fornecimento quase todo o Concelho. Os serviços municipais de Oeiras pedem desculpas dos incómodos causados por todos os meios para minimizar aquela interrupção.

Conselho de Administração

António Morais

Quarta-feira há taça

Mesmo com o surpreendente afastamento do Sporting, Benfica e Porto («sacudidos» por obra e graça do Marítimo, V. Setúbal e Tirsense, respectivamente), a Taça de Portugal continua a manter todo o sortilégio de uma competição disputada pelo sistema de eliminatórias e na próxima quarta-feira serão realizados os confrontos relativos aos quartos-de-final, e que são os seguintes: Farense-Valonguense, V. Guimarães-Maia, V. Setúbal-Belenenses e Estrela da Amadora-Tirsense.

O encontro da Amadora terá o seu começo marcado para as 15 horas e os dirigentes de ambos os clubes com o baneplácito obrigatório quer da Associação de Futebol de Lisboa e da Federação Portuguesa de Futebol, dirigiram convite a todos os elementos de ensino do concelho para que alunos e professores assistam gratuitamente ao encontro.

Os restantes jogos têm o seguinte horário estabelecido: V. Guimarães-Maia Farense-Valonguense e V. Setúbal-Belenenses

DESPORTO

Benfica, 2-Sporting, 1

Quo Vadis, leãozinho?

Não se apresentaram em pleno os dois esquadões. O sueco Thern foi mandado sossegar pelo compatriota Eriksson, porque a lesão que o afastou dos trabalhos activos ainda não está completamente ultrapassada e o lourinho foi chamado a três tarefas com acentuado grau de dificuldade (dois jogos com o Dniepr e o atendimento ao Porto) apenas repousando na viagem ao Sado, para a noite do compromisso com Portimonense. E, por banda dos sportinguistas, também «tocados», ficaram na bancada o *libero* Luisinho e o *trinco* Douglas. Ora foi logo neste *handicap* que o leão foi às malvas, porque os arranjos imaginados para disfarçarem as brechas foram um tremendo percalço, já que nem Valtinho nem Ali Hassan conseguiram, um momento sequer, dar tranquilidade à restante companhia ou esboçar um toque de mínima classe sob um sol que se preparava para abrir os braços a qualquer artista de mediana craveira.

No período de abertura da melancia, foi um ver-se-tavias: o Benfica vinha por ali fora como (salvo o devido respeito) veloz «boby» entre vinha vindimada. Sucediã-se os lances para golo e o inacreditável parecia acontecer: falhanços em torrente. Mas, a água tanto bateu até que, em dez simples minutos, galgou duas vezes o tímido dique. Ali Hassan cometeu um escusadíssimo «canto», a bola foi calibrada para a cabeça de Hernâni, impulsão para a base do poste, recarga calma e sem fronteiras por Vítor Paneira, ante o geral estatismo de um arremedo de cortina defensiva que ficou com grude no peito do as botas à re... Mas acentuar da lesão...



Paneira já fez o remate que abriu o marcador na Luz

queixava Ricardo logo no período de aquecimento e, como se impunha, troca apressada por Samuel. E houve quem imaginasse: talvez as coisas fossem mais fáceis para o Sporting, com a saída de um dos melhores patrões de camisola vermelha. Qual quê! Entre os *verde-brancos* a confusão ainda era pior, com Valtinho perfeitamente aos malmequeres e Ali Hassan não acertando uma só vez com as pálidas tentativas de Venâncio em colocar ordem no sector.

Ora, como apenas Paulo Torres se empertigava e soltava o grito da resistência, falindo em absoluto o flanco direito, que deveria estar supervisionado por João Luís (a léguas-luz do que em bons tempos já mostrou), adivinhava-se que a carga rubra enfiaria nova lança no co-

ração *verde*: e assim aconteceu quando, escapulindo-se como enguia entre dois *centrais* que olhavam os passarinhos, Lima atirou para onde lhe apeteceu, ante os insólitos protestos de Venâncio, que lhe valeram rectângulo *icterícia* e toda a incompreensão da multidão.

Benfica domina a capricho

Com uma bela vantagem, brincando com a bola ante a sua gente, sentindo nas pernas e nos pulmões o peso do cansaço das últimas jornadas deste Março cheio de defesas de tese, o Benfica puxou as rédeas e (com a lógica de quem sabe administrar o seu esforço) esperou que fosse o parceiro a arrancar para a floresta. Só que o Sporting, completamente entregue ao deus dará, sem cabeça ordenativa a meio do terreno, com uma reta-

guarda que se desmoronava ao menor toque de um pintalhão, com aquela espécie de dianteira onde apenas Cadete tentava chegar a alferes, nenhum perigo saltou da concha de Raul Águas para atormentar Eriksson. E, se no tempo de abertura um bom rosário de possíveis golos tinham escurado para o armazém das hipóteses (a sofreguidão de Lima e o não aproveitamento de ter Magnusson em melhor posição para a violação impediram um tento rubro, Paneira obrigou Ivkovic a difícil corte para a cabeceira, um lance em que a mão de Ricardo e a bola foram gémeas e alguns sportinguistas consideraram motivo para o castigo do maior rigor, um belo chute de Hernâni que o guarda de Zagreb susteve com mãos de ferro), se isso ficou na retina quando se marchava para a reconfortante pausa, não restavam dúvidas: uma única formação tinha estado dominando o festim.

Sacudidela verde

Abrandonou o Benfica, deixando contas à vida futura. Mas o outro floretista não tinha gente para dar a volta ao

texto: na generalizada confusão dos três primeiros quartos de hora salvavam-se o excelente Ivkovic e aquele carregador de orquestra que é Oceano, espécie de polvo fervilhante que corria a todos os cantos do edifício tentando tapar, procurando evitar, desejando colmatar as brechas que (sucessivamente) se abriam em pouco sólidas paredes. Nada: a companhia tinha saído para a esplanada, somente Silas e Cadete, Paulo Torres e Carlos Xavier lá iam igualmente de remos na mão mas contra uma maré que, embora

menos forte, estava de olho nos homens que queriam subir o rio.

Silas aparece caído na zona de inflexibilidade: os protestos pelo olhar frio do árbitro valeram cartão *icterícia* a Marlon Brandão que, de há muito, devia saber que não adianta protestar o que quer que seja, porque nunca nenhum juiz emendou a 180 graus um julgamento público.

O certo é que, espicaçado nos seus bríos, Cadete veio por ali fora: fica isolado e deslumbrado. Como se sabe, a bola foi aninhar-se na bancada e os colegas, que esperavam lateralmente um endosso, ainda mais desesperaram. Entra Cascavel, sai o semilourito Amaral, que não tinha dado uma para a caixa. Magnusson continua o desbaste e obriga Ivkovic a bela estirada, para logo Silvino responder na mesma moeda, no único chute de Cascavel para a moldura dos sustos. E tudo voltaria à paz podre se não tivessem chocado Venâncio e Aldair, com o *camisa* quatro dos *verdes* a ficar arrumado para o resto da tarde, mesmo atirado para a frente, para uma posição próxima de Silvino, às vezes podia ser que a bola ressaltasse para ele.

Qual quê! Magnusson perde outro golinho, o Sporting já navega ao sabor dos ventos, sem pinga de rumo no castelo de pôpa, tudo está muito trapalhão quando (finalmente e para descarga da honra ferida) João Luís toca para Silas um livre in-

Expulsão de Paulinho Cascavel

O lisboeta Jorge Coroado (com alguns erros mas, aparentemente, sem influência no desfecho do exame) esteve acompanhado por João Gil (bancada) e António Sousa (terceiro anel). As formações:

Benfica: Silvino; José Carlos, Aldair, Ricardo (Samuel aos 24 minutos), e Veloso; Hernâni; Vítor Paneira (Pacheco no 2.º tempo), Valdo e Diamantino; Lima e Mats Magnusson.

Sporting: Ivkovic; João Luís, Ali Hassan, Venâncio e Paulo Torres; Oceano, Valtinho (Marlon Brandão aos 35 minutos), Silas e Carlos Xavier; Amaral (Paulinho Cascavel, aos 60) e Cadete.

Golos: Paneira (22), Lima (32) e Silas (85). Cartão amarelo para Aldair, Venâncio, Marlon Brandão e Silas. Rectângulo vermelho para Paulinho Cascavel.



Personalidades na Luz: Jacques Delors e Jorge Sampaio com os presidentes da Luz e de Alvalade

Francisco Paraiso

directo e o homem do *escrito* canarinho faz a esfera passar pela esquerda de Silvino ao véu de noivado. Era o 2-0 que só não ganhou outra amplitude porque duas aplaudidas intervenções de Ivkovic evitaram o desmoronar da obra.

Reciclagem impõe-se em Alvalade

O Benfica perdeu um leque de golos quase garantidos: não espantaria uma colheita parca, tantas as facilidades concedidas por um Sporting que, animicamente, entrou no estádio da *água* tal como garantiam os seus responsáveis «para assinar um compromisso». Quando a total falta de ambição acorrenta os homens que podem eles esperar da vida?

A mais evidente prova do desnorre leonino fica espelhada nas palavras que Paulinho Cascavel, com os nervos em ebulição, terá endereçado a Jorge Coroado, sabendo-se (de ciência exacta) que o brasileiro do Paraná é modelado em disciplina. O Sporting (diagam o que quiserem) vive so-

Francisco Paraiso



CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

PRETENDE:

DESENHADORES

Oferecem-se vencimentos correspondentes à tabela da função pública — Administração local, regalias do funcionalismo público.

Os interessados devem enviar candidatura à Secção de Pessoal da Câmara Municipal de Odemira, até ao dia 20 de Abril, próximo futuro, contendo:

Nome, idade, estado civil, residência, n.º do Bilhete de Identidade número de contribuinte local, data e classificação do curso e currículo profissional.

Paços do Concelho de Odemira, 19 de Março de 1990.

O Presidente da Câmara,

Justino Abreu dos Santos

DESPORTO



Lima: a alegria do golo

directo e o homem do escrete canarinho faz a esfera passar pela esquerda de Silvino até ao véu de noivado. Era o 2-1 que só não ganhou outra amplitude porque duas aplaudidas intervenções de Ivkovic evitaram o desmoronar da obra.

Reciclagem impõe-se em Alvalade

O Benfica perdeu um leque de golos quase garantidos: não espantaria uma colheita para cismar, tantas as facilidades concedidas por um Sporting que, animicamente, entrou no estádio da águia tal como garantiam os seus responsáveis: «para assinar um compromisso». Quando a total falta de ambição acorrenta os homens, que podem eles esperar da vida?

A mais evidente prova de desnorte leonino fica espelhada nas palavras que Paulinho Cascavel, com os nervos em ebulição, terá endereçado a Jorge Coroado, sabendo-se (de ciência exacta) que o brasileiro do Paraná é modelar em disciplina. O Sporting (digam o que quiserem) vive so-

bre brasas, no fio de uma navalha que vem demorando oito anos a afastar dos pés. Tal como vem acontecendo com um dilatado punhado de treinadores e quase não menor aglomerado de dirigentes, presidentes e afins, continua à procura de equipa, de estrutura clubista, de um triunfo que valha qualquer coisinha na bolsa de valores. «Taça» ardeu, campeonato foi chão que deu uvas, regresso à Europa está cada vez mais ficando miragem. As dívidas do clube saltam debaixo das passadeiras, a instabilidade é tão grande e os problemas de tal monta que, para cúmulo, até o Estádio de Alvalade é recusado para jogos de um campeonato mundial de juniores. Como vão aparecer as receitas que auxiliem a calar as bocas que mais vão anunciando aos quatro ventos os montantes de que são credores? Que patrimonismo (por exemplo: futebolístico) é possível enjeitar para conseguir fundos?

Este é o debate a que têm de ser chamados os sportinguistas com melhor sentido de reflexão ou bolsa mais capaz de

se associar a Sousa Cintra. O tempo acelera. E, enquanto isso, mesmo com acidentes de percurso mas socorrendo-se do ouro que mora nos seus quadros directivos, o Benfica vai disfarçando algumas mazelas como Deus saberá. Simplesmente, depois de vender Mozer fez operações vantajosas reforçando o seu erário e, hoje, pode permitir-se ao deslante de soltar mais mais uma ou duas «estrelas» que o arranha-céus não se desmorona. Até porque, bem à vista, o seu banco de investimentos vai ficando aplanado pelas receitas que consegue à custa de uma equipa que sabe o que quer e para onde caminha.

Ontem refulgiram Hernâni e Pacheco, estiveram bem Veloso e Lima, Magnusson e Silvino, Diamantino e Samuel. Mas nenhum dos companheiros destoou: e qualquer deles (infinitamente) ficou morando metros e metros no alto da escada que calibrou (por baixo) um punhado de leões que, sem garras, também parece andarem a passo de ganso.

Neves de Sousa

À atenção do Benfica Marselha: derrota e desilusão

Depois da sensacional «epopeia» benfiquista em terras da Ucrânia, todas as atenções do clube da Luz estão viradas ao que se vai passando em Marselha, já que no sorteio da passada sexta-feira, em Genebra, a sorte ditou-lhes como próximo opositor o forte clube daquela cidade mediterrânica. No passado sábado, lá esteve o «espião» Jorge Castelo que terá registado todos os lances do encontro com o Metz que o Marselha perdeu por 1-2. Um encontro que foi caracterizado por uma característica exibição de Mozer e dos seus parceiros, com o guarda-redes Castaneda (chamado ao serviço por grave lesão do titular Huard) Amoros a cumprir sem acerto, Sauzée e Tigana completamente «perdidos», Papin bem amarrado, This sem render o habitual, Mozer sem centelha do que mostrava quando ao serviço do Benfica e os demais (talvez por força do desgaste sofrido na quarta-feira) abaixo das suas possibilidades. É bom que o ritmo se mantenha.

Resultados da jornada: Bordéus-Paris-Saint Germain, 3-0; Brest-Marselha, 2-1; Mónaco-Auxerre, 2-4; Sochaux-Nice, 1-1; Caen-Lyon, 1-1; St. Etienne-Nantes, 0-0; Lille-Toulouse, 3-0; Toulon-Metz, 1-1; Cannes-Mulhouse, 4-1 e Racing Paris-Montpellier, 0-0.

Classificação: 1.º, Bordéus, 44 pontos; 2.º, Marselha, 41 (menos um jogo); 3.º, Mónaco, 35; 4.º, Sochaux, 34; 5.º, Lyon, 33; 6.º, Nantes, 31; 7.º, Paris-Saint Germain, 31; 8.º, Auxerre, 29; 9.º, Toulouse, 29; 10.º, Brest, 29; 11.º, Caen, 29; 12.º, Metz, 28; 13.º, St. Etienne, 28; 14.º, Lille, 27; 15.º, Cannes, 27; 16.º, Toulon, 26; 17.º, Montpellier, 25; 18.º, Racing Paris, 25; 19.º, Nice, 24; 20.º, Mulhouse, 23.

Itália

Resultados: Bolonha-Sampdoria, 1-0; Cremonese-Ascoli, 2-1; Fiorentina-Cesena, 0-0; Génova-Lazio, 2-2; Inter-Atalanta, 7-2; Lecce-Ac Milão, 1-2; Nápoles-Juventus, 3-1; Roma-Verona, 5-2; Udinese-Bari, 2-2.

Classificação: 1.º, Ac. Milão, 44 pontos; 2.º, Nápoles, 43; 3.º, Inter, 40; 4.º, Sampdoria, 38; 5.º, Juventus, 38; 6.º, Roma, 36; 7.º, Atalanta, 32; 8.º, Bolonha, 32; 9.º, Bari, 28; 10.º, Lazio, 27; 11.º, Génova, 25; 12.º, Lecce, 24; 13.º, Fiorentina, 23; 14.º, Cremonese, 23; 15.º, Cesena, 23; 16.º, Udinese, 23; 17.º, Verona, 22; 18.º, Ascoli, 19.

BEA

Resultados da 26.ª jornada: Bochum-Bayern Munique, 0-0; Estugarda-Kaiserslautern, 0-1; Karlsruhe-Nuremberga, 0-0; Colónia-Borússia Dortmund, 1-1; Waldhof Mannheim-Werder Bremen, 0-0; Bayer

Uerdingen-Fortuna Dusseldorf, 0-1; Hamburgo-St. Pauli, 0-0; Eintreacht Frankfurt-Bayer Leverkusen, 0-3; Homburg-Borússia Moenchengladbach, 1-3.

Classificação: 1.º, Bayern Munique, 37 pontos, 2.º, Bayer Leverkusen, 34; 3.º, Colónia, 33; 4.º, Eintracht Frankfurt, 32; 5.º, Estugarda, 29; 6.º, Borússia Dortmund, 28; 7.º, Werder Bremen, 26; 8.º, St. Pauli, 26; 9.º, Waldhof Mannheim, 25; 10.º, Nuremberga, 24; 11.º, Karlsruhe, 24; 12.º, Bayer Uerdingen, 23; 13.º, Bochum, 23; 14.º, Borússia Moenchengladbach, 22; 15.º, Hamburgo, 22; 16.º, Fortuna Dusseldorf, 21; 17.º, Kaiserslautern, 21; 18.º, Homburg, 16.

Inglaterra

Resultados da 31.ª jornada: Coventry - Charlton, 1-2; Crystal Palace - Aston Villa, 1-0; Derby - Arsenal, 1-3; Everton - Norwich, 3-1; Luton - Millwall, 2-1; Queen's Park Rangers - Nottingham Forest, 2-0; Southampton - Manchester United, 0-2; Wimbledon - Sheffield Wednesday, 1-1.

Classificação: 1.º Aston Villa 59 pontos/31 jogos; 2.º Liverpool, 56/29; 3.º Arsenal, 50/30; 4.º Everton, 48/30; 5.º Chelsea, 47/31; 6.º Tottenham, 45/31; 7.º Nottingham Forest, 44/30; 8.º Coventry, 44/31; 9.º Southampton, 43/30; 10.º Queen's Park Rangers, 43/29; 11.º Norwich, 41/31; 12.º Wimbledon, 40/29; 13.º Sheffield Wednesday, 40/32; 14.º Derby, 39/30; 15.º Crystal Palace, 37/30; 16.º Manchester United, 35/31; 17.º Luton, 33/31; 18.º Manchester City, 31/30; 19.º Charlton, 27/31; 20.º Millwall, 25/31.

Holanda

Resultados: NEC - Feyenoord, 0-0; Ajax - Fortuna Sittard, 1-0; Den Haag - Utreque, 1-1; Sparta Roterda - Volendam, 2-0; Twent - RKC Waalwijk, 0-1; PSV - Maastricht, 1-0; Willem II - Groningen, 3-0; Den Bosch - Vitesse, 1-2; Roda - Haarlem, 5-0.

Classificação: 1.º PSV, 38 pontos; 2.º Ajax, 36 (menos um jogo); 3.º Roda, 35.

Espanha

Resultados: Real Madrid - Tenerife, 5-2; Real Sociedad - Celta, 1-0; Rayo Vallecano - Logrones, 0-2; Barcelona - Atlético de Madrid, 0-2; Real Mallorca - Sporting Gijon, 1-1; Castellon - Valência, 0-1; Real Oviedo - Cadiz, 4-3; Osasuna - Málaga, 2-0; Real Valladolid - Sevilha, 3-0; Real Saragoza - Atlético Bilbao, 1-0.

Classificação: 1.º Real Madrid, 51 pontos; 2.º Atlético de Madrid, 42; 3.º Valência, 42; 4.º Barcelona, 40.



O Marselha tropeçou em Brest

menos forte, estava de olho nos homens que queriam subir o rio.

Silas aparece caído na zona de inflexibilidade: os protestos pelo olhar frio do árbitro valeram cartão *ictericia* a Marlon Brandão que, de há muito, devia saber que não adianta protestar o que quer que seja, porque nunca nenhum juiz emendou a 180 graus um julgamento público.

O certo é que, espicado nos seus bríos, Cadete veio por ali fora: fica isolado e deslumbrado. Como se sabe, a bola foi aninhar-se na bancada e os colegas, que esperavam lateralmente um endosso, ainda mais desesperaram. Entra Cascavel, sai o semilourito Amaral, que não tinha dado uma para a caixa. Magnusson continua o desbaste e obriga Ivkovic a bela estirada, para logo Silvino responder na mesma moeda, no único chute de Cascavel para a moldura dos sustos. E tudo voltaria à paz podre se não tivessem chocado Venâncio e Aldair, com o *camisa* quatro dos verdes a ficar arrumado para o resto da tarde, mesmo atirado para a frente, para uma posição próxima de Silvino, às vezes podia ser que a bola ressaltasse para ele.

Qual quê! Magnusson perde outro golinho, o Sporting já navega ao sabor dos ventos, sem pinga de rumo no castelo de pôpa, tudo está muito trapalhão quando (finalmente e para descarga da honra ferida) João Luís toca para Silas um livre in-

Paulinho Cascavel

(com alguns erros mas, aparentemente cheio do exame) esteve acompanhado António Sousa (terceiro anel). As for-

Carlos, Aldair, Ricardo (Samuel aos 24 mi; Vítor Paneira (Pacheco no 2.º tem- Lima e Mats Magnusson

Luís, Ali Hassan, Venâncio e Paulo Marlon Brandão aos 35 minutos). Si- (Paulinho Cascavel, aos 60) e Cadete. a (32) e Silas (85). Cartão amarelo para Brandão e Silas. Rectângulo vermelho



mpaio com os presidentes da

DESPORTO

Campeonatos Nacionais de Futebol

I Divisão: Boavista em queda

Nomes e números

Boavista - Marques (Évora).
Porto - Chico Silva, Vítor
 I... (Rui Manuel, 60m), Quim II, Santos,
 Es... (Rui Maside e Vermelhinho).
Feirense - Vítor Baía; João Pinto, De-
 mo... (Geraldão e Branco); Bandeirinha,
 Jai... (Magalhães, Jorge Couto (Madjer,
 46m), Paulo Pereira, 86m), Rui Águas,
 Se...
Benfica - Madjer (65m), Magalhães
 (75m), Moroni (87m).
Disciplinar: amarelo para Es-
 k... Moroni e João Mário e verme-
 lho... Branco e Santos.

Chaves-Belenenses

Chaves - Adão Mendes (Braga).
Belenenses - ... (Vicente (Jorge Sil-
 vério, 52m), Figueira, Jorginho e Ro-
 gério, Gilberto, Miranda (David, 78),
 Diamantino e Slavkov; Rudez e Tanev.

BELENENSES: Mihaylov; Paulo
 Monteiro, José António, Edmundo,
 Gregório e José Mário; Juanico, Jaime e
 Gonçalves, Chiquinho (Sladkov, 69m) e
 Saavedra. Paulo Sérgio, 73m).

Golos: de Jorginho (na p.b. aos 4m e
 Figueira).

Disciplinar: amarelos para Rudez,
 Rui Gregório e José António.

Tirsense-Nacional

Árbitro: Francisco Silva (Faro).
TIRSENSE: Lúcio; Bio, Vlamecir,
 Louro e Sérgio; Quim, José Maria e
 Eusébio; Tueba, Kipulu (César, 45m) e
 Dreifus (Rodolfo Coutinho, 82m).

NACIONAL: Gilmar; Heitor, Pauli-
 to, Heitz (Marphy, 77) e Toninho; La-
 deira, Dinis, Sylvanus e Paulo Sérgio;
 Admilsson e Dino (Robertinho, 56m).

Golo: de Louro, aos 73 minutos.

Disciplina: nada a registar.

E. Amadora-V. Setúbal

Árbitro: Uniga Trigo (Beja).
ESTRELA: Melo; Rui Neves,
 Barny, Francisco Oliveira e Rebelo;
 Jaime (Baroti, 57m), Elias, Paulo Bento
 e Nelson Borges (Pedro Xavier, 57m);
 Paulo Jorge e Ricky.

SETUBAL: Jorge Martins; Figuei-
 redo, Jorge Ferreira, Dito e Quim;
 Serra, Quimito (Aparício, 45m), Lu-
 femba e Jaime Pacheco; Makukula e
 Mladenov (Hélio, 64m).

Golo: de Serra aos 49m.

No aspecto disciplinar uma curiosi-
 dade: Veiga Trigo não mostrou qualquer
 cartão.

CONFECÇÕES
STAHLCONFECÇÕES
EM CABEDAL
ANTILOPECONFECIONAMOS
E
GRANJAMOS

QUÊS DE TOMAR.

ESQ.º

NE 77 11 58

RESULTADOS

E. AMADORA	0-1	V. SETÚBAL
MARÍTIMO	1-1	PORTIMON.
CHAVES	1-1	BELENENSES
TIRSENSE	1-0	NACIONAL
FEIRENSE	2-1	PENAFIEL
BENFICA	2-1	SPORTING
BRAGA	1-2	PORTO
U. MADEIRA	1-1	GUIMARÃES
BOAVISTA	1-2	BEIRA MAR

Próxima jornada: Vitória de Setúbal - Belenenses; Vitória de Gui-
 marães - Estrela da Amadora; Beira Mar - União da Madeira; Nacio-
 nal - Boavista; Penafiel - Tirsense; Futebol Clube do Porto - Feiren-
 se; Portimonense - Braga; Sporting - Marítimo; e Benfica - Chaves.



RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, L.D.A.
 Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
 Sete Portais - Telha
 Assistência - Peças - Sete Portais - Telha

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º F.C. PORTO	25	20	4	1	55-10	44
2.º Benfica	25	17	7	1	62-12	41
3.º V. Guimarães	25	14	8	3	36-16	36
4.º Sporting	25	13	8	4	30-17	34
5.º V. Setúbal	25	13	6	6	35-23	32
6.º Belenenses	25	11	4	10	22-27	26
7.º Chaves	25	8	10	7	27-32	26
8.º E. Amadora	25	8	7	10	28-23	23
9.º Boavista	25	8	7	10	34-25	23
10.º Tirsense	25	6	11	8	15-22	23
11.º Braga	25	7	8	10	23-28	22
12.º Beira Mar	25	8	6	11	16-28	22
13.º Marítimo	25	4	12	9	18-31	20
14.º U. Madeira	25	4	10	11	18-33	18
15.º Penafiel	25	6	5	14	19-41	17
16.º Nacional	25	2	12	11	19-37	16
17.º Feirense	25	4	6	15	17-44	14
18.º Portimon.	25	4	5	16	18-43	13

Marítimo-Portimonense

Árbitro: Pinto Correia (Lisboa).
MARÍTIMO: Everton; Rui Vieira,
 Carlos Jorge, Teixeira e Andrade
 (Tozé, 62m); José Luís, Názaro Nunes,
 Artur Semedo e Esquerdinha; Wawa e
 Paulo Ricardo (João Paulo, 75m).

PORTIMONENSE: Figueiredo;
 Major, Aurélio, Bezinsky e Matos (Chi-
 co Zé, 75m); José Pedro, Floris, Skoda
 e Luciano; Vado e Guevov (Carvalho,
 75m).

Golos: de Paulo Ricardo (52m) e
 Luciano (59m).

Disciplina: amarelos para Carlos Jor-
 ge e Luciano.

Feirense-Penafiel

Árbitro: Francisco Caroco (Portale-
 gre).

FEIRENSE: Ricardo; Licínio, Mar-
 celino, Costa e Pinto; Couto, Artur, Pe-
 dro Martins e João Luís (Ribeiro,
 85m); Rendeiro e Morgado (Quitó,
 80m).

PENAFIEL: Cerqueira; Vinha, Ma-
 tias, Vasco e Germano; China, Secretá-
 rio (Rebelo, 45m) Rui Manuel, Amân-
 cio e Dião; Coelho.

Golos: de João Luís (2m), Morgado
 (21) e China (74).

Disciplina: amarelo para Secretário,
 João Luís e Matias e vermelho para
 Amâncio.

União-V. Guimarães

Árbitro: António Marçal (Lisboa).
UNIÃO: Pimenta; Nelinho, Ramos,
 Jorge Costa e Casimiro; Monteiro, Jai-
 ro, Markovic e Ricardo Jorge; Edilson
 (Renato, 68m) e Hajry (Nino, 86m).

V. GUIMARÃES: Sérgio; Nando,
 Germano, William e Bené (Carvalho,
 62m); Roldão, João Batista, N'Dinga e
 Silvino; Soeiro e Chiquinho (Caio Jú-
 nior, 45m).

Marcadores: N'Dinga (7m) e Edil-
 son (31m).

Ação disciplinar: cartão amarelo
 para Germano e Renato.

Boavista-Beira Mar

Árbitro: Donato Ramos (Viseu).
BOAVISTA: Alfredo; Marcos Antó-
 nio, Valério, Valdir e Barreto; Garrido;
 Jaime (Holmberg aos 83m), Casaca e
 Forbs (Armando aos 67m); Isaías e Jo-
 ge Andrade.

BEIRA MAR: Quim; Redondo,
 Ivan, Dinis e Petrov; João Paulo (Alan
 aos 77m); Abdel Ghany, Sousa, Bosi-
 nosk e Mário Jorge (Freire aos 69m);
 Penteadó.

Ação disciplinar: cartões amarelos
 para Ivan aos 13m e Alfredo aos 21m.

Golos: Isaías aos 48m, Abdel Ghany
 aos 57m e Penteadó aos 76m.

Lima:
mais
um golo

Depois do rema-
 te certo que pro-
 porcionou o triun-
 fo benfiquista no
 Bonfim, frente ao
 Vitória de Setúbal
 e dos dois golos
 marcados na Ucrâ-
 nia, o brasileiro
 Lima parece deci-
 dido a mostrar as
 credenciais de go-
 leador. Ontem,
 mais um tento que
 acabou, tal como o
 de Bonfim, para
 justificar o triunfo.
 Vejamos agora co-
 mo vai a pauta dos
 mais eficientes
 «tiradores»: Mag-
 nusson (26 golos),
 Mladenov (15),
 Rui Águas (14),
 Guevov e Ricky
 (11), Demol (10),
 Monteiro (União
 da Madeira), Chi-
 quinho (Guima-
 rães) e Isaías (Boa-
 vista) tem 9 no ac-
 tivo, enquanto
 que, com oito se si-
 tuam o benfiquista
 Vata, o Flaviense
 Tanev e o boavis-
 teiro Jorge Andra-
 de.

II Divisão:
Farense tropeçou

Zona Norte

Águeda - Mirense, 1-0; Caldas - Académica, 1-0; Salgueiros -
 Guarda, 3-0; Covilhã - Académico de Viseu, 2-0; Espinho -
 União de Lamas, 2-0; Mangualde - Oliveira do Bairro, 4-2; Ma-
 rialvas - Benfica e Castelo Branco, 2-1; Lousanense - Oliveiren-
 se, 2-1; e União de Leiria - Peniche, 3-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º FAMILICÃO	23	13	7	3	41-16	33
2.º Maia	22	11	8	3	32-18	30
3.º Gil Vicente	22	13	4	5	33-21	30
4.º Freamunde	23	11	8	4	31-20	30
5.º P. Ferreira	23	12	4	7	39-25	28
6.º D. Aves	23	11	4	8	29-21	26
7.º Varzim	23	10	5	8	32-24	25
8.º Rio Ave	23	8	8	7	29-28	24
9.º Bragança	23	10	4	9	30-33	24
10.º Leixões	23	9	5	9	33-34	23
11.º Fafe	23	8	6	9	23-19	22
12.º Infesta	23	7	7	9	33-34	21
13.º Felgueiras	23	7	6	10	17-27	20
14.º Joane	23	6	6	11	19-31	18
15.º Vizela	23	6	5	12	19-31	17
16.º Vianense	23	6	5	12	24-38	17
17.º Trofense	23	4	6	13	18-38	14
18.º Marco	23	2	6	15	13-37	10

Próxima jornada: Académica - Mirense (2-1, na primeira volta);
 Guarda - Caldas (0-1); Académico de Viseu - Salgueiros (2-3); União
 de Lamas - Covilhã (0-2); Oliveira do Bairro - Espinho (1-4); Benfica e
 Castelo Branco - Mangualde (1-3); Oliveirense - Marialvas (0-0); Peni-
 che - Lousanense (0-3); e União de Leiria - Águeda (2-2).

Zona Centro

Bragança - Freamunde, 2-1; Rio Ave - Joane, 1-1; Maia - In-
 festa, 2-1; Vianense - Gil Vicente, 1-1; Vizela - Aves, 2-0; Fafe -
 Marco, 1-0; Felgueiras - Trofense, 1-0; Famicão - Leixões,
 4-0; e Paços de Ferreira - Varzim, 0-2.

	J	V	E	D	G	P
1.º ESPINHO	23	17	5	1	44-15	45
2.º Salgueiros	23	14	5	4	52-17	33
3.º U. Leiria	23	13	6	4	45-12	32
4.º Académica	23	13	4	6	43-25	30
5.º A. Viseu	23	12	6	5	31-22	30
6.º Águeda	23	11	6	6	30-20	28
7.º Mirense	23	10	6	7	30-24	26
8.º Covilhã	23	11	1	11	28-31	23
9.º U. Lamas	23	11	0	12	32-33	22
10.º Marialvas	23	7	7	9	15-25	21
11.º Caldas	23	10	1	12	19-34	21
12.º Mangualde	23	10	1	12	33-37	21
13.º B.C. Branco	23	7	6	10	23-29	20
14.º Guarda	23	7	4	12	19-34	18
15.º Oliveir.	23	7	3	13	25-32	17
16.º O. Bairro	23	2	10	11	19-45	14
17.º Lousan.	23	4	5	14	20-43	13
18.º Peniche	23	3	4	16	12-42	10

Próxima jornada: Joane - Freamunde (1-1, na primeira volta); In-
 festa - Rio Ave (1-2); Gil Vicente - Maia (2-0); Aves - Vianense (0-1); Ma-
 rio - Vizela (0-0); Trofense - Fafe (0-0); Leixões - Felgueiras (1-0); Var-
 zim - Famicão (1-2); e Paços de Ferreira - Bragança (1-4).

Zona Sul

«O Elvas» - Estoril, 3-0; Silves - Olivais e Moscavide, 0-0;
 Olhanense - Sintrense, 2-0; Louletano - Portalegre, 4-0; Lu-
 sitano - Juventude, 0-0; Samora - Torreense, 0-2; Barreirense -
 Lusitano de Vila Real de Santo António, 2-0; Atlético - Faren-
 se, 1-1; e Seixal - Alverca, 4-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º FARENSE	23	17	5	1	55-14	39
2.º Louletano	23	13	7	3	37-14	33
3.º Barreirense	23	14	3	6	40-19	31
4.º Torreense	23	12	6	5	37-17	30
5.º Estoril	23	10	10	3	25-16	30
6.º «O Elvas»	23	11	7	5	30-17	29
7.º Alverca	23	11	5	7	34-32	27
8.º L.V. Real	23	8	10	5	25-17	26
9.º Juventude	23	9	8	6	26-28	26
10.º Olhanense	23	8	6	9	25-27	22
11.º Silves	23	6	9	8	22-20	21
12.º Lusitano	23	5	9	9	27-31	19
13.º Moscavide	23	5	6	12	21-36	16
14.º Seixal	23	5	6	12	18-39	16
15.º Sintrense	23	4	4	14	18-40	14
16.º Portalegr	23	4	4	15	9-35	13
17.º Samora	23	4	4	15	18-42	13

Próxima jornada: Olivais e Moscavide - Estoril (0-1, na primeira vol-
 ta); Sintrense - Silves (0-1); Portalegre - Olhanense (0-4); Juventude
 - Louletano (1-2); Torreense - Lusitano (1-3); Lusitano de Vila Real de
 Santo António - Samora Correia (1-0); Farense - Barreirense (0-1); e
 Seixal - «O Elvas» (1-4).

III Divisão

Série A

Celoricense - Ribeirão,
 Barca - Maria da Fonte,
 Amares, 1-1; Mirandela
 minha - Vieira, 0-0; San-
 tos, 0-0; Moreirense - Ma-
 leiros, 6-0; Esposende
 e Delães - Valdevez, 1-0.

	J	V
1.º ESPODENSE	25	13
2.º Moreirense	25	13
3.º Mirandela	25	11
4.º Delães	25	12
5.º Caminha	25	10
6.º Celoricense	25	10
7.º Valpaços	26	10
8.º S. Maria	25	10
9.º M. Cavaleiros	25	10
10.º M. Fonte	25	6
11.º Amares	25	8
12.º P. Barca	25	8
13.º Vieira	25	8
14.º Valdevez	25	4
15.º Lanhenses	26	7
16.º Prado	25	7
17.º V. Pouca	25	6
18.º Ribeirão	25	3

Próxima jornada: Maria d
 raio; Amares - Ponte da Barca
 dela; Valpaços - Caminha; Ma-
 ros - Santa Maria; Vila Pou-
 Valdevez - Esposende; Delães

Série B

Régua - Amarante, 2-2;
 1-0; Sandinenses - Rio Tin-
 Sanjoanense, 3-1; Paredes
 3-0; Pedrouços - Santa M-
 guião, 3-0; Valonguense
 1-0; Lusitano de Lourosa
 1-0; e Lousada - Paivense.

	J	V
1.º LOUSADA	25	17
2.º Amarante	25	12
3.º Paredes	24	12
4.º Valonguense	25	11
5.º Lourosa	25	10
6.º V. Real	25	11
7.º Leça	25	9
8.º Lixa	25	10
9.º Sandinense	25	9
10.º Sanjoanense	25	10
11.º Pedrouços	25	8
12.º Ermesinde	25	10
13.º Régua	25	8
14.º Cinfães	24	6
15.º Rio Tinto	25	6
16.º S. Marta	25	5
17.º Valadares	25	2
18.º Paivense	25	2

Próxima jornada: Lixa -
 Tinto - Cinfães; Sanjoanense
 Vila Real - Leça; Santa Marta
 Paredes; Ermesinde - Pedrou-

DESPORTO

III Divisão: Tomar não perde

Série A

Celorigense - Ribeirão, 5-0; Ponte da Barca - Maria da Fonte, 1-0; Lanheses - Amarelos, 1-1; Mirandela - Prado, 2-1; Caminha - Vieira, 0-0; Santa Maria - Valpaços, 0-0; Moreirense - Macedo de Cavaleiros, 6-0; Esposende - Vila Pouca, 0-1; e Delães - Valdevez, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ESPODENSE	25	13	10	2	38-17	36
2.º Moreirense	25	13	9	3	36-18	35
3.º Mirandela	25	11	8	6	46-26	30
4.º Delães	25	12	5	8	34-33	29
5.º Caminha	25	10	8	7	28-17	28
6.º Celorigense	25	10	7	8	34-23	27
7.º Valpaços	26	10	7	9	31-27	27
8.º S. Maria	25	10	6	9	28-33	26
9.º M. Cavaleiros	25	10	6	9	28-34	26
10.º M. Fonte	25	6	13	6	21-20	25
11.º Amarelos	25	8	9	8	24-23	25
12.º P. Barca	25	8	7	10	20-23	23
13.º Vieira	25	8	7	10	25-26	23
14.º Valdevez	25	4	13	8	21-24	21
15.º Lanheses	26	7	7	12	25-32	21
16.º Prado	25	7	5	13	15-27	19
17.º V. Pouca	25	6	5	14	19-35	17
18.º Ribeirão	25	3	8	14	16-51	14

Próxima jornada: Maria da Fonte - Ribeirão; Amarelos - Ponte da Barca; Vieira - Mirandela; Valpaços - Caminha; Macedo de Cavaleiros - Santa Maria; Vila Pouca - Moreirense; Valdevez - Esposende; Delães - Celorigense.

Série C

Estarreja - Anadia, 1-2; Mealhada - Tabuense, 3-0; Gouveia - Santacombadense, 0-2; Valecambrense - Argus, 0-1; Alba - Valonguense, 5-0; Oliveirinha - Oliveira do Hospital, 0-1; Mortágua - Ovarense, 0-1; Sabugal - Seia, 0-5; e União de Coimbra - Luso, 2-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º SANTACOMB.	25	18	2	5	29-9	38
2.º Anadia	25	17	3	5	42-19	37
3.º Ovarense	25	11	9	5	33-15	31
4.º Estarreja	25	12	6	7	36-19	30
5.º Mealhada	25	11	7	7	31-26	29
6.º Valonguense	25	10	8	7	30-27	28
7.º O. Hospital	25	10	8	7	29-24	28
8.º U. Coimbra	25	11	5	9	43-27	27
9.º Gouveia	25	8	10	7	23-16	26
10.º Luso	25	8	10	7	22-18	26
11.º Argus	25	9	8	8	31-29	26
12.º Oliveirinha	25	8	9	8	26-26	25
13.º Alba	25	8	7	10	26-22	23
14.º Tabuense	24	7	5	12	21-29	19
15.º Mortágua	25	5	8	12	18-35	18
16.º Seia	25	6	5	14	35-37	17
17.º Sabugal	24	3	5	16	21-72	11
18.º Valecamb.	25	3	3	19	15-61	9

Próxima jornada: Tabuense - Anadia; Santacombadense - Mealhada; Argus - Gouveia; Valonguense - Mortágua; Ovarense - Oliveirinha; Seia - Mortágua; Luso - Sabugal; e União de Coimbra - Estarreja.

Série E

Loures - Odivelas, 2-2; Futebol Benfica - Cartaxo, 1-1; Vilafranquense - Lusitano dos Açores, 1-0; Sacavenense - Oriental, 0-0; Fanhões - Borbense, 3-1; Portosantense - Almeirim, 2-1; Praiense - Campomaiorense, 1-0; Cacém - Fronteirense, 1-0; e Câmara de Lobos - Santa Clara, 1-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ORIENTAL	25	11	9	5	29-16	31
2.º F. Benfica	25	11	9	5	32-25	31
3.º S. Clara	25	12	7	6	39-34	31
4.º Sacaven.	25	10	10	5	28-15	30
5.º C. Maior	25	12	5	8	37-19	29
6.º U. Almeirim	25	11	6	8	42-23	28
7.º Portosant.	25	9	9	7	31-23	27
8.º Fanhões	25	9	8	8	23-23	26
9.º Vilafranq.	25	9	8	8	24-21	26
10.º Praiense	25	9	7	9	16-21	25
11.º Loures	25	7	10	8	29-33	24
12.º C. Lobos	25	6	11	8	19-22	23
13.º Lusitânia	25	8	7	10	21-22	23
14.º Odivelas	25	8	6	11	30-30	22
15.º Borbense	25	7	8	10	21-35	22
16.º Cartaxo	25	4	10	11	25-43	18
17.º Cacém	25	5	8	12	18-37	18
18.º Fronteir	25	5	6	14	14-35	16

Próxima jornada: Cartaxo - Odivelas; Lusitânia - Futebol Benfica; Oriental - Vilafranquense; Borbense - Sacavenense; Almeirim - Fanhões; Campomaiorense - Portosantense; Fronteirense - Praiense; Santa Clara - Cacém; e Câmara de Lobos - Loures.

Série B

Régua - Amarante, 2-2; Cinfães - Lixa, 1-0; Sandinenses - Rio Tinto, 2-0; Leça - Sanjoanense, 3-1; Paredes - Vila Real, 3-0; Pedrouços - Santa Marta de Penaguião, 3-0; Valonguense - Ermesinde, 1-0; Lusitano de Lourosa - Valadares, 1-0; e Lousada - Paivense, 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º LOUSADA	25	17	4	4	49-24	38
2.º Amarante	25	12	10	3	36-17	34
3.º Paredes	24	12	8	4	42-21	32
4.º Valonguense	25	11	8	6	30-21	30
5.º Lourosa	25	10	9	6	29-20	29
6.º V. Real	25	11	6	8	37-25	28
7.º Leça	25	9	9	7	37-28	27
8.º Lixa	25	10	7	8	28-21	27
9.º Sandinense	25	9	8	8	21-25	26
10.º Sanjoanense	25	10	6	9	34-30	26
11.º Pedrouços	25	8	9	8	38-40	25
12.º Ermesinde	25	10	5	10	26-22	25
13.º Régua	25	8	7	10	26-28	23
14.º Cinfães	24	6	6	12	24-48	18
15.º Rio Tinto	25	6	5	14	24-44	17
16.º S. Marta	25	5	6	14	23-38	16
17.º Valadares	25	2	11	12	18-44	15
18.º Paivense	25	2	8	15	15-41	12

Próxima jornada: Lixa - Amarante; Rio Tinto - Cinfães; Sanjoanense - Sandinenses; Vila Real - Leça; Santa Marta de Penaguião - Paredes; Ermesinde - Pedrouços; Valadares - Valonguense; Paivense - Lusitânia; e Lousada - Régua.

Série D

União de Santarém - Mirandense, 1-0; Marrazes - Torres Novas, 1-3; Ferrel - Castelo de Vide, 1-1; Marinhense - Alcobaca, 1-1; Alcains - Naval 1.º de Maio, 1-4; Nazarenos - Sertanense, 1-2; Estrela de Portalegre - Bombarralense, 1-0; União de Tomar - Alfeizerense, 4-0; e Alcanenense - Fátima, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º U. TOMAR	25	16	9	0	36-7	41
2.º Mirandense	25	16	5	4	42-8	37
3.º Naval	25	14	7	4	46-22	35
4.º U. Santarém	25	14	5	6	36-15	33
5.º Fátima	25	11	10	4	46-19	32
6.º T. Novas	25	11	7	7	38-31	29
7.º Sertanense	25	7	14	4	26-22	28
8.º Alcobaca	25	8	12	5	24-19	28
9.º Alcanenense	25	6	13	6	28-20	25
10.º Marinhense	25	5	13	7	24-28	23
11.º E. Portalegre	25	6	9	10	20-37	21
12.º Alcains	25	5	9	11	28-35	19
13.º C. Vide	25	7	5	13	20-39	19
14.º Bombarral	24	2	14	8	14-26	18
15.º Nazarenos	25	5	7	13	25-38	17
16.º Marrazes	25	5	7	13	16-36	17
17.º Alfeizerense	25	3	8	14	19-43	14
18.º Ferrel	24	5	2	17	16-59	12

Próxima jornada: Torres Novas - Mirandense; Castelo de Vide - Marrazes; Alcobaca - Ferrel; Naval 1.º de Maio - Marinhense; Sertanense - Alcains; Bombarralense - Nazarenos; Alfeizerense - Estrela de Portalegre; Fátima - União de Tomar; e Alcanenense - União de Santarém.

Série F

Pescadores - Estrelas de Vendas Novas, 3-0; Amora - Quimigal, 3-0; Imortal - Beja, 2-0; Esperança de Lagos - Vasco da Gama, 3-0; Leões - Trafaria, 1-1; Santiago do Cacém - Almansilense, 1-0; Moura - Quarteirense, 3-1; Palmelense - Sesimbra, 7-1; e União de Montemor - Montijo, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º MONTIJO	25	16	7	2	52-18	39
2.º Amora	25	15	5	5	42-23	35
3.º Quarteir.	25	12	9	4	56-25	33
4.º U. Santiago	25	11	9	5	46-27	31
5.º Almansil.	25	12	7	6	28-20	31
6.º E. Lagos	25	10	8	7	40-29	28
7.º Moura	25	9	10	6	32-27	28
8.º U. Montemor	25	12	3	10	40-25	27
9.º V. Gama	25	11	5	9	29-33	27
10.º Palmel.	25	8	8	9	36-34	24
11.º Imortal	25	7	9	9	35-37	23
12.º Quimigal	25	6	11	8	21-26	23
13.º Leões	25	6	10	9	16-20	22
14.º Caparica	25	8	5	12	29-43	21
15.º Beja	25	6	6	13	19-40	18
16.º E. V. Novas	25	5	7	13	22-38	17
17.º Trafaria	25	1	11	13	23-66	13
18.º Sesimbra	25	3	4	18	17-52	10

Próxima jornada: Quimigal - Estrela de Vendas Novas; Beja - Amora; Vasco da Gama - Imortal; Trafaria - Esperança de Lagos; Almansilense - Leões; Quarteirense - Santiago do Cacém; Sesimbra - Moura; Montijo - Palmelense; e União de Montemor - Pescadores.

TOTOBOLA

A chave

Braga - Porto	2
Benfica - Sporting	1
U. Madeira - Guimarães	X
Chaves - Belenenses	X
E. Amadora - V. Setúbal	2
Boavista - Beira Mar	2
Tirsense - Nacional	1
Feirense - Penafiel	1
Marítimo - Portimon.	X

A nossa aposta

Benfica - Chaves	1
Sporting - Marítimo	1
Setúbal - Belenenses	1
Beira Mar - U. Madeira	1
Nacional - Boavista	1
Penafiel - Tirsense	1
Portimon. - Braga	1
Joane - Freamunde	2
Varzim - Famalicão	2
A. Viseu - Salgueiros	X
O. Bairro - Espinho	X
Juventude - Louletano	2

TOTOLOTO

3 - 17 - 26 - 45 - 46 - 47 (42)

De acordo com informações prestadas pelo Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nenhum concorrente acertou no próximo concurso do Totobola. Com 12 foram encontrados 42 concorrentes cabendo 468 350\$00 e com 11, foram detectados 751 acertantes recebendo 25 950\$00.

Quanto ao Totoloto, no final da manhã, já tinham sido escrutinados dois totalistas e no caso de não surgir nenhum não receber 26 900 contos. Para os restantes, prémios, as previsões são as seguintes: 2.º (5 + o n.º suplementar) oito concorrentes, cabendo a cada 2500 contos; 3.º prémio (5) deverão registar-se 660 acertantes com direito a 94 mil escudos; 4.º prémio (4 números certos) contemplará 34 700, recebendo cerca de 1800 escudos e com 3 números (5.º prémio) deverão surgir 600 mil concorrentes a que corresponderá o prémio de 179\$00.



Em Infantis, na Luz, Benfica e Sporting empataram a um golo

Juniões

Série A: Merelinense-Vizela, 4-2; Braga-Gil Vicente, 9-0; Famalicão-Vianense, 2-1; Chaves-Vila Real, 3-0; Guimarães-Mãe d'Água, 7-0; Taipas-Ponte da Barca, 1-1. Líder: Guimarães, 35 pontos.

Série B: Águeda-FC Porto, 0-3; Maia-Lamego, 2-2; Varzim-Salgueiros, 2-1; Espinho-Beira-Mar, 0-2; Rio Ave-Boavista, 1-0; Viseu e Benfica-Leixões, 2-2. Líder: FC Porto, 41 pontos.

Série C: U. Leiria-Marrazes, 1-2; Guarda-Ac. Viseu, 0-3; Mangualde-U. Coimbra, 1-3; U. Tomar-Naval, 1-0; Académica-Nazarenos, 1-1; Estrela de Lagos, 1-1. Líder: Académica, 37 pontos.

Série D: U. Santarém-Olivais e Moscavide, 0-2; Bombarralense-Casa Pia, 3-1; Sporting-Pescadores, 4-0; Benfica-Estrela da Amadora, 0-0; Almerim-Estoril, 2-2; Belenenses-Caldas, 6-0. Líder: Benfica, 38 pontos.

Série E: Farense-Portimonense, 4-2; Amora-Zona Azul, 3-2; Estrela de Vendas Novas-Olhaneense, 0-1; Académico-Lusitano, 6-0; Elvas-Quimigal, 2-1; Seixal-Barreirense, 3-0. Líder: Setúbal, 36 pontos.

APOIOS

A Câmara Municipal do Porto decidiu ceder ao Sport Comércio e Salgueiros, o terreno para construção do seu novo parque de jogos. Na mesma sessão, foi deliberado subsidiar o Grande Prémio «JN» em ciclismo, bem como apoiar a reconstrução das instalações do Clube Sportivo Nuno Álvares.

Gil y Gil em tribunal

Jesus Gil y Gil, presidente do Atlético de Madrid, clube de Paulo Futre, começou a responder em tribunal no âmbito do processo interposto pelo Real Madrid para obter a sua expulsão da capital espanhola.

Ramon Mendoza, presidente do Atlético por difamação na sequência de acusações de Gil y Gil de que o dirigente do Real teria ordenado o arrombamento da sua casa.

Mendonza pede a condenação de Gil y Gil a dois anos de prisão, multa de 400 mil pesetas (540 contos) e expulsão de Madrid.

UNICAR

Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem



VIATURAS USADAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 5 TX	1984
Renault 5 GTL 5P 1237 cc	1985
Renault 5 GTR 3P 1237 cc	1986
Renault 5 GTL 3P 1108 cc	1987
Seat Ibiza 1.2	1987
Renault 21 GTS	1988
Renault 9 GTS	1988
Renault 11 GTS	1988
Renault 25 GTS	1988

Para mais informações consulte-nos

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SABADOS)
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A Tel: 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

Hóquei em patins
**Favoritos
não
«patinam»**

Os resultados: Quimigal - Sporting, 2-8; Benfica - Sannense, 11-4; Sp. Tomar - Paço de Arcos, 3-5; Valongo - OC Barcelos, 0-5; FC Porto - Ac. Coimbra, 18-3; Parede - Oliveirense, 4-6 e Turquel - Grundig, 2-3.

	J	V	E	D	P
O.C. BARCELOS	19	17	1	1	54
FC Porto	19	17	0	2	53
Benfica	19	16	1	2	52
Sporting	19	12	2	5	45
Sanjoanense ..	19	11	0	8	41
P. Arcos	19	18	2	7	41
Oliveirense ...	19	9	3	7	40
Turquel	18	8	1	9	35
Académica	19	6	2	11	33
Grundig	19	5	1	13	30
Valongo	18	4	3	11	29
Quimigal	19	4	1	14	28
Parede	19	2	1	16	24
Sp. Tomar	19	2	0	17	23



SUMÁRIO

Decreto Regulamentar n.º 7/90:
Dispensa a utilização dos livros de receitas especiais para os preparados farmacêuticos que tenham menor capacidade de gerar dependência. Altera o Decreto Regulamentar n.º 71/84, de 7 de Setembro.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MARÉS

03.14	4,0m	08.58	0,3m
15.36	34,0m	21.16	0,3m

Chicago.....	-	-	
Houston.....	9	14	P. nub.
Los Angeles.....	13	19	M. nub.
Montreal.....	-4	-3	P. nub.
Nova Iorque.....	0	10	Limpo
S. Francisco.....	9	16	Nevoeiro
Toronto.....	-3	-1	P. nub.
Vancouver.....	0	12	Limpo
Washington.....	0	12	Limpo
Hong Kong.....	16	21	Chuva
Melbourne.....	15	32	Limpo
Pequim.....	6	10	Chuva
Perth.....	14	25	Agua-cieiros
Singapura.....	25	33	Trovoada
Sydney.....	18	26	Agua-cieiros
Tóquio.....	7	15	Limpo
Wellington.....	11	16	Agua-cieiros

	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR BAIXA-MAR

02.33	3,9m	08.20	0,4m
14.57	3,9m	20.36	0,4m

Amanhã

03.14	4,0m	08.58	0,3m
15.36	34,0m	21.16	0,3m

A black and white map of Europe with major cities labeled. The cities include: OSLO, HELSINKI, ESTOCOLMO, FINLÂNDIA, MOSCÚ, DUBLIN, LONDRES, AMSTERDÃO, BERLIM, VARSOVIA, BRUXELAS, PARIS, PRAGA, Viena, BUDAPESTE, BELGRADO, BUCARESTE, ISTAMBUL, ANKARA, ATENAS, TIRANA, ROMA, LISBOA, MADRID, CASABLANCA, ARGEL, and TUNIS. The map shows the outlines of the continents and the borders of the countries.

AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alvalade** - Estados Unidos: Rio Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 881409; **Baixa**: Simões Pires, Rua da Prata, 115, Tel. 3462350; **Benfica**: União, Estrada Benfica, 592-594, Tel. 700092; **Camões** - Santa Catarina: Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique**: Lobel, Rua Infanta 16, 98-B, Tel. 688807; **Lumiar** - Quinta do Lambert: Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Marquês Fronteira**: Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; **Olivais Sul**: Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Rato - Príncipe Real**: Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Saldanha**: Dalva, Av. Duque d'Ávila, 125, Tel. 545225; **Sapadores** - Paiva Couceiro: Europa, Av. General Roçadas, 27 A-B, Tel. 8143880; **Xabregas** - Madre Deus: Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Carnaxide**: Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Colina Sol** - Brandoa - Amadora: Vidal Reis, Urb. Altonel - Cel. G - Lote 35, Tel. 946540; **Moscavide**: Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas**: Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha**: Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Areiro - Praça de Londres: João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886462; **Areiro**: Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Boa Hora**: Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; **Campo de Ourique**: Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; **Castelo**: Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 862074; **Chile**: Aliança, Av. Almirante Reis, 145 B-C, Tel. 570487; **Entre Sete Rios e 2.ª Circular**: Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263179; **Feira Popular**: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 7630161; **Graça**: Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Marquês Pombal**: Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Picheleira**: Marluiz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Buraca - Amadora**: Gaspar Pote, Rua das Gaíças, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivais**: Basto, Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha**: Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires**: Guimarães, L. Duar-

tes, Lote A - c. Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche**: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Caxias**: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A, Tel. 2432839. Até às 22 h; **Carcavelos**: Vilar, Av. M.º Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente. **S. Dom. Rana**: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra**: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras**: Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede**: Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. João do Estoril**: Das Areias - Urb. Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre**: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna**: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira**: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais**: Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

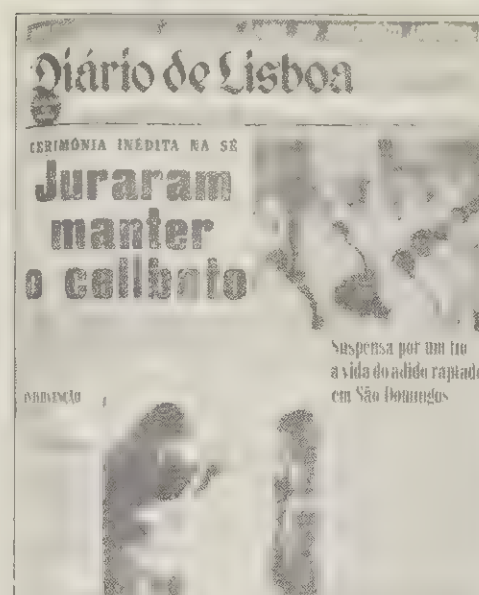
Amadora: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A, Tel. 4935518. Permanente; **Campos**: R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Até

às 22 h; **Damaia**: Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz**: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. Permanente; **Albergaria**: L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém**: Rico, L. Adriano S. Gil - Agualva, Tel. 4312833. Permanente; **Mem Martins**: Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa**: Dumas Brousse, Calc. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra**: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26. Permanente; **Colares**: Abreja, Tel. 9290088; **Loures**: Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA
BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade**: Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica**: Guerreiro, Lote 31 Ig. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica**: Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro**: Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio**: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra**: Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro**: Ferreira & Pilar, Av. República, 1, Tel. 2073023. Permanente; **Baixa da Banheira**: Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios**: Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172.

HÁ 20 ANOS

Sé de Lisboa:
manutenção do celibato

Pela primeira vez na história da Igreja, foi usada hoje a missa crismal (de bênçãos dos santos óleos) para a renovação dos compromissos que os sacerdotes assumiram com a sua ordenação, entre os quais se conta o do celibato. Na cerimónia realizada esta manhã na Sé de Lisboa, sob a presidência do sr. cardeal-patriarca, cento e cinquenta padres e um bispo auxiliar afirmaram a sua vontade de permanecerem fieis às duas regras fundamentais do exercício do ministério - celibato e obediência.

Suspensa por um fio a vida
do adido raptado em São Domingos

A vida do adido norte-americano Donald Crowley encontra-se hoje suspensa por um fio depois de se terem malogrado as negociações entre o Governo de São Domingos e os raptadores sobre as condições para a sua libertação. Um informador do arcebispo D. Hugo Brito (...) manifestou-se hoje pessimista, salientando: «As negociações estão completamente interrompidas. (...) Parece impossível uma solução.» Entretanto, expirou já o último prazo dado pelos guerrilheiros para a libertação dos 21 presos políticos.

Intervenção aérea
dos EUA no Camboja

Aviões norte-americanos atravessaram anteontem a fronteira que separa o Vietnã do Sul do Camboja e atacaram tropas comunistas empenhadas num combate com forças de infantaria sul-vietnamita - anunciou hoje em Saigão um informador do comando norte-americano. Foi a primeira vez que foram anunciados ataques aéreos norte-americanos no Camboja desde a deposição do príncipe Norodom Sihanouk, na semana passada.

EFEMÉRIDES

1112

•Morre, em Astorga, o conde D. Henrique, fundador do condado português e pai de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

1827

•Morre, em Viena, o compositor alemão Ludwig van Beethoven.

1871

•A Comuna é formalmente estabelecida em França.

1914

•Nasce o dramaturgo norte-americano Tennessee Williams.

1933

•Portugal adopta uma nova constituição, pela qual se rege o chamado "Estado Novo".

1976

•O General Jorge Rafael Videla é designado presidente da Junta Militar Argentina.

1977

•Entra em funcionamento a barragem de Cabora-Bassa, na República Popular de Moçambique.

1979

•O presidente egípcio, Anwar Sadat, e o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, assinam na Casa Branca, em Washington, o primeiro tratado de paz para o Médio Oriente, da história moderna.

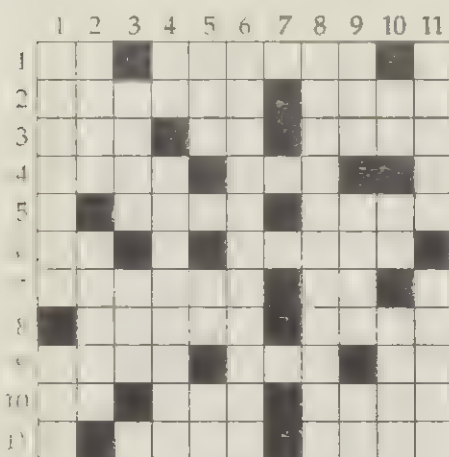
1984

•O presidente da Guiné, Ahmed Sekou Toure, morre em Nova Iorque, vítima de ataque cardíaco.

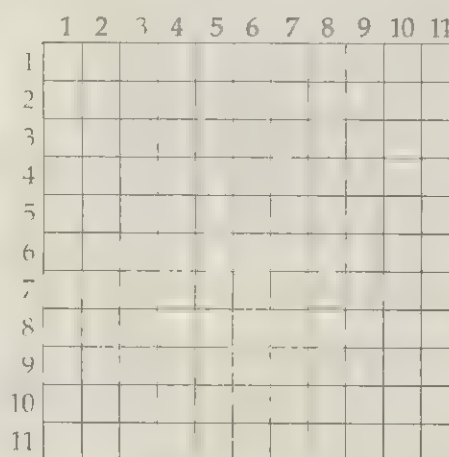
MÉDICO
DE
URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17885



PROBLEMA N.º 16695

HORIZONTAIS

- 1 - Plutónio (s.q.). Embeber
- 2 - Aparece em lugar alto. Giro.
- 3 - Ócio. Osmio (s.q.) Ratar.
- 4 - Vocábulo que dificulta a leitura. O mesmo que três.
- 5 - Escavar. Estômago.
- 6 - Medida itinerária do Japão. Tercerito. Estômago das aves.
- 7 - Necessidade de asas. Niquel (s.q.).
- 8 - Paradoxo. Faz novelas.
- 9 - Educa. Terceiro. Alumínio (s.q.).
- 10 - Preposição e artigo (inv.). Mãe de Romulo e Remo. Estaleiro.
- 11 - Progenitores. Impulso.

VERTICAIS

- 1 - Locução. Preposição.
- 2 - Empregues. Rio de França.
- 3 - Máximo. Apellido.
- 4 - Moderato. Despertara.
- 5 - Espádua. Satélite de Júpiter. Isto é (inv.).
- 6 - Lamentarias.
- 7 - Pesados.
- 8 - Rato. Combino.
- 9 - O lado do vento (inv.).
- 10 - Preposição. Utensílio doméstico. Deus do vinho.
- 11 - Irmão de Moisés. Guardar segredo.

HORIZONTAIS

- 1 - Falha. Osmio (s.q.). Curso de água temporário do deserto do Sara.
- 2 - Agura. Povo antigo da Gália.
- 3 - Nota musical. Antigo instrumento de música tocado com arco, do tipo dos violinos.
- 4 - O mesmo que opa. Quarto. Ondas curtas.
- 5 - Decretio. Filha de Cíntias rei de Chipre.
- 6 - Guarnecem de asas. Nome científico do pato.
- 7 - Acrescentando uma vogal e ave do Alto Amazonas (Bras.). Apellido.
- 8 - Qualquer pequeno orifício. Cidade do estado de Minas Gerais.
- 9 - Carta de jogar. Tornei a ler. Nome de Buda, na China.
- 10 - Platina (s.q.). Peregrinação.
- 11 - Calúnia. Freguesia do conchelo de Almeida.

VERTICAIS

- 1 - Cidade de Espanha. Lá felpuda.
- 2 - Ornatos caprichosos à moda dos árabes.
- 3 - Batráquio. Nome de mulher. PostScriptum.
- 4 - Origina.
- 5 - Rio da Rússia.
- 6 - Organização das Nações Unidas. Estoril.
- 7 - Tecido de seda ou algodão macio e lustroso. Orquídea indiana.
- 8 - Precipitada. Neste momento.
- 9 - Alternativa (inv.). Rado (s.q.). Idem.
- 10 - Esporeia.
- 11 - Emparelhou.

PROVÉRBIO:
QUEM DEIXA
DE SER AMIGO,
NÃO O FOI
NUNCA.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

20 ANOS

Lisboa



Suspensa por um fio a vida do adido raptado em São Domingos

do celibato

na história da Igreja, foi usada hoje benções dos santos óleos) para a npromissos que os sacerdotes as- ordenação, entre os quais se conta rimônia realizada esta manhã na Sé esidência do sr. cardeal-patriarca, ndres e um bispo auxiliar afirmaram ermanecerem fieis às duas regras xercício do ministério - celibato e

r um fio a vida
ado em São Domingos

orte-americano Donald Crowley spensa por um fio depois de se s negociações entre o Governo de raptos sobre as condições para a nformador do arcebispo D. Hugo u-se hoje pessimista, salientando: ão completamente interrompidas. vel uma solução.» Entretanto, ex- azo dado pelos guerrilheiros para presos políticos.

érea
Cambodja

fricanos atravessaram anteontem a a o Vietnam do Sul do Cambodja e munistas empenhadas num com- infantaria sul-vietnamiana - anun- ão um informador do comando oi a primeira vez que foram anun- os norte-americanos no Cambodja o príncipe Norodom Sihanouk, na

MÉRIDES

1112

ja, o conde D. Henrique, do portugalense e pai de D. primeiro rei de Portugal.

1827

compositor alemão Ludwig

1871

almente estabelecida em

1914

o norte-americano Tenesse

1933

na nova constituição, pela amado "Estado Novo".

1976

afael Videla é designado Militar Argentina.

1977

amento a barragem de publica Popular de Moçam-

1979

cio, Anwar Sadat, e o pri- aelita, Menahem Begin, ranca, em Washington, o paz para o Médio Oriente,

1984

uiné, Ahmed Sekou Toure, orque, vítima de ataque

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

MISS DAISY

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

A GUERRA DAS ROSAS

Filme de Danny DeVito
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

ALFA 4

DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir, c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa

Tel. 691275

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2

MISS DAISY

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 4

QUERIDA EU ENCOLHI

OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

OS DEUSES DEVEM ESTAR

LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7

SHIRLEY VALENTINE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9

TEMPO DE GLÓRIA

Filme de Edward Zwick

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A

Tel. 763319

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10

Tel. 776098

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Tel. 324194

O EMBATE

Filme de Ted Field

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

JOVENS SENSUAIS

Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Tel. 573407

VER É GOZAR

Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Tel. 533253

FLORES DE AÇO

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CIDADE ARDENTE

Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

Telefone 9434762

VALMONT

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef.

546085

O DIABO NÃO DORME

Filme de Leo McCarey, às 18.30 horas.

OS DEZ MANDAMENTOS

Filme de Cecil B. De Mille, às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Tel. 549999

NOVE SEMANAS E MEIA

Filme de Adrian Lyne
Maires de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Tel. 322523

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

CARTAZ



QUE FIZ EU PARA MERECEER ISTO?

Em exibição

SALA 4

Quarteto

PUB
M/16 anos

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35

Tel. 555134

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Tel. 8487255

ALVOS HUMANOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503

Tel 7145088

QUERIDA, EU ENCOLHI

OS MIÚDOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

TEMPO DE GLÓRIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo

Tel. 541037

AUDITÓRIO 1

O FILÓSOFO

Filme de Rudolf Thome

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques

Tel. 555134

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes

Tel. 8480808

O RIO DA MORTE

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C

Tel. 8480808

TEMPOS DE GLÓRIA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3

QUERIDA EU ENCOLHI

OS MIÚDOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara

Tel. 3631162

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

Tel. 801313

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão

Tel. 538743

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

FLORES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

SHIRLEY VALENTINE

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B

Tel. 574362

AS LOUCURAS

DO MEU FANTASMA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4

Tel. 326283

O RIO DA MORTE

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

OLIMPIA

R. dos Condes, 13

Tel. 325309

ORGASMO SEXUAL

DE MISS JONES

Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões continuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade

CINEMA PARAÍSO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITE

CARTAZ

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECE-
R ISTO?

Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15,
20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15
horas.

SÃO JORGE 2

SHIRLEY VALENTINE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

SÃO JORGE 3

MISS DAISY

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e
21.45 horas.

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210

FLORES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio

Telef. 371573

AS LOUCURAS

DO MEU FANTASMA

Maiores de 12 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30



«Rock de Fogo», em exibição em várias salas
de cinema

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30
horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 346846

LIMPO E SÓBRIO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 horas

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845

SALA 1

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15
horas.

SALA 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
horas.

SALA 3

RIO DA MORTE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45
horas.

CASCAIS

OEIRAS

ALTO DA BARRA 1

Av. das Descobertas - Telef.
4439759

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2

TEMPO DE GLÓRIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1

Telef. 2479144

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS -
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653

FLORES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS

MIRAMAR 1

Telef. 2841744

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Avb. 25 de Abril - Telef.
2865027

CORRUPÇÃO

Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127

TEMPO DE GLÓRIA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA

CINEMA PESCADOR

Telef. 2905350

VALMONT

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO

LISBOA

TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha - Telef.

7260818

Sala 1 às 21.30 horas

A PÉCORA

De Natália Correia, com

encenação de João Mota,
música de José Mário
Branco e interpretação de
todo o elenco da Comuna
Em cena até ao final do
mês.

INFANTIL

AMADORA

SOCIEDADE

FILARMÓNICA

R. A. DA AMADORA

R. Elias Garcia, 142 - Telef.

4934561

De 2ª a 6ª às 11.00 e 15.00

Horas

A TARANTELA

VERMELHA

De Salvatore Cuffaro.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

ÂNGELO DE SOUSA -

Inevitavelmente datadas

(1968/72), estas esculturas

em tiras de metal revelam-

nos capacidades que

Ângelo terá subestimado

em relação à pintura de

que é um operário da luz.

Mesmo as honrosas partici-

pações em importantes

exposições internacionais

(Bienal de S. Paulo e Paris,

1976), mais não foram que

a maçada de reapertar

parafusos...

Galeria EMI/Valentim de

Carvalho - Rua da Cruz

dos Poiais, 111 (11/13 e

15/19 horas, excepto dom-

ingos. Até 5 de Abril)

FRANCISCO ROCHA -

Instalação que, se ainda

encontra na linguagem

conceptual como dizer,

afinal pouco diz. 15 pratos

mais 15 pratos es-

tabelecem o diálogo com

um rodapé de três quad-

ros a contraplacado

legendados natureza

morta/paisagem/pais-

agem. É a palavra a fazer

figura. No chão, Francisco

Rocha encaixota frases

dos Diálogos de Platão,

juntamente com a pais-

agem (?) fotografada.

Quanto à mesa, construída

a partir da indisponibili-

dade das cadeiras, e

assente num xadrez

monocromático (amarelo)

muito à Leonel Moura,

duvidamos que se sen-

tasse Eugénio Cano. Não

se compreende como é que

o autor embala em exces-

sos (folclóricos) depois do

equilíbrio conseguido na

parede.

Biblioteca Nacional -

Campo Grande (10 às 18

horas, excepto domingos)

JOÃO CUTILEIRO - Ex-

posição antológica de 34

anos de actividade do re-

sponsável pela dignifi-

cação e difusão da escul-

tura em pedra, de

pequeno formato ou de

parede. Independentemente

da repetição dos

temas e técnicas, João

Cutileiro soube manter-se

atento à vitalidade da

escultura portuguesa

protagonizada pelos sete

escultores presentes em

homenagem ao seu

Mestre: António Campos

Rosado, José Esteves, José

Pedro Croft, Manuel Rosa,

Maria Felizol, Pedro

Fazenda e Silvia West-

falen.

Galerias das Exposições

Temporárias da Fundação

Gulbenkian (10 às 18

horas, excepto segundas-

feiras)

MARTIN DISLER - Para

a primeira incursão no cir-

cuito internacional da arte

contemporânea, a opção

pela obra gravada de um

dos últimos "resistentes"

da *bad painting*, permitirá

compreender a estratégia

que a galeria defende. A

litografia, em Martin

Disler, é o veículo de um

transfer: "Quando desen-

hei pela primeira vez uma

pedra, como num espelho,

surgiram-me os rostos dos

que antes de mim tinham

criado uma litografia

sobre a mesma pedra.

Depois de um período de

trabalho como gravador,

cada vez que regressava à

pintura, sentia-me limpo,

animado de um

movimento novo".

Pedro e o Lobo - Rua do

Salitre, 169 (15 às 20 horas,

excepto domingos. Até 7

de Abril)

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO

DE GRAVURA NA

ESBAL - 29 alunos

testemunham a qualidade

do ensino dessa disciplina

ministrado pelos profes-

sores Gil Teixeira Lopes e

Matilde Marçal, aqui

homenageados. A simu-

lação do que é uma oficina

de gravura (xilogravura,

calcografia, águas-fortes e

serigrafia) desmistificam e

aproximam o público dos

trabalhos presentes.

Galeria Municipal de

Arte (15 às 22 horas,

excepto segundas-feiras.

Até dia 30)

ESTORIL

JOH - "Magnificências",

esculturas

Galeria Arcada (11/13 e

14/19 horas, excepto

terças-feiras. Até 23 de

Abril)

OEIRAS

COLECTIVA - José Faria,

Max Sachs, Manuel Peres,

Stefan Oncken e Tom

Bund, directores de

agências de publicidade,

expõem desenhos e

pinturas.

Galeria Espiral - Rua

Cândido dos Reis, 90 (10/

14 e 15/19 horas, excepto

domingos. Até dia 3 de

Abril)

J.F.

CASTRO & CRUZ, LD.A

Cópia extraída da escritura lavrada de fl. 50 a fl. 51 do livro de notas
para escrituras diversas n.º 249-A do Cartório Notarial de Mafra.

Aumento de capital e alteração parcial do pacto social

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
133º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÊSAMO
101º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
77 episódio
21.10 - CLUBE DE SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL
10º episódio: Maria de Lurdes Resende é a convidada desta semana. O público terá ainda o prazer de ouvir Crispim cantar um fado triste, como triste parece ser o seu destino, tanto mais que Natascha irá fazer as pazes com o seu Cachucho. Ivete Carina, que continua a tentar resolver o mistério do filho desaparecido, decide visitar Gradívia, a sua verdadeira mãe. Ivete faz-se acompanhar por Trafaria e apresenta-o a Gradívia, uma imigrante russa (talvez só por enquanto...) que sabe tirar proveito das fraquezas do chamado «sexo forte». Quem também volta a aparecer é Hitler. O Fuhrer, para espanto de Cachucho e de Natascha Seminova, visita o esgoto, um dos locais «in» desta série humorística - é aí que Lurdes Resende interpreta um dos grandes sucessos do seu tempo: «A Moleirinha».
- 22.50 - OSCARS 1990
- A CAMINHO DA GLÓRIA
23.55 - 24 HORAS
00.25 - UM DIA...
00.30 - REMATE
00.40 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

- 16.55 - O JOVEM SHERLOCK
17.20 - A HISTÓRIA



«Primeiro, o Ovo», o início de uma série no 2º canal, às 18.25

DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
21º programa: embora possa falar-se de uma «revolução» da tuba nos Estados Unidos da América do Norte, este instrumento foi aperfeiçoado, em 1935, pelo exército prussiano e ainda é, hoje em dia, considerado como característico das marchas na Alemanha.

17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
67º episódio
18.25 - PRIMEIRO, O OVO
Baseado em acontecimentos verídicos, este filme narra-nos a história de uma professora que, um dia, ao esquecer-se dos livros e dos apontamentos em casa, resolve dar uma aula diferente, expondo aos alunos os seus problemas quotidianos e fazendo com que eles consigam desabafar entre si. Um filme de Robert Thompson, com Justine bateman, Chris Hebert, Elizabeth Huddle, James McNichol, Jack Riley, Helene Udy



O 77º episódio da telenovela «Vale Tudo» (António Fagundes, na foto, no papel de Ivan) no 1º Canal às 20.15

e Mary Wickes.
Duração: 48 minutos.
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 27º episódio.
20.30 - HÁ PINTORES QUE...
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ÓPERA
«O Trovador»

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

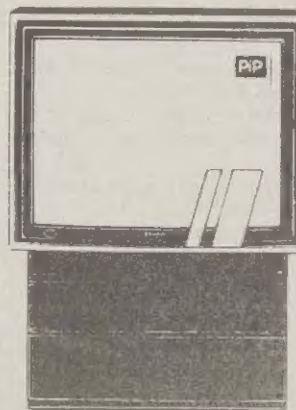
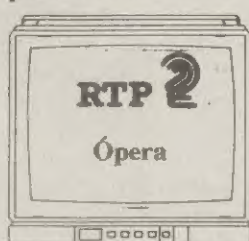
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ
RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÊSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.15 - CRÔNICA DO CRIME
23.10 - OSCARES 1990
00.05 - 24 HORAS
00.35 - UM DIA
00.40 - REMATE
00.50 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

- 14.31 - TELEMERCADO
14.55 - FILHOS E FILHAS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - HISTÓRIA
DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.15 - MUSIC BOX
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - CINE MAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
«Alice nas Cidades»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de mapas veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida). Móveis - sala e quarto (por medida). Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200ª exposição)

temas e técnicas, João Cutileiro soube manter-se atento à vitalidade da escultura portuguesa protagonizada pelos sete escultores presentes em homenagem ao seu Mestre: António Campos Rosado, José Esteves, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Maria Felizol, Pedro Fazenda e Sílvia Westfalen.

Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (10 às 18 horas, excepto segundas-feiras)

MARTIN DISLER - Para a primeira incursão no circuito internacional da arte contemporânea, a opção pela obra gravada de um dos últimos «resistentes» da *bad painting*, permitirá compreender a estratégia que a galeria defende. A litografia, em Martin Disler, é o veículo de um *transfer*: «Quando desenhei pela primeira vez uma pedra, como num espelho, surgiram-me os rostos dos que antes de mim tinham criado uma litografia sobre a mesma pedra. Depois de um período de trabalho como gravador, cada vez que regressava à pintura, sentia-me limpo, animado de um movimento novo».

Pedro e o Lobo - Rua do Salitre, 169 (15 às 20 horas, excepto domingos. Até 7 de Abril)

ALMADA
30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.

Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 30)

ESTORIL
JOH - «Magnificências», esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
COLECTIVA - José Faria, Max Sachs, Manuel Peres, Stefan Oncken e Tom Bund, directores de agências de publicidade, expõem desenhos e pinturas.

Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas, excepto domingos. Até dia 3 de Abril)

J.F.



«O que o Governo quer é salvar a RTP e liberalizar o menos possível»

Paulo Portas, «O Independente», 23.03.90

A PERGUNTA DO DIA



Carlos Lage
Partido Socialista

Vai recandidatar-se à liderança da Federação do Porto do Partido Socialista?

«Sim, confirmo a minha recandidatura. Vou concorrer às eleições apoiado pelo consenso dos eleitos e das figuras políticas e intelectuais do Partido Socialista no Norte do País, em particular pelos da região do Porto e seguro de um contacto íntimo com as bases do PS.

Para o efeito, não procurarei o consenso entre as capelas, grupos e grupinhos, pois foram eles que permitiram a corrosão do Partido Socialista aqui no Porto.»

Terça-feira no

Diário de Lisboa

A entrega dos óscares em Grande Angular

«Conselho da Europa: a Casa Comum Democrática» por Álvaro Vasconcelos

O Programa Ciência — rebaçado para cientistas

A crónica de Umberto Eco

APLAUSOS A...

João de Deus Pinheiro, pela posição que marcou na diplomacia internacional ao organizar, em Portugal, a reunião extraordinária do Comité de Ministros do Conselho da Europa, reunindo 23 países na discussão da «nova arquitectura europeia». É verdade que o ministro português dos Negócios Estrangeiros assumiu a presidência do CE num período de grandes mudanças na vida do Velho Continente. Isso poderá proporcionar-lhe, porém, a oportunidade de aumentar a influência política do nosso país no exterior. Só resta esperar que este poder de iniciativa não se esgote aqui.



Carlos Candal, deputado socialista, pela óptima ideia que teve em promover a criação de um local de convívio na Assembleia da República. De acordo com o que tem sido divulgado, a associação vai desenvolver acções de índole cultural, desportiva, social e recreativa. Será com certeza uma oportunidade óptima para os deputados conviverem e se divertirem nas horas vagas, ficando com melhor disposição para assistirem atentamente às sessões do Parlamento...



& PATEADAS A...

Valente de Oliveira: Tecto democrático para Lisboa

O ministro do Planeamento e Administração do Território, Valente de Oliveira, terá estabelecido um tecto democrático para Lisboa. Claro que, ao ler-se a notícia, se fica a saber que esse tecto é, isso sim, demográfico. No entanto, o lapso pode ser significativo. Freud explica...

«Povo Livre», o órgão oficial do PSD, ter deixado escapar o lamentável lapso de que existem *plafonds* para a democracia. Na última página da sua mais recente edição, aquele jornal afirma que o ministro do Planeamento e Administração do Território, Valente de Oliveira, terá estabelecido um tecto democrático para Lisboa. Claro que, ao ler-se a notícia, se fica a saber que esse tecto é, isso sim, demográfico. No entanto, o lapso pode ser significativo. Freud explica...



Banco de Portugal, pelo mau negócio que fez ao colocar 18 milhões de contos numa empresa que não oferecia garantias. Claro que errar é humano, mas quando esse erro afecta os pobres cofres portugueses a coisa muda de figura. Os responsáveis por aquela entidade bancária alegam que desconheciam a situação da empresa norte-americana Drexel. Já na altura do investimento português se conheciam algumas dificuldades naquela empresa. Aliás, também há um mês a «International Business Week» dava conta de graves irregularidades na Drexel.

Não há boa publicidade sem bons produtos

Certo? Errado? A verdade é que a publicidade faz parte do nosso mundo. É uma arma importante para as empresas, mas nem sempre bem utilizada



Amanhã, no «DL», um olhar sobre o marketing

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA



Agorafobia amável

Marcel Proust sofria muito de agorafobia. Talvez por isso padecesse de asma paralisante. Sequestrado voluntário, enclausurado no meio das *plaidés* e cortinados, só excepcionalmente uma excursão ou outra, um passeio, uma visita entre o Bois de Boulogne e a Île de St. Louis.

Agorafobia? Palavra composta por dois termos gregos que significa... ser «grego», desorientado, assustado nos grandes espaços, ou hostis vazios, ou superpovoados, e, também, em recintos fechados ocupados pelas hordas dos nossos irmãos.

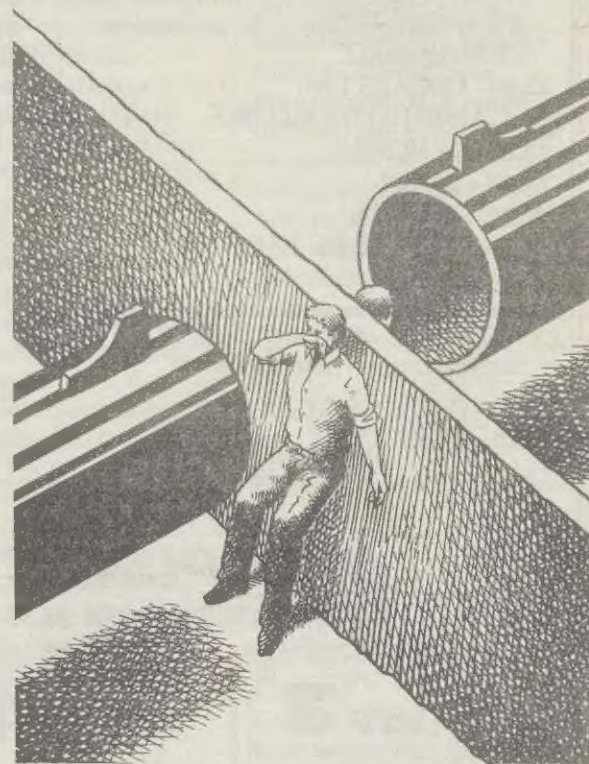
Muita gente sofre desta doença — opressão, e foge dos arraiais, comícios, estádios, metropolitano na hora de ponta, Fátima, cantinas de bancários. Agorafobia — o oposto de claustrofobia. Fobia da «agora», «forum» em latim, praça em português. Medo da multidão, dos tectos baixos das salas fechadas.

Porém, cada vez mais somos esmagados nesses selvagens acampamentos da civilização urbana, regidos pela demografia galopante. Fecundo terreno para um bom stress. E, se todos temos dificuldade em lá viver, os doentes de agorafobia têm-na muito mais... Não vivemos com os outros, mas com multidões sem rosto.

Para bem sobreviver, de pequenino se torce o pepino. O álbum de Martin Handford, «Onde está Wally» (Terramar), aliás já falado neste jornal, é uma aprendizagem útil e engraçada. Copio a crítica do meu filho que considero o livro laconicamente: «bestial». Porém, álbum para todos. Através da aventura visual de procurar o companheiro Wally, um, só, abandonado, viajamos nos cenários habituais das massas humanas da praia, da estação, do hipermercado, avançamos com dificuldade, perdemos-nos, esquecemos a nossa identidade e nenhuma pulseira mágica nos salva. Um mundo balanceado entre a angústia e a estranha alegria de estarmos ainda mais ou menos vivos entre os mais ou menos vivos.

Condição humana.

Jorge Listopad



A.M.A.

Auto Monumental de Aveiro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75